

Laura Conrado

FREUD

ME TIRA DESSA!



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Laura Conrado

FREUD

ME TIRA DESSA!



1



2

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por estimularem meu autoconhecimento e permitirem que eu descobrisse o meu jeito de viver. Obrigada por tudo!

Aos meus irmãos, pela companhia sempre constante e por acreditarem em mim.

Às minhas queridas amigas, que sempre gostaram de ouvir as minhas histórias e me incentivaram a transformar algumas delas em livro.

Ao Pedro, por fazer parte deste e de tantos outros projetos, pelo companheirismo com que me presenteia todos os dias.

Aos psicólogos e psicanalistas que já me atenderam, em diferentes momentos da vida, pela ajuda oportuna na qual me inspirei para escrever este livro.





3

PRÓLOGO

Freud é um conhecido da minha infância. Lia seu nome nos livros da minha mãe, que é psicóloga, e ouvia o bordão "Freud explica" com frequência das pessoas mais velhas. Sigmund Freud era médico e nasceu em 1856, na Áustria. Foi pioneiro nos estudos sobre a cura pela fala e ficou conhecido como "pai da Psicanálise"

Eu já fui muito beneficiada pela Psicanálise e por outras linhas de psicoterapia às quais já me submeti como a Logoterapia, de Viktor Frankl. Quando eu era mais nova me apaixonei pelo meu antigo terapeuta. Na época, aquilo tudo foi angustiante, mas depois de percorrer os doloridos porém compensadores — caminhos para dentro de mim mesma e me ver — livre dos enganos que carregava, essa história virou fonte de graça. Graça no sentido bem amplo da palavra: o sentimento de alívio, exclamação de quem alcançou uma vitória e também de achar engraçado. Passava horas divertindo as minhas amigas com minha paixão platônica e com as trapa-

lhadas em que me envolvia.

Não estudei Psicologia e minha compreensão sobre as teorias é mínima.

Prefiro ser só cliente. Sou apenas atraída pelo assunto e acredito, de verdade, que falar é a melhor maneira de se curar.

A história da Catarina é baseada nessas estripulias que vivi, mas a

Catarina é uma pessoa bem diferente de mim, com sua própria estrutura



familiar e história de vida. Espero que muitos possam rir e chorar com ela, assim como eu ri e chorei ao escrever este livro.

Boa leitura!

Laura Conrado



5

CAPÍTULO 1

*"Estou no começo do meu desespero,
e só vejo dois caminhos: ou viro doida, ou santa."*

Adélia Prado

Sem olhar para trás. Era assim que eu tentava sair daquele maldito encontro.

Acabava de levar um fora e fazia de tudo para esconder meu choro. Naquela

altura,

as lágrimas borravam minha maquiagem e levavam todo o rímel que tinha nos cílios. Eu devia estar igual a um panda. Sentia vergonha das pessoas que passavam

na rua e me viam esperar um táxi sozinha, com aquela cara de menina rejeitada.

Eu tinha esperado a semana inteira para estar com Rubens. No trajeto da minha casa até o restaurante, ele estava normal. As bebidas mal tinham chegado quando ele soltou, de uma vez, que estava gostando de outra pessoa.

Ele estava tão seguro na fala que nem tentei jogar charme ou começar com o papo de "despedida". Não quis saber quem era a outra. Mas queria muito saber como ela tinha cativado o Rubens. O que ele viu nela que não viu em mim? Por que

ela estava sendo escolhida e não eu? Por que, quase sempre, os caras com quem me

envolvia sempre ficavam com as outras? Mas, claro, eu nunca perguntaria em voz

alta.



6

Tentei manter a classe e o mínimo de controle. Ele disse que poderíamos ser amigos. E eu queria quebrar o copo na cabeça dele. Mas falei que sim, claro.

Querendo me ver livre daquela situação, sem demonstrar estar um caco por dentro,

disse que, possivelmente, iria encontrar com algumas amigas, já que era sexta-feira.

Idiotice. Não adiantaria fazer pose. Ele simplesmente não me queria. Desejei boa sorte e me levantei. Foi quando desceu a primeira lágrima. E não parou de descer tão cedo.

— Para de chorar, Catarina! Espera chegar em casa! — eu tentava, em voz baixa,

dar ordens a mim mesma.

Rubens era alto, tinha os braços fortes, os olhos bem pretos e dentes lindos. Eu era fascinada por dentes. Adorava um sorriso certinho. Trabalhávamos no mesmo

lugar, razão pela qual optei por manter nosso caso em segredo. Eu tinha alguns meses na empresa quando ele puxou assunto comigo no estacionamento. Estava chovendo e ele abriu um guarda-chuva, oferecendo-se para me levar até meu carro.

Aceitei preocupada com o estado que meu cabelo ficaria depois de tomar chuva. Na

verdade, eu estava indo me encontrar com um antigo paquera, o Daniel, mas o cara

acabou voltando para a ex-namorada. Eu devia ter previsto. Dois anos e meio de namoro, cinco semanas de término. O cara tem dois caminhos: ou vira pegador, ou

volta para a ex. Eu, aliás, era um excelente agente catalisador de retomadas. Era como se ficar comigo fosse o necessário para o cara ver que amava mesmo a outra.

E eu era, no máximo, uma das melhores pessoas que eles haviam conhecido, adoravam minha companhia, desejavam o melhor do mundo para mim e antecipavam a sorte da pessoa que, um dia, estaria comigo. Ainda assim, voltavam

ou encontravam outras. Eu vivia num *looping*.

Comecei a reparar no Rubens quando ele passou a mão na minha cintura,
puxando-me para perto, a fim de que coubéssemos debaixo do guarda-chuva.
Que



7

mão forte! Eu também adorava mãos de homens. Dentes e mãos. Braços.
Pegada. E

ah... Isso ele tinha! Depois que meu caso com Daniel desandou, comecei a
prestar

mais atenção em Rubens, que tinha começado a me rodear. Como uma boa
pegada

sempre faz bem ao ego, acabei cedendo à tentação de sair com alguém do

trabalho.

A empresa em que trabalhávamos era uma multinacional bem conhecida e com centenas de funcionários. Rubens tinha 28 anos e estava terminando a faculdade naquela época. Ingressou bem jovem na empresa, em uma função simples, e foi crescendo. Era assistente de um dos diretores da produção. Tinha disposição para todo tipo de esforço físico, entendia da fiação do meu apê, de montar móveis e reconhecia todos os barulhos do meu carro. Não tinha lido muitos livros, tinha preferência por filmes de carros, competições, briga de rua, explosão e pessoas voando. E atuava muito bem nas cenas de pegada.

Eu tinha me formado em Administração, estava para completar 23 anos, tinha minha pequena mas própria biblioteca e estudava para tirar meu certificado de inglês, preparando-me para alguma coisa fora do país — que eu ainda não sabia o

que era. Entre minhas preocupações, estavam pagar minhas contas em dia, juntar grana e acordar cedo sem pedir ao porteiro para me interfonar. Estava morando sozinha pela primeira vez, o que era motivo de alegria para mim. Arrumar um namorado também estava entre as minhas metas, mas isso eu não confessava. E eu

tentava, como tentava! Estava sempre aberta a conhecer alguém. Sempre emendava

um caso no outro. Minhas intenções eram as melhores. Entretanto, eu só sobrava.

Passava uns dias e lá estava eu com outro rolo. Mas namorar mesmo, nada. E

isso

me incomodava: eu já estava com quase 23 anos e com namoros de seis meses, no

máximo. Também pudera, só encontrava tranqueira no caminho.

Estava saindo com Rubens há quase dois meses. Não estava apaixonada, mas também não fazia ideia de que o fora fosse me doer tanto. Dentro do táxi,



8

justificava a mim mesma que devia estar abalada daquele jeito por estar sozinha em

Belo Horizonte. Minha família morava em Divinópolis, interior de Minas

Gerais.

Mudei em razão do emprego que havia conseguido. Eu nem acreditava que morava

sozinha, tinha um emprego de verdade e um carro na garagem. Claro, com presta-

ções a vencer e aluguel e condomínio para pagar. Adorava BH, cidade em que tinha

nascido, mas de onde saí ainda pequena. Meu pai, Camilo, tinha sido aprovado

num concurso público e fomos todos para lá: minha mãe Virgínia, meu irmão Lucas

e Amanda, minha irmã caçula. Lucas se formou em Engenharia de Produção e

estudava nos Estados Unidos. Amanda, um ano mais nova do que eu, ainda

morava com meus pais. Para meu alívio, logo cheguei à minha casa. Doeui concluir

que passaria a noite sozinha e que não teria o fim de semana que eu havia

planejado. Também doeui tirar o resto da maquiagem e o vestido cuidadosamente

escolhido. Tanta expectativa por nada. Cortava-me o coração lembrar que durante a

semana não teria e-mails desejando-me boa tarde e que não teria que despistar

risinhos e trocas de olhares nos corredores da empresa. E que não teria aquela

companhia boa e alguém para conversar sobre os problemas do trabalho sem ter de

ficar explicando quem é quem.

"Por que você se empolgou, sua idiota?", dizia a mim mesma. "Tudo sempre

acaba do mesmo jeito!"

E lá ia o Muro das Lamentações. Aliás, eu tinha virado o próprio Muro, cujas fendas estavam repletas da minha amargura, tristeza e ódio do mundo. Imagens de casais apaixonados saltavam da televisão. Todas as pessoas felizes do mundo saíram para fazer compras no mesmo horário que eu. Mulheres lindas, bem-vestidas e com cabelos que pareciam ter passado pela escova progressiva na barriga mãe cruzavam meu caminho. E me martirizava com os pensamentos "será que é ela



a namorada do Rubens?". Ficava imaginando uma mulher linda, magra, alta e bem-

vestida. Eu me sentia a feia mais medonha do mundo.

Queria, pelo menos, ter dinheiro para torrar. Comprar coisas boas, comer em lugares caros, sair para qualquer lugar ou viajar. No entanto, a vida de recém-formada era dureza. Além de ter que viver provando competência no trabalho, o salário ainda não era grande coisa. Sem falar que eu não tinha mais a mamata de morar com meus pais. Eu pagava a luz, água, moradia, comida, celular, internet...

Meus pais me ajudaram muito dividindo as prestações do carro comigo e me dando alguns móveis para montar meu apê. Mas como eu queria ter mais! Preferia

chorar num apartamento de luxo com roupas de revistas do que na minha caixinha

de fósforo e no meu carro com inúmeras prestações a vencer. Nos momentos de perda, sempre achava que havia feito alguma coisa de errado para estar passando por aquilo. Para terminar de expiar meus pecados e querendo escutar algo que me

consolasse, fui à missa no domingo. A Igreja Nossa Senhora das Dores seria perfeita

para mim. Monte Calvário também. Participar de alguma *Via Crucis* em que as estações fossem meus fracassados relacionamentos também caberia. Acabei indo a

uma pequena capela buscar algum conforto.

No domingo à noite, passei na casa da Mônica, minha colega do trabalho. Ela era publicitária, tinha a minha idade e era descendente de japoneses. Ficamos amigas assim que nos conhecemos no trabalho. Ela morava com os avós, já que seus

pais tinham se separado e refeito a vida com outras pessoas.

— Tranqueira, Mon. Não deu o menor sinal de que ia pular fora. Nem de que estava conhecendo outra pessoa. Sobrei...

— Eu nem sei o que dizer. Para mim, vocês iam namorar, estava tudo indo bem.

Mas daqui a pouco, a Cat aí arruma outro! — Mônica tentava me animar evocando

meu apelido de infância. Quando comecei a estudar inglês, ainda criança, aprendi a





10

palavra *cat*, gato em inglês. Vendo que a palavra eram as três primeiras letras do meu nome e me achando uma felina, lancei para minha família meu apelido. Desde

então, todos me chamam assim.

Mônica era uma das amigas mais engraçadas e queridas que eu tinha feito na empresa. Estávamos sempre rindo e, às vezes, chorando. No trabalho, andava muito com ela e com a Fabiane, advogada. Nós três tínhamos pouco tempo de empresa e de formadas. Compartilhávamos a vontade de crescer, de ganhar mais e

o desejo de ter uma vida afetiva tão bem-sucedida quanto a profissional. Fabi namorava há dois anos um colega da faculdade, o Flávio. Era apaixonada por ele e

estava sempre investindo no namoro. *Lingeries*, revistas de moda e ginástica, dicas

de *performance* sexual e de beleza eram os papos favoritos de Fabi. Eu não sabia o

porquê de tanto esforço. Fabi parecia a *Barbie*. Tinha os olhos azuis, os cabelos

longos e lisos, repletos de mechas loiras. Estava sempre em forma, andava bem-vestida e chamava atenção por onde passava. Era linda! A vida dela corria bem, mas estava desesperada para juntar dinheiro, a fim de andar com os planos de casamento. Contudo, adorava gastar e se culpar depois.

Mônica e eu éramos as solteiras do trio. Eu mais solteira do que ela. Mon estava voltando a sair com um ex-namorado, o Vítor, de quem havia gostado muito. Ela tinha algumas ressalvas com o comportamento dele, mas parecia que ele estava tão

interessado em fazer dar certo daquela vez que Mônica ia levando. E gostando. Eu

ouvira minha amiga dizer, com brilho nos olhos puxadinhos, quanto o fim de semana com Vítor tinha sido diferente de tudo o que viveram no passado.

E eu só pensava no quanto meu fim de semana tinha sido igual aos outros. Sabia que queria o melhor para minhas amigas, mas sentir inveja naquele momento era inevitável. E, de alguma forma, aquele sentimento ruim me impulsionava a querer

mudar. Eu pensava no que deveria fazer para mudar: ginástica, dieta, livros de



11

autoajuda, posar de liberal ou bancar a santa. Onde eu estava errando a mão? Por que as coisas na minha vida estavam tão emboladas? Às vezes, sentia-me velha demais; outras vezes, uma menina com problemas na escola.

Gostaria de ter desabafado mais com a Mon, mas o clima dela era outro. E eu já havia lamentado demais. Por mais que minha amiga me ajudasse, achei que ela não

iria entender as coisas que eu teria a dizer. Despedimo-nos e segui para a minha casa. Detonei o pedaço da torta de frango que tinha prometido deixar para o café

da manhã de segunda. Era a única delícia que teria naquele restinho de noite e não

queria me privar. Comi e pronto. Encerrei meus pensamentos, porque justificar minha gula não diminuiria as calorias.

Na manhã seguinte, arrumei-me o máximo que pude para não parecer que estava produzida. Não queria que ninguém — o Rubens — percebesse que eu estava produzida além da conta, como se me importasse demais e quisesse dizer "olha o que perdeu". Também não queria me delatar, mostrando que havia chorado

muito no fim de semana, me acabado no brigadeiro e na tortinha de frango. Queria

passar a imagem de que a vida continuava e que nada tinha me acontecido. Por sorte, só o vi de longe, no refeitório, na hora do almoço. Fingi que não o vi, aproveitando que estávamos em lados opostos. Meu dia seguiu normalmente.

Fiquei o máximo que pude sentada na minha mesa, evitando circular na empresa e

encontrá-lo. No final da tarde, recebi um e-mail de um colega, Fábio, avisando que

estaria ausente durante a semana. Na mensagem, ele dizia que iria para uma filial da empresa em outra cidade, na companhia de outros funcionários. Entre eles,

Rubens. Minha vergonha de vê-lo estava adiada por uma semana. Fiquei aliviada pensando que a dor diminuiria até lá, a ponto de conseguir conviver com Rubens.

A semana correu normalmente. Sentia falta dele. A mesma falta de sempre.

Falta de homem. Não só no sentido físico, mas da companhia. Há muito tempo eu



12

sentia que tomava conta de mim sozinha. Gostava da minha independência, do meu jeito despachado e de fazer as coisas à minha maneira. Mas ter alguém para me pegar em casa, me ouvir e dividir o dia a dia seria muito bom. Contudo, eu precisava lidar com a minha realidade e logo cortava esses pensamentos.

Na sexta, fui trabalhar preparada para viajar para a casa dos meus pais, já que havia um mês que não os visitava. Da última vez que tinha estado em Divinópolis, o

fim de semana tinha sido bem agradável. Nenhuma falação na minha cabeça.

Morar fora deixava a convivência melhor: como nos víamos pouco, o tempo que estávamos perto ficava para as coisas boas. No final do dia, troquei de roupa — coloquei um tênis e uma daquelas calças de moletom que não vestem ninguém bem, mas são confortáveis. No entanto, certas coisas só acontecem comigo. Eu estava mexendo no porta-malas do carro, no estacionamento, quando um carro da

empresa chegou. Gelei. Tinha certeza de que o Rubens estava naquele carro, voltando da viagem. Tentei fingir que não vi, entretida mexendo no carro, mas não

teve jeito. O zé ruela do Fábio, que estava dirigindo, parou bem ao meu lado.

— Fala, Cat! E essa roupinha aí? Já está no clima do fim de semana? — disse ele para me matar de ódio. Fábio era gente boa, engraçado, mas tudo o que eu menos

queria era brincadeira naquele momento.

— Oi, gente! E aí? Muito trabalho? — conseguia ver o Rubens no banco de trás.

Ao lado do Fábio estava um cara com quem não tinha muita intimidade e nem sabia o nome.

— Um bocado. Vai viajar?

— É, vou ver meus pais. Vou sair logo.

— Beleza, Cat! Estamos cansados e queremos entregar as coisas da empresa logo.

O pessoal aqui está querendo namorar... — disse Fábio, rindo, olhando para trás.

Não dava para saber ao certo com quem ele falava: se era com o Rubens ou com o



13

cara da frente. Ou com os dois. Mas não fazia diferença. Eu sabia que ele estava com outra.

— É... eu também tenho que pegar estrada! Até mais, gente! — fechei o portamalas e entrei no carro. Como se não bastasse o Rubens ter me visto toda desarrumada, parecia que o namoro dele estava firme. Para outro cara zoar daquele

jeito era porque o caso estava público. Apertei o play e deixei rolar as minhas

músicas favoritas para momentos de sofrimento. Estava triste e resignada com o fato de tê-lo perdido para outra. Contudo, não era só tristeza: era uma revolta, um

sentimento de estar inconformada com a minha realidade. Estar com a vida mais ou

menos estava me matando por dentro. Não entendia o que me gerava tanta raiva, mas também não sabia o que me deixaria contente. Será que só ter um namorado me faria feliz?

A viagem correu bem. Minha mãe abriu o portão da garagem, me recebendo.

Meu pai me ajudou a descer com as malas e a trouxa de roupa suja. Pensei que minha mãe fosse me alfinetar pela quantidade de roupa para lavar e pelo tempo que fiquei sem visitá-los. Nada. Recebeu-me bem, perguntou das novidades e como

estava o trabalho. Enquanto comia alguma coisa, minha mãe e meu pai ficaram sentados comigo, como se esperassem ouvir alguma coisa ou aguardassem o melhor momento para me dizer algo.

— E a Amanda? Cadê ela? — perguntei dando falta da minha irmã.

—Ela saiu. Acho que volta tarde — minha mãe respondeu rapidamente.

— E como é que ela está? — continuei.

— Amanhã ela vai estar aqui e você conversa com ela.

— Que bom que ela está saindo. Só estuda.

Amanda cursava Medicina e era o xodó da casa. Cabelo lisinho e bem escuro,

branquinha, olhos castanhos, baixinha e magrinha. Doce, meiga, falava baixo, com



14

jeitinho manso. Eu era maior, já não tão magra nem tão delicada, falante, com cabelos mais rebeldes, ondulados e mais claros. Eu sabia que meus pais tinham certa predileção por ela. Filha caçula, nunca deu trabalho e seria médica. Que família não gostaria ter um médico em casa? Ainda mais com pais iguais aos meus.

Às vezes tinha raiva de a Amanda ter tudo na mão. Eu sentia um misto de raiva e orgulho da minha independência. Gostava de exhibir que morava sozinha,

que

dirigia na estrada e tinha minha vida. Às vezes, porém, um lado mais infantil aflorava e me dava vontade de ser como ela: pronta para ser protegida.

Não desfiz as malas, nem mexi no meu antigo quarto. Só coloquei meu pijama e bati na cama. Antes de dormir, percebi que a conversa entre meus pais estava exaltada. Esforcei-me um pouco e acabei ouvindo alguma coisa.

— Não sei como isso vai terminar, conhecendo o temperamento dela — disse meu pai.

— Mas nós não podemos entrar no meio disso. Elas têm que resolver entre elas, Camilo — retrucava minha mãe.

Depois não consegui ouvir mais. Não entendi de quem eles estavam falando.

Mas devia ser coisa das minhas tias ou um desentendimento de vizinhas. Coisas da

vida dos outros, sem importância para mim. Relaxei e apaguei.

Acordei no meio da manhã com planos de passar caqui na pele, hidratar o cabelo e fazer as unhas. Comecei pela fruta. Prendi os cabelos e lambuzei meu rosto. A Amanda não estava em casa, o que me fez pensar que ela devia estar bem

enturmada com o pessoal da faculdade. Mas logo ela apareceu. Eu estava bem-humorada e fui logo dando um abraço.

— Oi, Cat! Que saudade! A gente pode conversar? — disse Amanda.

— Já estamos conversando, uai!

— Vamos lá na sala então — disse ela me pegando pela mão.



15

Eu ainda estava com caqui na cara, com a calça do pijama e uma camiseta de alça velha. E os cabelos para cima. Foi nesse estado que vi o ex-grande amor da minha vida, Artur, sentado no sofá da minha casa. O que há alguns anos seria um sonho para mim, naquele momento era um pesadelo. Quando nos vimos na sala, dei meia-volta e fui correndo lavar meu rosto. Abri a mala com pressa, pegando a primeira roupa normal que via, soltando o cabelo, que estava imundo, e tentando

dar uma ajeitada rápida em mim. E, a cada segundo, me perguntava o que Artur estava fazendo ali.

Voltei para a sala e percebi certa intimidade entre Amanda e Artur.

— Oi, Artur! Desculpe a correria. Não esperava visitas agora.

— Oi, Catarina, quanto tempo! — ele levantou e apertou a minha mão. — Soube que está morando em BH.

— É, acabei voltando para lá por causa do meu trabalho.

— Bacana, a Amanda me contou.

— Cat, eu trouxe o Artur aqui pra nós conversarmos — dizia Amanda numa firmeza que não lhe era peculiar.

— Sobre o quê? – eu perguntei.

— Cat, eu só conhecia o Artur de ouvir você falar. Neste ano, tive oportunidade de conhecê-lo melhor. Estamos juntos. Namorando há algumas semanas. E queria

te contar isso pessoalmente. Como você veio só agora...

Eu tinha de responder alguma coisa? Meu Deus, o que eu iria falar? Por que a minha irmã estava me contando isso na frente dele? Por que não falou comigo sozinha? Devia ser o medo de apanhar, lógico. E eu ia bater! Eu tinha gostado do Artur grande parte da minha adolescência. Tivemos um rolinho na escola e sofri horrores. Como ela tinha feito isso? Minha própria irmã namorando o menino por

quem eu era apaixonada. Eu estava com medo da minha própria reação. No



16

entanto, como estava na frente dele, precisava manter a civilidade, afinal, quem quer ter o filme queimado na frente do ex?

— Acho que não era necessária essa formalidade para me contar isso, Amanda. É só um namoro... — eu queria cortar o assunto para ir chorar e esmurrar o travesseiro no meu quarto.

— Ah, Cat, mas eu lembro que você gostou muito dele! Dos 15 aos 18 anos, eu escutei suas histórias!

"Você não quer queimar mais o meu filme, sua anta? Não quer dizer que eu

chorava, fazia regime e me arrumava para todas as festas da escola na expectativa

de ficar com ele de novo e para sempre? Por que não conta das poesias que escrevia, dos sonhos idiotas que fazia? Como minha própria irmã me expunha daquela forma? Como um cara que eu não via há anos ainda era capaz de me fazer

sentir tanta vergonha? Como eu podia me sentir a pessoa mais derrotada do mundo em tão pouco tempo?" — obviamente, eu não disse isso, mas berrava mentalmente cada palavra e jogava os arranjos da mesinha sobre eles.

— Amanda, não viaja! – disse entre risos forçados. — Eu fiquei com ele algumas

vezes. Gostei durante o tempo da escola, mas isso faz tanto tempo... Foram só uns

beijos, umas ficadas — escorria veneno dos meus lábios enquanto tentava manter

minha pose.

— Está tudo bem para você, então? O Artur pode frequentar a nossa casa?

— Não é para mim que você tem que perguntar isso, Amanda! Eu não moro mais aqui. Mas por mim... Tudo bem! Se for só isso, já vou. Tenho que mandar uns

e-mails.

— É... o Artur também tem que ir. Ele vai voltar para a loja. Você sabe que ele abriu uma loja, Cat? — Amanda disse envaidecida pelo namorado.

— Não, não sabia. Que legal! Parabéns, Artur.



17

— É... tenho trabalhado muito. Preciso ir, combinei só uma passada rápida.

— Eu te levo no portão — disse a mala da minha irmã.

Fui correndo para o quarto. Não sabia se queria chorar ou berrar de raiva. Não sabia o que pensar! Minha irmã tinha me colocado numa situação vergonhosa, contando tudo na frente dele. Como aquela sonsa conseguiu o cara que eu tanto quis? Ele, que era tão sedutor, garanhão e fazia o tipo que não se amarrava, tinha começado a namorar sério com a minha irmã! Meu sonho havia se realizado para ela. Devia ser sobre isso que meus pais falavam ontem à noite. Eles já estavam

sabendo, esse namoro já estava rolando há muito tempo e a idiota aqui sem saber de nada. Ainda veio com aquele papinho tosco de "ele pode frequentar aqui?". Ali

não era mais a minha casa.

Tentei ser madura e ver que eu não tinha o direito de impedir aquele namoro.

Afinal, muitos anos tinham se passado. Eu devia estar feliz por minha irmã, mas queria matá-la. Aquele jeitinho manso era traiçoeiro. Na minha cabeça, ela tinha armado tudo para me deixar constrangida. Estava sentada na cama pensando no que faria. Resolvi ir visitar minha amiga Bianca. Conversar com ela poderia me ajudar. Abri meu guarda-roupa para escolher alguma coisa. Comecei a estranhar algumas blusas. Depois desconheci todas as peças. Abri as gavetas e outras portas

do armário. Metade do guarda-roupa estava infestado pelo cheiro da Amanda.

Blusas, vestidos, colares, maquiagem, casacos... Meu armário tinha virado uma extensão dela. Sem minha permissão, ela tirou minhas coisas sem o menor cuidado,

colocou no canto e se alojou no que era meu. Aquele desrespeito tomou conta de mim. Eu estava possuída pela raiva. Sentia que meu pescoço estava ficando vermelho. Meu coração disparou e uma força descomunal me arrebatou. Peguei as

camisetas e comecei a rasgá-las. Jogava as roupas no chão e pisava sobre elas com ódio. Arremessei todas as maquiagens pela janela que dava para o quintal.



18

Escutei o barulho do portão e percebi que Amanda voltava sem o Artur. Peguei algumas peças de roupa e saí marchando, com raiva, em direção a ela.

— Sua egoísta! Aproveitou que eu estava fora e colocou suas coisas no meu armário! Nem me pediu, não me falou nada! Mexeu nas minhas coisas. Invadiu a minha vida! — eu berrava e jogava as roupas na cara dela.

— Calma, Catarina! — ela dizia assustada.

E eu nem dei tempo. No meio das roupas eu me joguei em cima dela, escorregamos e rolamos no chão. Naquela hora, minha educação, os livros que

tinha lido, meu diploma e minhas conquistas não valeram de nada. Protagonizei um barraco digno de programas populares, em que mães abandonadas vão pedir prova de DNA na televisão. Eu não sabia brigar direito, mas tentava. Era sopapo para lá, puxão cabelo de lá... E a Amanda só sabia gritar socorro. Meus pais desce-

ram correndo e tentavam nos separar.

— Você disse que estava tudo bem, sua louca! O que te deu? — dizia Amanda.

— Eu não estou nem aí para aquele idiota do Artur. Estou falando das minhas roupas! Você tirou tudo e colocou suas bugigangas lá! Meu quarto tá cheio de coisas suas! Aproveitou que eu estava longe!

— Mas você não mora mais aqui! Acabou de dizer isso!

— Mas aqui ainda é meu! O que você pensa? Que essa casa é só sua? Que nossos

pais são só seus? Não mexa mais nas minhas coisas! Nem converse mais com os meus amigos, não chegue perto das coisas que são minhas! Eu vou acabar com você!

— Menina, pelo amor de Deus, olha o que você está falando! Para com isso! — Tentava amenizar a minha mãe.

O meu pai não falou nada. Apenas me tirou dali e me levou ao meu quarto.

Enquanto eu estava sentada na cama, percebia a tristeza estampada na cara dele.



19

Calmamente, ele retirava as roupas do chão e fechava as portas do armário. Ele parecia ser um ponto calmo e controlado no meio da loucura das mulheres da casa.

Sentou ao meu lado na cama. Eu queria falar tanta coisa, mas só chorava. Chorava

ainda mais por meu pai ser tão silencioso. Por que ele não me xingava, não falava

nada? Por que ele se manteve tão calmo a vida inteira?

— Pelo menos o senhor tá aqui comigo! A traidora da minha mãe já tá do lado

da ordinária da Amanda! Ela acobertou esse namoro todo esse tempo. Por isso não

me cobrava de vir aqui: está sempre do lado da Amanda. Aposto que foi ideia dela

se apoderar do meu guarda-roupa!

— Catarina, você precisa superar isso. Já tem seu emprego, seu carro, paga suas contas, mora sozinha, mas às vezes continua agindo como uma criança.

— Até você, pai? Se for para fazer me sentir pior, pode ir embora! Já estou péssima!

— Sim, eu imagino que você esteja péssima. E não estou falando que alguém está certo ou errado. Você tem o direito de sentir raiva, mas pense nas suas reações:

as coisas da nossa casa têm que doer menos, filha.

— É assim que você faz? Ignora tudo para doer menos? Fica na sua, calado, sem se envolver? É assim que você suporta ser você?

— Você está com raiva. Vou deixá-la sozinha. Em outro momento vai pensar no que te falei.

Eu me arrependi do que tinha havia falado. Queria que meu pai batesse boca comigo, mas sua calma me desarmou. Eu queria brigar com o mundo, e ele só queria que me acalmasse. Mas estava nervosa demais para pedir desculpas.

— Hoje é aniversário da sua tia Candinha. É o primeiro aniversário depois que o marido dela morreu. Gostaria que a família inteira fosse. Posso contar com você?

Eu acenei com a cabeça que sim.



20

Não sei por quanto tempo dormi, mas acordei com o dia já se pondo. Aliás, dormir era uma ótima maneira de me anestesiarmos e fugir do mundo. Era tudo que eu

dava conta de fazer naquele momento. Liguei para a Bianca, minha amiga desde que tínhamos mudado para Divinópolis. Combinamos de sair depois que eu fosse à

casa da tia Candinha. Ela era irmã do meu pai e uma tia muito querida. Meu tio tinha falecido há uns meses e ela estava se sentindo sozinha. Eu iria com meu

carro

para evitar contato com a minha mãe e a Amanda, usando a saída com a Bianca como desculpa. Antes de sairmos, minha mãe veio falar comigo.

— A Amanda nem vai levar o Artur lá hoje, pode ficar tranquila.

— Presta atenção, mãe! Eu fiquei nervosa com a folga de ela ter usado meu armário. E, por mim, ela pode levar quem quiser. Vou sair depois, só ficarei um pouco.

— Catarina, você fica tão pouco aqui! Vamos fazer de tudo para ficar bem. Esse guarda-roupa será só seu de novo. Deixa sua irmã para lá.

— Já não estou nem aí para a Amanda. A senhora podia parar de puxar o saco dela.

— Você não sabe de nada, Cat! Conto para todo mundo que minha filha se formou já empregada e trabalha num ótimo lugar! Dá um abraço na sua mãe, aqui!

Mãe é fogo: um abraço e a gente desmancha. Como eu estava envergonhada do que havia feito, aceitei o abraço. Nem aguentava lembrar que tinha saído nos tapas

com a Amanda. Lógico que ela já tinha contado para o Artur, me detonando. Fiquei

aliviada de o Rubens não estar ali para ver aquela cena baranga e de baixaria.

Pensei como seria se eu tivesse um namorado naquele momento. Seria um vexame.

Na minha cabeça, precisava estar perfeita para namorar alguém.

Todos me receberam muito bem na casa da tia Candinha. Meu pai tinha nascido em Divinópolis e, quando estávamos em BH, só pensava em voltar para a cidade.



21

Ele adorava estar entre os irmãos. Meus tios e primos eram legais e nos dávamos bem. Carla, minha prima que trabalhava num banco, sentou-se ao meu lado para colocarmos o papo dia. Ela tinha 26 anos e também não namorava. Por isso costumávamos sair quando ainda morava em Divinópolis.

— Comecei a fazer terapia, Cat! Estou adorando — Carla contou.

— Mesmo? Mas por quê?

— Ah, eu sempre quis fazer. Entrei numa fase ruim com uns colegas lá do banco, não estava gostando do serviço, estava muito triste e não querendo mais ir trabalhar. Aí a moça dos Recursos Humanos me indicou um psicólogo. Já tem pouco mais de um mês.

Minha prima falava, com entusiasmo, de como ela estava percebendo as situações de uma nova maneira depois da terapia. Eu estava tão amarga que ver alguém, mesmo que fosse minha prima, falando com empolgação de alguma coisa deixava-me com inveja. Como eu queria algo que me animasse! Estava odiando a pessoa que estava me tornando e meus ataques de raiva e choro estavam cada vez mais constantes. Já tinha lido algumas coisas sobre Psicanálise e achado interessante. Começou a brotar em mim o desejo de fazer terapia. Fiquei com essa ideia na cabeça.

Mais tarde encontrei a Bianca. Ela era uma amiga ótima e muito engraçada.

Nossas famílias eram amigas e nos conhecíamos desde pequenas. A Bi era a amiga mais louca que eu tinha. Adorava ouvir os casos dela, embora alguns me deixassem boquiaberta com a ousadia.

Contei para a Bi o que havia acontecido. Ela deu leveza a tudo, rindo da cena dos tapas.



22

— Ai, amiga, eu pagaria uma fortuna para ver o barraco! Esse cara nem é isso tudo. O Artur já foi. Quantos caras já vieram depois dele?

— É, amiga, eu sei. Nem lembrava mais dele, mas é que a minha vida tá um desastre. Daqui já não tenho boas lembranças. Em BH foram Daniel e Rubens. Só

tranqueira! Acho que se eu estivesse mais feliz, isso não me doeria tanto! E você

sabe que a Amanda é folgada! Ela me tira do sério!

— Oh, Cat, eu também a acho mimada! Mas é sua irmã. Por pior que seja a ideia, vai que o Artur é o amor da vida dela?

— É, vai que é... — disse isso com uma ponta de tristeza por ter querido tanto e não ter conseguido.

— Amiga, você tem outras conquistas! Acha que todo mundo sai de casa com essa facilidade como você? Tanta gente vai fazer intercâmbio só por uns meses e volta antes porque não aguenta! Você é "jegona", fia! — disse Bi me animando e brincando com uma expressão que tínhamos ouvido em nossas férias na Bahia.

Todo dia a gente via um cara passear com um jegue. Um dia pedimos para tirar foto com o bicho, achando que fosse macho. O dono do jegue, muito simpático, nos

disse que não era um jegue macho. Era uma fêmea, uma "jegona" e que aguentava

muito peso, mais do que os machos! Gostamos tanto da espontaneidade do baiano

que adotamos o verbete, mesmo não existindo, e sempre nos animávamos por ele:

"jegona"!

— Eu merecia outras férias na Bahia, amiga! — disse, lembrando as coisas boas que tínhamos vivido!

— É, mas o que aconteceu por lá, fica lá! — disse Bi, maliciosamente, fazendo-me puxar na memória as maluquices que ela aprontou naqueles dias!



23

Pouco depois, uns amigos nossos chegaram ao barzinho em que estávamos.

Hugo, Beto e Tadeu tinham sido nossos colegas de escola. Não demorou a sair a primeira brincadeira.

— Ô, Beto! Sabia que o Artur está namorando a irmã da Cat? — disse Hugo enchendo o copo do Beto.

— Pô, cara vacilão! Prefiro a irmã mais velha! — disse Beto.

— Ah, obrigada, Beto! Só amigo mesmo para me dizer isso.

— Oh, mas o Artur também... Faz via sacra na família! — Tadeu não perdia a

oportunidade de debochar.

— Mas você está de boa, Cat? — perguntou Beto.

— Já tem muito tempo que eu fiquei com ele...

— Mas você era pirada no Artur.

— Era. Não mais.

— Mas, Cat, o Artur não namoraria alguém como você. Precisava de alguém

mais calma como a sua irmã. Ele não aguentaria seu jeito e seus exs — completou

Beto.

— Meus exs?

— Ah, Cat! O Artur sempre foi baladeiro: de sair, pegar e nunca se envolver.

Mas, quando é o contrário, ele pira. Não aguenta mulher muito independente, não.

O cara é cabeça pequena!

Numa conversa de boteco, comecei a ter uma sacada: eu realmente tinha uma

personalidade mais independente que a minha irmã. Contudo, sabia que não era só

isso. E talvez só eu soubesse de minha sensibilidade e romantismo. Comecei a achar

que talvez estivesse acentuando um lado meu que não correspondia a Catarina por

inteiro. Eu poderia ser como a Amanda: ter chorado, dado uma de vítima e fazer

ceninha para meus pais ficarem do meu lado, mas estava tão condicionada a ter



24

reações de raiva, achando que isso mostraria força. Não podia estar pior comigo, o

que aumentava meu desejo de fazer terapia.

Na manhã seguinte, o clima lá em casa estava bem melhor. Minha irmã não estava e sabia que era para me evitar. Era melhor assim, pois eu queria conversar com a minha mãe sem a concorrência da Amanda. Achei que seria bom comentar

com a minha mãe sobre minha vontade de fazer terapia. Por mais que não fôssemos

muito íntimas, o incentivo dela poderia ser importante.

— Mãe, a senhora viu a Carla comentando que começou a fazer terapia? Ela parece estar gostando...

— Para que ela tá fazendo isso?

— Uai, mãe! Muita gente faz terapia para melhorar, se conhecer, sei lá...

— Coisa para gente louca!

— Nada a ver! Eu estava pensando em fazer...

— Vai gastar dinheiro com isso?

— Será o meu dinheiro, não o seu — eu já estava me irritando. — Você não gasta o seu dinheiro com coisas que são boas para você? Pode ser bom para mim!

— Ah, tá bom! Faz o que você quiser.

Seja para tentar encontrar soluções para os meus problemas ou para contrariar a minha mãe, naquele exato momento resolvi que buscaria uma terapia na segunda-feira.

— Catarina, vai buscar no varal as roupas de cama que lavei para você — ela mudou completamente o assunto.

Para coisas práticas, minha mãe era sempre prestativa. Eu nem estava lembrando que precisaria de roupa de cama limpa. Eu era grata por muita coisa, mas não podia nem pensar em me abrir, em dizer algo íntimo. Ela achava tudo romântico demais. Se eu começasse falar de minhas frustrações, ela diria que eu



25

estava reclamando de barriga cheia e que a minha vida era muito boa. Que, na minha idade, ela acordava cedo para cuidar da casa, do marido, que o dinheiro do trabalho era todo para a casa e para os filhos e que era cheia de responsabilidade. Eu queria que alguém entendesse que eu estava com 22 anos, a poucas semanas de completar 23, começando bem minha profissão, mas com a vida afetiva totalmente parada! Vivia entrando em furada e em relações sem futuro. Tinha vivido algumas paixões, rolos, namoros, mas sentia que nunca estava numa relação

de verdade. Eu não me achava feia, sabia me arrumar, era simpática e inteligente.

Por que as coisas não aconteciam comigo? Qual era o meu problema? Eu estava realmente triste, mas ela não entenderia. Algumas amigas me entenderiam, no entanto, não queria mais amolar ninguém com a minha solteirice". Meus amigos eram ótimos, mas talvez um profissional pudesse me ajudar mais. Eu queria desati-

var o botão que repelia bons partidos e relações maduras. Sabia que eu tinha esse botão escondido na minha cabeça.

Na segunda-feira bem cedo, fui ao departamento de Recursos Humanos.

Procurei a Roseli, uma das psicólogas, e pedi indicação de profissionais. Ela foi muito gentil, me convidou para sentar e perguntou se eu já havia feito alguma terapia e se tinha preferência por alguma abordagem. Eu disse que não entendia muito, mas que já tinha visto algumas coisas sobre terapia, Psicanálise, Freud... Achava tudo muito interessante. Mas também não queria nada muito ortodoxo, com um terapeuta que não interagisse muito.

— Roseli, eu resolvi procurá-la porque, além de ser psicóloga, você me deu abertura, me fez sentir confortável para contar as minhas coisas. Gostaria de sentir

a mesma coisa na terapia.



26

— Já entendi, Catarina. Acho que você faz um bem enorme a si mesma buscando uma terapia. Tente algum destes — ela disse me dando dois cartões. — Pode dizer que foi indicação minha.

Ela me deu um abraço e voltei para a minha sala. Li sem pressa os cartões. O primeiro era de uma mulher, Flávia; o segundo, de um homem, Luiz. Estava em dúvida entre os dois. Por isso, adotei o seguinte critério: ligaria para ambos. Se caísse na secretária, não deixaria recado, marcaria com quem me atendesse primeiro. Liguei para Flávia. Embora eu tivesse simpatizado com a voz dela na

secretária, respeitei as regras que tinha inventado. Liguei para o Luiz e uma voz grave atendeu.

— Bom dia, meu nome é Catarina e quem me passou o número do senhor foi a Roseli, psicóloga de onde trabalho. Não sei se lembra dela...

— Olá, Catarina! Claro que me lembro da Roseli. Ela já me deu aula. Em que posso ajudar?

— Quero começar a fazer terapia! — pelo silêncio que houve, percebi que talvez tivesse sido muito direta.

— Qual horário é melhor para você? — ele estava seguindo meu ritmo.

— Só posso à noite.

— Tenho um horário amanhã, às sete da noite? Tudo bem para você?

— Ótimo! É no endereço do cartão mesmo, né?

Era só aguardar! Enfim, saberia como seria fazer terapia. E saberia, ainda, se poderia pagar. Cada dia era um novo gasto e eu não conseguia economizar o quanto eu queria. Entretanto, eu realmente achava que merecia e precisava disso.

A segunda-feira voou. Fabi já tinha voltado das férias, almoçamos juntas e colocamos as novidades em dia. Mônica, como sempre, estava conosco. Todas riram horrores do barraco do fim de semana e até eu já estava achando graça. Elas



27

me apoiavam a começar a terapia e virar essa página da minha vida. Na terça, lá estava eu, empolgada e toda arrumadinha. Roupa bonita, sapatos bons, cabelos bem-arrumados. Era como se a sensação de estar cuidando de mim tivesse me invadido! E olha que eu ainda nem tinha me deitado no divã. No entanto, meu sentimento de bem-estar infelizmente não me blindava da realidade. Ainda era horário de almoço e fui buscar a agenda que havia deixado no carro. No estaciona-

mento, vi Rubens e uma mulher encostados no carro. Eles estavam discretos, mas

eu sentia de longe o olhar de carinho que ele lançava para a mulher. Só podia ser ela: a nova namorada. Tive certeza quando ele passou a mão nos cabelos dela, acariciando a orelhas. Ela se recolheu, rindo, como quem sente cócegas. Primeiro vi

aquela boca grande rindo os meus sorrisos e beijando os beijos que eu deveria receber. A inveja me corroía. No meio da cegueira de minha raiva, consegui ver Júnia. Não pude acreditar! Tudo bem debaixo do meu nariz. Rubens estava namorando a menina mais desinteressante e normal da empresa. Enquanto eu morria de medo das mulheres bonitas e em bons cargos, Rubens estava apaixonado

pela pessoa mais sem sal e sem açúcar do mundo.

Júnia devia ser alguns anos mais velha do que eu e era bem simples. Tinha o cabelo preto e bem anelado, e, acho que por esse motivo, só andava ele preso, formando um grande rabo de cavalo. Era branca feito leite, com algumas sardas na

pele e tinha os olhos bem grandes e escuros. Estava na mesma função desde que entrou, nunca deu problemas, mas também nunca se destacou. Fazia o trivial. Era

secretária do chefe de uma das operações e devia ter muito contato com Rubens.

Enfim, estava tudo no mesmo setor, no mesmo andar, com os mesmos horários de

entrada, saída e lanche. Nunca, em meus medos, poderia imaginar que perderia um

cara para ela.



28

Perder homem para mulher bonita já era difícil, mas para mulher feia parecia ser pior. Eu me sentia ainda mais azarada. Eu nunca tinha visto Júnia arrumada, maquiada ou falando! Ela era uma songamonga! E eu tinha sido trocada por ela!

Os pensamentos de quando eles poderiam ter começado a ficar juntos me consumiam. Pensava que devia ser anterior a mim, afinal, trabalhavam no mesmo

lugar há mais tempo do que eu. Lembrei que há alguns dias eu tinha trocado algu-

mas palavras com ela. Era uma segunda-feira e ela estava com o cabelo

escovado, o

que a deixou bem diferente dos outros dias. Eu brinquei dizendo que o fim de semana devia ter sido bom. Ela, tímida, apenas sorriu e me cumprimentou. Eu nem

dei importância. Agora, isso já era o bastante para achar que ela estava arrumando

o cabelo e andando toda serelepe por aí porque estava pegando o Rubens.

E, meu Deus, ela me conhecia! Será que ela sabia de mim? Eu já estava imaginando que, depois do fora daquela maldita noite, ele tinha ido se encontrar com ela, dizendo que estava, enfim, livre. Ficava me perguntando se ele tinha falado de mim. Se tinha dito a ela que precisava de uns dias para terminar tudo comigo, mas que logo seria totalmente dela. Se havia cometido a deselegância de contar alguma intimidade minha. Ai, eu queria morrer! O que ela sabia de mim? Que informação minha ela tinha? Que arrependimento de ter falado sobre mim, ainda que pouco. Se eu pudesse voltar atrás, nem teria tirado a roupa. Sentia-me completamente exposta. Eu sempre passava pela mesma situação de arrependimento quando terminava com alguém. A sensação que eu tinha era de que, toda vez que me dava a conhecer um pouco, acabava me ferrando. Agora, contudo, não adiantava chorar pelo leite derramado. Eu estava com medo. Medo de o Rubens continuar a me fazer sofrer. Medo da Júnia e das pessoas do trabalho descobrirem que fui trocada por ela.



29

Percebi que eles estavam voltando. E eu estava ali, parada feito idiota no meio dos carros, me torturando com aquela cena. Eu não queria ser vista e, percebendo

que eles vinham ao meu encontro, agachei entre os carros e tentei sair da rota deles.

Desequilibrei e acabei caindo de joelho nas britas.

Voltei para a minha sala desorientada, com o joelho arrebatado e com sangue na saia. Eu precisava desabafar com alguém, estava para explodir. A Mônica fora em uma reunião e o chefe da Fabi estava na sala, o que a impedia de sair ou

conversar. Para piorar, meus colegas estavam todos em suas mesas. Não podia fazer uma ligação. Comecei a digitar um e-mail. Escrevia feito uma louca. Falava da

cena no estacionamento, do ex-grande amor da minha vida estar namorando minha

irmã, com quem saí nos tapas, que eu me sentia pior que a sonsa da Júnia... Chorei

por palavras. Mandeí a mensagem para a Fabi e para a Mon. Meu ramal tocou em

cinco minutos.— Catarina, pelo amor de Deus, o que você fez? — dizia Mon para mim. — É... não dá para conversar muito, mas olha como minha vida está!

— Catarina, calma! Além escrever essas coisas no e-mail do trabalho, você trocou o e-mail da Fabi! Foi para o Fábio!

O mundo parou. Uns dos e-mails mais particulares da minha vida estava com o cara mais bocudo, que adorava fazer as piadas mais infames e inconvenientes da empresa. Ele não guardaria segredo. E logo juntaria os nomes e montaria a história.

Levantei com pressa para procurá-lo, talvez suborná-lo ou invadir o computador dele para apagar a mensagem. Quando estava na porta, ouvi a voz do senhor Ari,

chefe do meu setor.

— Catarina, espera só um minuto. Preciso conversar com vocês. Pessoal, vamos virar as cadeiras. Quero fazer um comunicado ao setor.

Eu estava ferrada.



30

CAPÍTULO 2

"Viver é um rasgar-se e remendar-se."

Guimarães Rosa

— Catarina, o que você arrumou no joelho? — disse Tadeu, um colega de setor.

— Ai, eu cáí! Está doendo tanto! — eu não estava mentindo. Eu sentia muita dor, mas não no joelho.

— Vai lá na enfermaria e limpa isso aí. Depois você pega a pauta da reunião com seus colegas — disse o senhor Ari.

— Ai, muito obrigada! Tentarei ser breve — disse enquanto saía quase voando da sala. Que se danasse meu joelho e a minha saia. Eu tinha que falar com o Fábio

antes que ele lesse meu e-mail. Maldito recurso de completar do Outlook! No meu

desespero, escrevi Fabi e acabei selecionando o nome errado. Que droga de dia!

Estava tudo indo tão bem! Corria pela empresa tentando me equilibrar no salto, manter a pose com o joelho machucado e a saia suja.

— Fábio, eu preciso falar com você — disse, entrando na sala dele como um foguete.

— Catarina... — pelo tom de voz, imaginei que ele já havia lido.

— Não estou em um dia muito bom. Mandeí um e-mail particular para você.

— Eu percebi.

— Você leu tudo? — eu estava morta de vergonha.





31

— Difícil não ler, você escreve bem! — não acreditava que ele ia começar com brincadeiras naquela hora. — Mas eu tenho memória curta, nem me lembro do que

falava. E meus e-mails são sempre deletados também. Não tem como eu reler.

— Ai, Fábio! Obrigada — eu ameacei chorar. Não esperava isso dele, ainda mais por estar sempre andando com o Rubens, morria de medo de ele dar com a língua

nos dentes. — Essa fase vai passar, ando muito sensível.

— O lance do joelho foi verdade, né? — disse ele olhando para o meu joelho.

— E o papo de memória curta? — eu já estava mais calma e conseguia brincar.

— Cat, nem sei o que lhe dizer, mas eu realmente entendo o seu momento.

Trabalho com o Rubens há uns cinco anos. Eu era o único da empresa que estava sabendo de vocês. Eu nem fazia ideia de que você estava gostando mesmo dele, mas hoje ele está bem empolgado com a Júnia, que também é minha colega há muito tempo.

— Fábio, não quero jogá-lo numa sinuca de bico. Eles são mais seus amigos do

que eu, afinal nos conhecemos só há alguns meses. E eu nem sei se estou assim por

causa do Rubens. Neste fim de semana descobri que minha irmã está namorando o

ex-grande amor da minha vida. Está tudo ruim, sabe? — fazia de tudo para tirar o

foco do Rubens. — Por favor, vamos esquecer isso...

— Cat, daqui a pouco você nem vai se lembrar disso e logo vai estar com outra pessoa. Você vai ver.

— Obrigada, Fábio. Eu tenho que dar um jeito no joelho e voltar para a reunião do senhor Ari.

— Hum... acho que ele deve comentar do novo setor hoje.

— Novo setor? Na nossa filial?

— É, mas não vai dizer que eu falei. Vamos ampliar a linha de produção de BH e toda a direção desse setor será escolhida por meio de um processo interno. Seu





32

setor vai estar nessa e com grandes chances de as pessoas dali ganharem alguma promoção. Será uma área ótima e os funcionários terão participação nos lucros da

nova linha de produção que, aliás, não serão nada baixos...

— Nossa, que ótima notícia! Vai me dar um gás aqui no trabalho.

— É... se concentra nisso!

— Beleza. Vou limpar meu joelho. E obrigada, Fábio. Posso contar com a sua discrição, né? Nada de contar para os outros sobre meu e-mail!

— Eu nem sei mais do que você está falando — ele deu uma piscadinha.

Saí de lá tranquila. Era melhor acreditar que ele manteria o bico fechado a ficar enlouquecendo na dúvida. Estava exposta, mas fazer o quê? Sentia vergonha de ele

estar sabendo de tanta coisa. E sentia um aperto no peito por saber que meu ex-futuro namorado estava feliz com outra. No entanto, precisava seguir adiante e essa

nova oportunidade no trabalho me ajudaria a ficar mais focada até que isso tudo

passasse. Iria me dedicar ao máximo para conseguir um cargo melhor.

Com um curativo no joelho e com a barra da saia molhada – tentei limpá-la no banheiro da enfermaria —, voltei para a sala. Minha mão também estava um pouco

esfolada, mas nada que doesse muito. Tinha perdido alguns minutos da reunião, mas a informação que o Fábio havia me dado me fazia entender tudo.

Muitas pessoas seriam contratadas para compor o novo setor e todos nós estaríamos em avaliação a partir de então. A possível oportunidade no meu trabalho me empolgava. A tarde passou rapidamente e consegui dar um jeito na minha saia. Prevendo um trânsito complicado e que levaria algum tempo para encontrar o consultório, resolvi ir direto do trabalho para a terapia. Mesmo com o

curativo aparecendo.





33

Parei o carro e conferi o número. Era um prédio. Subi até o quinto andar, que parecia uma pequena clínica por ter várias salas. A recepcionista interfonou avisando que eu tinha chegado.

— Fique à vontade. Logo irão chamá-la! — disse a moça, que parecia estar saindo do trabalho. A clínica estava vazia, possivelmente pelo horário. Enquanto estava sentada esperando, dois pacientes saíram. Uma moça, de uns 30 anos, saiu com os olhos vermelhos e uma carinha triste. O outro era um cara mais velho, de terno, que saiu normalmente e cheirava a cigarro. Conclui que ele era o paciente anterior a mim, pois, assim que saiu, ouvi:

— Oi, Catarina! Tudo bem? — ele estava do meu lado, estendo a mão. — Eu sou

o Luiz! Vamos entrar? — disse apontando uma sala.

Meu terapeuta, enfim, tinha cara! E corpo. Era alto, magro, moreno claro, cabelo escuro com alguns fios grisalhos e olhos verdes. Tinha cara de uns 36 anos. O mais

engraçado nele era a voz. Grave, rouca. Achei tão estranho! Entrei no

consultório e

sentei num sofá. Ele ficou me olhando, como se esperasse que eu dissesse alguma

coisa. Eu nem sabia por onde começar. Começaria pelo fora do Rubens? Ou pelo fora do Daniel? Ou melhor, desde minha paixão platonicamente nutrida pelo Artur,

que agora estava namorando minha irmã? Daria para falar de todos?

— Meu dia foi um caos. Como vários momentos da minha vida — resolvi começar pelo meu dia. Fiz uma pausa para buscar as palavras. — Descobri que o último cara com quem me relacionei está namorando uma moça do meu trabalho.

Ele terminou comigo para ficar com ela. Pior é que todos trabalhamos no mesmo lugar, e eu vou ter que conviver com isso.

Outro silêncio. Eu não sabia muito bem o que fazer.

— Aqui, eu vou falando tudo direto ou você vai me perguntando? — queria saber.



34

— Catarina, o espaço é seu. Você pode trazer o que quiser, falar como quiser. E pode ficar calada também – disse ele descontraindo.

— Calada, não! — eu ri. — Nunca fiz terapia, mas eu vou falando e qualquer coisa você fala também.

— Fique à vontade...

— Há uns dias, o Rubens, esse cara do meu trabalho, terminou comigo. Disse estar apaixonado por outra, que só hoje fui saber quem era. Antes dele, conheci o Daniel. Saímos algumas vezes, mas ele acabou voltando para a ex-namorada.

Quase sempre foi assim. Neste fim de semana descobri que minha irmã mais nova

está namorando um cara por quem eu era perdidamente apaixonada. Ficamos algumas vezes, mas nada sério. Eu sofri muito e perdi um tempão esperando por ele. Agora, do nada, ele conhece minha irmã e a assume. Comigo nada, mas com outras tudo! Olha o que eu tenho que aguentar! Tenho que ver o Artur, o ex-grande

amor da minha vida, namorar a minha irmã e conviver com a bruaca lá da empresa.

Droga! Só sobro. Sempre! Ai, já estou misturando as ideias. Minha voz está ficando

entupida...

— Está ficando entupida por quê... — ele deu uma deixa para eu completar.

— Quando a gente tenta segurar o choro fica assim mesmo, né?

— Mas por que você segurando?

— Acho barango chorar na frente dos outros.

— Você presta atenção nos outros quando chora?

Eu já estava chorando. Estava com vergonha do meu choro, pois sabia que chorava por um motivo muito íntimo. Não falei da minha vergonha, mas, de alguma forma, achava que ele me entendia. Luiz me ofereceu um lenço. Chorei por

muito tempo, depois de apenas cinco minutos de conversa.



35

— Foi por isso que busquei terapia, sabe? Tem hora que tudo dá errado. É como se a mesma história ficasse se repetindo, acontecendo de novo... Eu me sinto presa

numa repetição!

— Qual é o sentimento que sempre se repete?

— De nunca ser escolhida! No fim das contas, ninguém fica comigo! Outra pessoa

leva a atenção que eu esperava — era a primeira vez que dizia aquilo em voz alta.

Por mais que me doesse falar, parecia que dividir me aliviava. Aos poucos, entre choros, ia falando sobre mim, minha vida, meu trabalho e minha família.

— Catarina, precisamos encerrar — disse Luiz. Eu olhei para o relógio e o tempo

já tinha passado. E eu tinha chorado a sessão inteira.

— Só chorei. Não sei se disse coisa com coisa...

— Catarina, não se atenha a isso. Ficar pensando demais, tentando organizar as ideias... Aqui não é lugar para a razão; é um espaço para você sentir – disse Luiz.

— Olha, Luiz, se o choro avaliar o quanto senti, posso dizer que foi muito! Mas eu queria falar de coisas mais práticas, como preço...

Ele deu um preço e perguntou minha realidade. Eu disse a verdade, que não poderia pagar muito. Reajustamos o preço, não muito abaixo do valor normal da sessão. Sei que seria suado manter o dinheiro da terapia, mas eu sentia que valia a

pena. Combinei o preço sem remorso. Antes cuidar de mim do que ficar com economizando e continuar a dar crises.

Voltei para casa com muita saudade do meu irmão Lucas. Ele estava morando nos Estados Unidos há um ano. Era dois anos mais velho do que eu e sempre nos demos bem. Ele ter saído de casa foi um estímulo para eu sair também. Sempre sentimos uma predileção de nossos pais, em especial de nossa mãe, por Amanda. E

nossa irmã caçula alimentava isso. Eu sempre fui a desbocada, a revoltada que

bradava contra isso. Minha mãe nunca assumia que mimava a Amanda. Meu pai



36

nunca se intrometia nas discussões. E Lucas era calmo. Quando éramos crianças, sempre que ele percebia que eu estava enciumada ou que Amanda havia recebido

mais mimo do que eu, inventada uma brincadeira para me distrair. Ele cuidava de

mim. As doideiras do pessoal lá de casa, de certa forma, nos uniu. Juntos, nos divertíamos muito, enquanto Amanda passava grande parte do tempo com os nossos pais.

Mandei um e-mail enorme para ele. Contei dos fracassos amorosos, dos desafios do trabalho e dos tapas que dei na Amanda. Ri e chorei ao escrever o texto. E contei

que tinha começado a fazer terapia. Para minha surpresa, logo ele me respondeu.

Contou as aventuras que vivia, o sucesso com as americanas, dos dólares que estava juntando, das aulas e do amor que tinha por mim. Lucas encerrou o e-mail dizendo uma frase linda, que sempre levarei comigo. —Eles são a nossa família, mas

talvez ali não seja a nossa casa. Deixe a Amanda ficar na casinha dela. Nós estamos

descobrendo onde é a nossa!|| Aquilo me encheu de entusiasmo. Eu tinha a mesma

sensação que ele! Amava nossa família, às vezes a odiava, mas eram as pessoas a

quem eu sempre ia recorrer e querer bem. Contudo, queria cortar o cordão umbilical. Era como se tudo da minha família doesse demais. Uma parte de mim era adulta, independente; a outra parecia não ter crescido e lutava para ficar na infância.

Dormi feliz por sentir que estava cuidando de mim e por ter um irmão como o Lucas. Batia uma vontade enorme de me aventurar pelo mundo, conhecer outros países, outras pessoas... Minha cabeça estava cheia de sonhos que amenizavam as

frustrações que tinha que lidar.

O dia começou com o anúncio de que eu teria que desenvolver algumas ações

na empresa com uma equipe diferente da que eu estava acostumada. Minha sorte é

que a Mônica estaria dentro, representando a comunicação da empresa. Do meu



37

setor, eu estaria diretamente envolvida com uma mulher chamada Carmem

Machado. Ela estava na empresa há uns cinco anos e alguns a chamavam de

Carminha. Seu cabelo era curto, preto com luzes avermelhadas e contava uns 40

anos. Era mais velha que o pessoal da equipe e era metida à fina. Nunca achei que

ela fosse grande coisa, afinal não estava em nenhum cargo de chefia. Mas por

estar

há mais tempo no setor, achava-se a chefe na ausência do senhor Ari. Ela tinha um

filho de 14 anos e uma filha de 9. Sempre tínhamos de ouvir as histórias dos

presentes caros que ela comprava para os pentelhos. Eu achava um porre as

conversas dela. Tudo me soava fingido, como se ela quisesse se vangloriar com

cada coisa que dizia. Muitos, na empresa, a tratavam demasiadamente bem por ela

ser amiga da Glorinha, esposa de um importante diretor da empresa, o Enzo. Não

sei se ela entrou na empresa por isso ou se ficou amiga da mulher do diretor por

trabalhar lá. Eu mantinha a cordialidade. Mas os primeiros minutos de convivência

já mostraram que seria difícil aguentá-la.

Na primeira reunião da equipe, a Carmem chegou dizendo que havia ficado até

tarde, na noite anterior, tomando vinho na companhia de Glorinha. Comentou que

Enzo tinha comprado um piano de cauda novo para a sala recém-reformada do

tríplex e convidado os amigos mais próximos para uma pequena reunião. Ela, claro,

salientou a palavra "próximo" para impressionar a equipe. Não sei se alguém

percebeu a tentativa de intimidação, pois ela falava tudo com uma voz calminha.

A

minha teoria era de que as mulheres de voz muito mansa, forçadas e que nunca se

alteravam, eram traiçoeiras e manipuladoras. Umas vacas. Aliás, vaca era uma das

minhas palavras favoritas. Eu a usava para mulheres, homens e objetos. E tinha a sensação de que, às vezes, ofendia as vacas — as que ficam no pasto. Como não era

íntima de ninguém da equipe, só comentei com a Mônica minhas observações. O que eu menos queria era confusão na empresa.



O dia foi tão corrido que só consegui falar com a Fabi à noite. Fazíamos aula de inglês na mesma escola, em turmas diferentes, mas sempre dava para fofocar um

pouco. Conviver com a Fabi me fazia andar mais arrumada. Ela era tão linda e estava sempre tão bem-vestida que sentia a necessidade de melhorar ao lado dela.

Não tinha inveja. Aliás, às vezes tinha, mas eu gostava dela de verdade. E sabia que

ela gostava de mim. Estava sempre me ligando, me jogando para cima e rindo das

coisas que eu dizia. Naquele dia, a gente conversou por muito tempo, até o Flávio ir

buscá-la. Flávio era gente boa, mas muito discreto se comparado ao nosso ritmo desenfreado. Ele, contudo, me cumprimentou e puxou assunto.

— Oi, Cat! Não sei se a Fabi comentou, mas tem um colega meu da Inglaterra que está passando uns dias aqui.

— Oi, Flávio, ela comentou, sim. O Phil, né?

— Sim, ele mesmo. Eu morei na casa dele quando fiz intercâmbio. Agora ele está

passando por aqui. Queria mostrar mais coisas da cidade para ele, mais gente...

Estávamos pensando em fazer um churrasco lá em casa, na sexta. Anima?

Eu superanimei. Conhecer gente de fora era comigo mesma. Treinaria o inglês, não ficaria sozinha em casa e ainda participaria de um churrasco.

— Nossa, que ótimo! Vou, sim! Obrigada pelo convite! Quer que eu leve alguma coisa?

— Nada, imagina! Você é nossa convidada! — disse Flávio, me animando. Para

melhorar, o programa se adequava ao plano econômico a que eu tinha me submetido.

Aguentei a vaca da Carmem falando fininho a quinta-feira inteira. E trabalhei como uma "jegona", lembrando a minha amiga Bianca. Tive muitas ideias, pensei

na aplicabilidade de tudo, mandei muitos e-mails e escrevi muita coisa. Às vezes,

me lembrava da porcaria do Rubens feliz com a Júnia. E da minha irmã — de quem



não me despedi quando fui embora —, toda saltitante com o Artur. Mas logo pensava no que meu irmão havia me dito. Sabia que eu iria achar meu lugar e alguém.

Na sexta-feira, eu estava num clima meio tigresa... Inventei de fazer um cabelo de felina. Tinha visto na televisão um jeito de fazer cachos com chapinha. Era só enrolar os cabelos ainda quentes com um grampinho. Não devia ser difícil. Tomei

meu banho correndo e fui fazer penteado de pantera. Queimava minha mão sempre que ia enrolar o cabelo. Mas dei um jeito. Fiz uma maquiagem bonita e coloquei uma blusa com um decote bacana. Na hora de soltar o cabelo, alguns cachos não deram certo e ficaram meio sem forma, como se fossem minhoquinhas.

Meu cabelo sempre ficava ruim quando eu ia sair. No entanto, como já estava em cima da hora, acabei indo assim mesmo.

Cheguei à casa do Flávio meio insegura com meu cabelo. Ficava prendendo e soltando. Mas nada que uma caipirinha não resolvesse. Bastou tomar uma que fiquei animadinha. O apartamento do Flávio era legal. Tinha uma área privativa com churrasqueira. Três amigos dele do trabalho estavam lá. Um com a namorada

e os outros dois solteiros, bem legais. Phil, o inglês, era um deslumbrado com coisas

brasileiras. Tirava foto de tudo, comia toda carne que saía e bebia caipirinha como

água. Ele era alto, branco e tão loiro que chegava a ser ruivo. Era muito simpático.

Se bem que, com as caipirinhas, todos já estavam pra lá de gente boa.

Lembro-me dos risos, das piadas em inglês e português e da gente ensinando o Phil a sambar. E das caipirinhas. Acordei na casa do Flávio, deitada num colchão.

Ouvia de longe a voz da Fabi e do Flávio. Deduzi que havia bebido além da conta e

ficado por lá.

— Apagou, hein, amiga! — disse Fabi me entregando uma xícara de café.

— Nossa, eu fiquei meio ruim, né?





40

— E sem nenhuma condição de dirigir. Mas você ficou de boa. Uma hora estava dançando e na outra achou o colchão e deitou. Só acordou agora. O Phil te achou uma graça...

— Uma graça como? — eu estava bochechando água com pasta de dente, já que não tinha escova de dente na bolsa.

— Legal, engraçada, bonita... Mas ele é bem discreto. Não deixou claro se está interessado. O Flávio mesmo disse que ele é reservado nessas coisas. Mas e você, o que achou dele?

— Ah... Nem pensei nisso. Eu ainda não achei nada! — Gostei de saber que alguém havia me achado bacana. Eu estava desperdiçada mesmo! Deveria sair pelo

mundo, vendo o sucesso que eu fazia com o povo de fora!

— Vamos comer alguma coisa. O Phil ainda não acordou.

Eu não esperei o Phil acordar, mas combinei com o Flávio de deixar meu e-mail com ele. Cheguei à minha casa já dando aquela faxina. Minhas roupas estavam

amarrotadas de tão bagunçado que estava meu armário. Passei algumas peças, dobrei outras e dei aquela arrumada no quarto. A gente sempre fica mais leve depois que arruma a casa. Eu estava me sentindo melhor. À tarde, Fabi me ligou dizendo que iriam levar Phil para passear na Pampulha. Eu adorava a região da Pampulha. A lagoa, a vista, as curvas de Niemeyer na Igrejinha de São Francisco, os

estádios que chamamos de "Mineirão" e "Mineirinho"... Era uma delícia ser mineira!

Topei na hora. Avisei que chamaria a Mônica. Foi um fim de tarde perfeito. Depois

de muitas fotos, risos e uma pequena caminhada em volta da Lagoa, sentamos em

um barzinho. Vítor estava com a gente e o rolo entre a Mon e ele estava cada vez mais sério. Dei-me conta de que estava entre dois casais que viviam se abraçando e

um cara que parecia estar interessado em mim. Eu estava adorando a companhia do Phil, que era inteligente, engraçado e muito educado. A expressão "lorde inglês"



41

cabia com perfeição. Como ele era polido e atencioso! Estava sempre pronto para

alguma gentileza. Até o jeito reservado era fino. Mas eu não sabia dizer se estava interessada nele. Queria estar aberta a uma nova história, porém talvez ainda não estivesse. Ficar pensando se ele estava ou não interessado em mim só piorava as coisas. Eu ficava perdida em pensamentos e não aproveitava a companhia dos meus amigos. Resolvi deixar rolar. Se ele fosse mais direto, na hora eu resolveria o que faria.

Como eu estava numa fase avarenta, muquirana e para lá de mão fechada, achei ótimo a conta ter sido dividida entre os homens. O Flávio assumiu a parte da Fabi,

o Vítor a conta da Mon e o Phil a minha! Fiquei toda feliz.

Eu estava de carona com o Flávio e a Fabi. Fui sozinha no banco de trás com o Phil. Ele perguntou quando era meu aniversário, e eu disse que era daqui a duas semanas. Phil lamentou ir embora justamente no fim de semana do meu aniversário.

— Mas a gente pode comemorar meu aniversário e sua despedida! — disse eu, em inglês.

— Sim, ótima ideia! — disse Phil.

— Eu também adorei! — Fabi entrou no assunto.

Quando eles me deixaram em casa, prometi ao Phil que o levaria para passear ainda naquela semana. Ele, prontamente, aceitou.

Domingo era dia de ligar para casa e ter conversas mais longas. Eu só tinha mantido contato com meus pais por mensagem de celular, evitando ligar e correr o

risco de a Amanda atender. Ainda não era hora de falar com ela. Eu lamentava a situação, mas quando pensava no desaforo de ela ter se envolvido com o meu ex, a

raiva reaparecia e eliminava qualquer chance de reaproximação. Eu queria que ela

peditse desculpas. Pelo guarda-roupa. E pelo Artur. E por monopolizar minha

mãe.



42

Quem atendeu o telefone foi meu pai. Eu ainda estava um pouco sem graça devido às minhas palavras grosseiras. Ele não mostrou estar ressentido e por isso não voltei ao assunto. Dei o resumo da semana. Não comentei que estava fazendo terapia, com medo de ele me desanimar como minha mãe. Enquanto eu falava com meu pai, ouvia a voz de minha mãe, no fundo, que não me deixava prestar atenção

ao que ele dizia. Por fim, ele comentou que minha mãe estava ali do lado — novidade! —, quase tomando o telefone da mão dele.

— Oi, filha, tudo bem? Ouvi no jornal que uma frente fria vai chegar. Você levou coberta daqui? Mas coberta daquelas boas, grossas? Vai trabalhar bem agasalhadinha, viu? — disse ela de uma só vez.

— Tenho, mãe, tenho cobertor aqui em casa, não se preocupe.

— E roupa de frio bonitinha para ir trabalhar?

— Tenho também — eu estava impressionada e até feliz pela preocupação da Dona Virgínia.

— A gente até andou comprando umas peças de frio para a Amanda nesta semana... — ela soltou. E devia ter sido sem querer, pois ela interrompeu a fala imediatamente.

— Mesmo? Engraçado! Estou pensando aqui... Estou sem roupa de frio decente para ir trabalhar. E preciso de uma bota para o inverno, já que sapatos não esquentam os pés. Deposita na minha conta que compro aqui, o que acha? — Fui tão irônica que acabei com qualquer possibilidade de uma conversa amigável com

minha mãe. Eu simplesmente não suportava o excesso de cuidado que ela tinha com a Amanda! Parecia que alguém tinha acordado o monstro da raiva adormecido

em mim. A ligação tinha perdido o propósito. Continuei conversando frivolidades

e percebi que, pela proximidade do horário de almoço, minha mãe estava começando a ficar afoita.



43

— Filha, vou começar o almoço.

— Tudo bem. Alguma coisa especial para hoje?

— Nada, não. Tudo na mesma. Só a gente.

— E o Artur, né?

— Oh, Catarina, você ainda não esqueceu isso, né?

— Esse babaca vai entrar, sentar e comer na minha casa! — fiz uma pausa. —

Deposita o dinheiro na minha conta, tá? Vou esperar. Agora vou correr atrás do meu almoço – e desliguei.

Fui tomada por um ódio! Eu tendo que me virar e a trouxe da minha mãe fazendo almoço para os ordinários da Amanda e do Artur. O dinheiro que eu pedia para ela depositar era uma espécie de indenização por danos filiais. Eu não tinha urgência da grana, mas ia deixar na poupança, para algo útil.

Saí para comprar comida e acabei encontrando a Paula, uma vizinha, no elevador. Ela estava fazendo faculdade em BH, e os pais moravam numa cidade do norte de Minas. Ela perguntou o que eu iria fazer para o almoço e eu disse que não tinha ideia.

— Estou com muita vontade de comer um frango assado, mas é muita coisa para uma pessoa só. Você não tá a fim, não? — disse ela para mim.

— Eu animo, sim! A gente compra uns acompanhamentos também. E dividimos tudo.

— Bom demais! Vou falar com o Helinho do terceiro andar, o que acha? — perguntou Paula.

— Só o conheço de vista, mas pode ser! Vamos juntar os "sem-família" num almoço de domingo!

Eu achava legal ver a autonomia da Paula. Ela parecia ser calma, centrada e se

virar bem. Eu ficava fazendo perguntas para saber se ela tinha alguma crise



44

existencial, mas nada! Ela parecia ser tão controlada. O outro rapaz, o Helinho, tinha a idade dela e morava com o primo louco, que nunca parava em casa e sempre entrava em confusão. Helinho era um bom rapaz e se dava nas conversas.

Era transparente, conseguia saber qual era a dele, percebê-lo. Porém não tinha a mesma sensação com a Paula. Ela era legal, me travava bem, mas era uma incógnita. No fundo, queria que alguém me contasse que tinha problemas, sentia

ciúme e saía nos tapas com a irmã. Parecia que só eu tinha problemas. Isso ficou na

minha cabeça. E resolvi falar sobre isso com o Luiz quando voltei para a segunda

sessão.

— Acho que sou a pessoa mais ciumenta e invejosa que conheço.

— Baseada em que você diz isso?

— Nas outras pessoas. Elas parecem ser mais tranquilas. Às vezes sou mais para louca do que para normal.

— Se basear nas outras pessoas não dá, Catarina. A gente não sabe o que acontece na casa de cada um. Mas podemos falar de você...

— Então vamos lá. Eu fico possuída de ciúme por tudo. A minha irmã, Amanda, além de namorar o meu ex, tem privilégios que eu nunca tive!

— Humm... — exclamou Luiz, querendo que eu continuasse.

— Ela teve festa de 15 anos e eu não, para começar. A fase financeira da minha família estava difícil naquela época. Eu entendi, de verdade. Mas como, um ano depois, meus pais puderam fazer para ela? Como as coisas melhoraram tão rápido?

A minha mãe fez empréstimo para pagar a festa. Ela sempre foi levada e buscada em tudo. Quase não anda a pé. É o bebê da casa. Sempre foi a mais arrumada, paparicada... Minha mãe faz tudo por ela!

— E seu pai?



45

— Meu pai é na dele. É bom pai, mas sem muita intimidade, sentimentoso. Mas se faz presente de outras formas. Ele não puxa o saco de ninguém, é justo... Já a minha mãe... E eu acho que fui a que mais sobrei.

— Por quê?

— Meu irmão ficou dois anos reinando, sendo o centro das atenções. Depois eu nasci. E minha mãe teve depressão pós-parto e só queria saber de ficar deitada no

escuro. Quem cuidou de mim foi uma tia, que já morreu, e meu pai, que se dividia

entre mim, meu irmão e o trabalho. O mais louco foi que, mesmo em depressão, quando eu tinha quatro meses, ela engravidou de novo. Aí ela recuperou a vontade

de viver na terceira gravidez e compensou na Amanda aquilo que não deu.

Queria que Luiz fizesse alguma intervenção, para aliviar, sei lá. Mas ele ficou calado. A ausência de palavras me perturbou ainda mais e acabei explodindo entre

lágrimas e palavras nervosas.

— Eu era uma recém-nascida, queria minha mãe, precisava dela. Por que meu nascimento representou tanta tristeza? E, depois que ela melhorou, tive que dividir

a atenção com a mimada da minha irmã. Eu tenho quase 23 anos e não sei nem o significado do meu nome! Não sei da minha história, em que clima fui gerada e esperada. Só sei que eu nasci e detonei a minha mãe. Eu tento entender que depres-

são é terrível, que deve ter sido sofrido, mas e eu? Eu era tão pequena! Pior foi ao

longo da vida ver minha mãe amando com todas as forças a Amanda. Era como se

ela devesse Amanda o retorno à vida e à vontade de viver. E eu fiquei com a fama

de detonadora da saúde da minha mãe. Viu que grande porcaria a história da minha vida?

Eu chorei. Muito. Quase perdi o ar. Luiz me deu muitos lenços para as lágrimas

e para o nariz que parecia colocar para fora o catarro de uma vida inteira. O que mais me intrigou foi ver certo ar de satisfação na cara dele.



46

— Estou parecendo louca, não filtrei nada do que disse.

— Não precisa se justificar. Você só falou o que sentia. Não era o que havíamos combinado?

Eu me senti tranquila por não ser criticada ao xingar minha própria mãe. Claro que a amava. Justamente por amá-la era que eu a odiava.

Fiquei o resto da sessão limpando as lágrimas e falando da minha mãe.

Pensamos em como esse sentimento de abandono me acompanhava. A cada fora que eu levava, voltava a sentir essa rejeição que me matava por dentro. Segundo Luiz, a forma de eu me curar disso seria falando, esbravejando e reconhecendo minha raiva, meu ciúme, minha mágoa. E era isso que eu faria.

Era muita loucura. Parecia que eu estava sentindo uma dor que me acompanhava desde que nasci. Como algo que me aconteceu quando era bebê ainda tinha força sobre mim? O mês de maio ia começar e, junto com ele, o apelo comercial dos infernos de Dia das Mães. Já no meu carro, preparando-me para ir embora, lembrei o quanto me esforçava nos trabalhos de escola para dar à minha mãe. Eu coloria o melhor que podia. Tentava ser a melhor em um tanto de coisa. Tudo para ganhar a predileção da minha mãe. Quem sabe fazendo umas pinturas bonitas ela não passava a gostar mais de mim? Eu morria de tanto chorar.

Não conseguia ligar o carro e não tinha como eu dirigir chorando tanto. Fiquei por

ali alguns minutos, deixando o choro cair. Queria um anestésico. Qualquer coisa que me fizesse parar de pensar e de sentir. Aos poucos, a lucidez foi voltando e percebi que seria perigoso ficar dentro do carro e que precisava comprar lâmpada e

papel higiênico. Com a cara mais medonha, inchada e vermelha do mundo, parei no armário de biboca que tinha perto de casa.

— Boa noite! — disse um homem gordo, branquelo e de bigode na porta do

armarinho, me atendendo.



47

Um copo de veneno, por favor! — pensei. Obviamente, só pedi coisas mais práticas.

Saí de lá correndo, com medo de mais alguém me ver daquele jeito. Subi de escada, para evitar algum conhecido no elevador. Achei que fosse demorar a pegar

no sono, mas tudo o que eu queria era dormir. Queria desligar do mundo, parar de

pensar e esquecer a minha dor. Parecia que tinha começado a cutucar uma ferida

profunda dentro de mim e que dormir iria ajudar a cicatrizar. No dia seguinte, contudo, percebi que a dor não havia passado. Acordei de mau humor. Não queria

ir trabalhar. Mas, para isso, precisava arrumar licença médica. Que médico a gente

procura para dor na alma? Ele daria um atestado para afastamento do trabalho por

rejeição de mãe?

Não dei bom-dia a ninguém, apenas acenei com a cabeça, tentando ser educada com as pessoas que nada tinham a ver com as porcarias da minha vida. O que me ajudou foi a companhia da Mon no almoço, já que a Fabi quase sempre estava no Fórum ou resolvendo alguma coisa com o sindicato.

— Ai, Cat! Tem hora que eu não aguento a minha mãe... Outro dia ela deixou um recado louco no meu Facebook ... E eu só li dias depois e quem me avisou foi o

Vítor, você acredita?

— Facebook deveria ser "facebico". Mas e aí? O que estava escrito?

— Entre os paparicos, como se eu tivesse cinco anos, ela disse que assim que tivesse dinheiro mandaria um xampu muito famoso na cidade onde ela mora. Disse

que é ótimo para o cabelo crescer e que depois que eu usasse, ninguém notaria que

tenho pouco cabelo... Aí você imagina, o Vítor já chegou reparando meu cabelo minguido!

— Nossa, que queimação! Mas, coitada, é preocupação!



48

— Nada, Cat! É culpa! Sei que ela gosta de mim, mas gosta mais de aventura, de viver do jeito dela. Ela deixou meu pai, meus irmãos e a mim sozinhos para viver

uma paixão louca por aí. E agora juntou com esse capixaba.

— Mãe é foda. Eu dormi chorando por causa da minha... Recordações infelizes.

— Ah, eu nem quero lembrar. Vamos falar mal dos outros pra gente esquecer a nossa vida ruim!

— Carminha Machado! A vaca está no topo da minha lista de detonação!

Vaquinha maldita! — eu disse empolgada!

— Coloca vaca e maldita nisso! A anta me mandou um e-mail hoje como se

fosse a minha chefe! E dizia as coisas como se eu fosse burra e não soubesse fazer

nada!

Até o término do horário de almoço foi assim. Desci a língua na metida que me

infernizava. O pior é que ela representava nossa equipe nas reuniões com a direção.

Ficava com medo de ela nos boicotar, dando a entender que as ideias tinham sido

só dela e não do grupo. Minha equipe parecia ser composta por lerdos. Eu tinha

que bolar um jeito de furar o cerco que ela havia montado e mostrar alguma ideia

minha.

Meu setor promovia treinamentos para o restante da empresa. Sempre que

havia alguma reciclagem, os demais setores eram divididos entre nós. Eu estava

com medo da próxima divisão dos setores. Temia ficar responsável pelo setor do

Rubens e da Júnia e ter de conviver com a alegria deles. Ficava apavorada ao

pensar que Fábio poderia ter contado sobre meu e-mail. Sem falar a vergonha que

tinha de ver o Rubens. Eu não tinha o costume de ficar amiga ou manter contato

com ex. Sempre rompia de vez. A ideia de trombar no corredor com alguém que já

tinha me visto sem roupa não me deixava nada confortável. Pior era saber que



49

cheguei a fazer alguns desabafos da minha vida, a me abrir e dividir alguns sentimentos. Era como se eu estivesse duplamente nua.

Passei o resto da tarde concentrada, ocupando a minha cabeça para não pensar em nada. Escrevi um pequeno projeto que iria deixar pessoalmente com o senhor Ari. Estava pensando numa atividade de lazer para os funcionários da produção. A

empresa tinha fechado uma grande venda e o prazo de entrega era curto. A

solução, para não perder o negócio, foi produzir as peças nos fins de semana, e os

funcionários aceitaram se revezar. Apesar de eles receberem horas extras, o fim de

semana era um tempo único com a família e que era difícil de ser repostado. Além do

mais, sempre achei que os funcionários dos níveis mais altos da empresa ganhavam

mais benefícios do que aqueles que realmente precisavam. Por isso, botei um projeto que contemplasse as linhas de produção e suas famílias. Eu tinha visto um

outdoor de um parque aquático e vi que havia a opção de festas para empresas.

Fiquei o dia inteiro pesquisando e elaborando a proposta.

— Senhor Ari? O senhor está ocupado? — disse batendo na porta da sala do meu chefe.

— Um pouco, Catarina. Os consultores da empresa chegam amanhã e quero adiantar umas coisas. É urgente?

— Não! Na verdade, é uma ideia.

— Ótimo. Amanhã, assim que chegar, venha aqui e me mostre o que pensou — disse Ari, sempre prático.

Eu estava exausta. Parecia que estava acordada há horas e meu corpo só queria cama. À noite, na aula de inglês, saí assim que acabei a prova, louca para ir para a

casa. No estacionamento, ouvi uma voz que parecia ser da Fabi. Era ela e um

rapaz,

que reconheci ser da sala dela. Eles estavam numa intimidade que me



50

impressionou. Mas devia ser coisa da minha cabeça. Fabi me viu de longe e acenou.

Arranquei o carro e fui embora, sem dar muito papo.

Antes de dormir, lembrei-me da noite anterior. Sentia-me tão só na minha dor.

Comecei a imaginar como seria o abraço do Luiz. Ele parecia ser tão sensível, culto

e interessante. Nada como o Rubens e o Artur. Esses caras eram toscos perto

dele!

Queria que todos os psicólogos do mundo abraçassem os pacientes.

Fui checar meus e-mails antes de dormir e tive uma surpresa. Um e-mail com o título "Little Cat". Quem me chamaria de "gatinha" àquela hora da noite? Só podia

ser o Phil. Ele estava me lembrando da promessa de levá-lo para passear. Eu logo

respondi dizendo que sábado seria um bom dia. Eu já tinha montado um roteiro na

minha cabeça com meus lugares favoritos em BH. Acabei dormindo calma. Meu apelido tinha vindo a calhar por completo com o gringo!

Na manhã seguinte, lá estava eu toda arrumada e entusiasmada para falar do meu projeto com o senhor Ari. Ele estava na companhia de um senhor de meia-idade e de uma mulher, bem elegante, sorridente, que parecia ter uns 40 anos.

Todos me cumprimentaram com entusiasmo. Na frente deles, meu chefe pediu para eu contar minha ideia. Fiquei meio inibida de expor um projeto na frente deles, mas não tive opção. Acabei inserindo os dois na conversa e defendendo minha proposta. Eu tinha deixado tudo redondinho. Preço enxuto, possibilidade de

permuta com o clube, brindes ganhados de parceiros da empresa, número de pessoas checado com exatidão, disponibilização dos convites e atividades no

parque aquático. Só alguém de coração ruim iria dar bomba no meu projeto, já que

grana não faltava à empresa.

— Muito bom, Catarina! Agradou a mim, agora vamos debater na reunião do Conselho.



51

— Obrigada, senhor Ari! — percebi que o vento estava favorável e que tinha entusiasmado meu chefe. Empolguei e acabei mandando mais uma. — Eu não sei

se a Carmem levou para a reunião, senhor Ari, mas gostaria de ter um retorno da ideia que tive para evitar desperdícios no refeitório.

— Comentou, sim. Antes do almoço eu darei uma palavra ao setor e comentarei isso.

Eu me despedi e vibrei. Tinha deixado claro que a ideia era minha. Vai que aquela mocreia tinha pegado meu trabalho? À tarde, precisei ir a outro departamento resolver umas coisas e acabei perdendo a noção da hora. Por fim, acharam-me no ramal do setor onde estava.

— Catarina? Estão esperando você para a reunião. O senhor Ari e os consultores estão aqui! Vem logo! — era o Beto, meu colega em tom afobado.

Fui correndo para a minha sala. As cadeiras já estavam na posição, mas nada do senhor Ari e os consultores aparecerem. A vaca da Carmem olhou-me com cara de

reprovação, pegou o telefone e ligou para a sala do senhor Ari.

— Ari, já podemos começar. Estávamos aguardando a Catarina, mas ela já chegou.

— Eu estava resolvendo coisas do setor! Não marcaram horário! — retruquei na frente do grupo.

— Ah, ele deve ter marcado só comigo e deve ter se esquecido de falar para vocês — lá ia a vaquinha dando de boba, mostrando ser íntima dos chefes de novo.

E eu tinha que aguentar. Não ia bater boca antes de a reunião começar.

Senhor Ari apresentou os consultores que estariam na empresa a partir de agora. Eles dariam suporte na formação da nova gerência, na contratação de

novas

pessoas e nas mudanças que deveriam acontecer na empresa. Ouvi dizer que eram

gurus nisso. Que todas as contratações — e demissões — importantes sempre



52

passavam por eles. Para a minha surpresa, eram as duas pessoas que estavam na sala dele de manhã. Deve ser por isso que o Ari havia pedido para eu apresentar minha ideia na frente deles. Isso me fez acreditar que eu tinha potencial e estava sendo avaliada. Talvez eu tivesse chance! O nome da mulher era Raquel e o homem

era chamado pelo sobrenome, Fontes. Houve uma nova distribuição de tarefas e eu trabalhava como uma "jegona" para sair tudo no prazo. E, aliás, o trabalho expiava a minha dor. A saída com o meu lorde inglês também me deixava animada. Eu não sabia dizer se estava afim dele, mas estava me empolgando com a troca de mensagens.

Trabalhei muito durante a semana. Em casa, quando estava sozinha, soltava umas palavras de raiva e algumas lágrimas. Eu tinha que esperar aquela raiva passar. Só não queria que demorasse um século. A única mensagem que havia enviado para minha mãe e meu pai, em toda a semana, tinha sido para agradecer o depósito feito na minha conta. Eles deviam ter medo dos meus ataques. Fiquei com um pouco de dó de exigir o dinheiro. Mas, quando eu me lembrava do que eles gastavam com a Amanda, o remorso sumia.

A Carminha me aborreceu a sexta-feira inteira. O pior era ter que entrar no jogo dela. Ela me alfinetava, me perseguia, tomava conta dos meus passos, mas não alterava o tom de voz para nada. Era um jogo de fingimento. Ela era excessivamente educada comigo. E tinha me intimado a almoçar com ela. Tudo o que eu menos queria era estar com ela, mas eu não tive escapatória. Iria ficar feio para mim. Jurei a mim mesma que seria só aquela vez e que a partir da outra semana eu

não falaria mais nada com ela. Fomos com o carro dela. Ela me levou em um restaurante lindo, com manobrista na porta e um belo jardim na entrada. A comida parecia ser ótima e saudável. Só o preço é que era salgado. Contudo, já que estava no inferno, ia abraçar a capeta da Carminha. Aguardei os comentários de que ela ia



53

sempre ali com a Glorinha e que os filhos tinham conseguido aquilo, destacou-se naquilo. Um saco. Mas o pior ainda estava por vir.

— Catarina, quanto você ganha? — a vaca me perguntou na lata.

Fiquei em silêncio, demonstrando que ela tinha ultrapassado os limites. Mas ela ficou esperando minha resposta.

— Quase todo mundo do setor entrou junto. Ganhamos o mesmo valor. Temos quase o mesmo tempo de formados. E a mesma faixa etária — uma luz veio sobre

mim. — Pode reparar. Todos ali têm entre 22 e 25 anos. E você, quantos anos tem?

— O veneno dava um tempero que me abria o apetite.

— Eu perguntei porque também faço umas consultorias por fora. Assim sobra mais dinheiro para investir. O gerente do meu banco é que me orienta nisso, acho muito importante termos uma reserva... Você tem algum investimento?

— Acho muito importante poupar! Daqui a pouco você se aposenta, tem dois filhos... É casada há quanto tempo?

— Vinte anos.

— Nossa, parabéns! Casou com quantos anos?

— Casei nova.

Senti que a idade era seu calcanhar de Aquiles. E por aguentar todas as tentativas de ela me subestimar, insisti na volta, dentro do carro.

— Nossa, agora lembrei que meu absorvente acabou. Tem um para me dar? Não sei se você ainda usa...

— Não tenho, não — ela fez uma pausa e continuou. — Não aqui comigo — ela

entendeu meu recado.

— Tudo bem. Vou pedir para a farmácia entregar lá na empresa. Muito obrigada pelo almoço. Podemos marcar mais vezes.

— Ah, eu também adorei!



54

Duas cínicas no carro. A falsidade reinava e nossas doenças também. Tinha a sensação de que ela não me chamaria para almoçar tão cedo.

Fiquei em casa durante a noite. Fiz as unhas, hidratei os cabelos e fiz limpeza de pele no rosto. Tudo para estar mais bonitinha para o Phil. Dormi calma, sem

pensar
nos problemas.



55

CAPÍTULO 3

*"Se lhe posso dar um conselho, é este: não tente apanhar
o fruto verde para que ele não apodreça na sua mão."*

Fernando Sabino

Busquei Phil pela manhã. Ele estava com a barba feita, com cheirinho de banho tomado e cabelo ainda molhado. Tive a impressão de que ele estava esperando pelo

encontro. Tinha hora que eu o achava bonito. Outras que o achava idiota. Na verdade, achava que todos os caras que se interessavam por mim eram bobos.

Levei-o para passear no Parque das Mangabeiras, ao pé da Serra do Curral. A vista

era incrível e conseguíamos ver quase toda a cidade do alto, além dos contornos que as montanhas faziam em volta de Belo Horizonte.

— Está vendo como é belo nosso horizonte? — eu explicava a ele o nome da minha cidade. Eu me comunicava muito bem com Phil, que já estava até pegando

um pouco do português.

Ficamos ali um tempão, andando por algumas trilhas, tirando fotos e

admirando a paisagem. Eu pensava no quanto gostava de BH, mas também no meu

desejo de me aventurar em outras partes do mundo. Entretanto, nos meus sonhos,

eu sempre voltava para BH. Queria conhecer pessoas, mas, no fim das contas,

queria ter alguém de verdade. Eu vivia uma dicotomia: queria o mundo, viver, me

jogar e aproveitar, mas também queria construir um relacionamento de verdade,



56

ter filhos... Dentro de mim cabiam todos os desejos. Talvez por isso, algumas coisas

estavam travadas: eu não tinha certeza do que queria.

Almocei com o Phil em um restaurante perto da Praça da Liberdade. Ele tirou um papel do bolso. Perguntou o que eu faria no fim de semana que vem, já que sexta-feira era meu aniversário.

— Não sei ainda, mas vamos comemorar! — respondi.

— Gostaria de te dar um presente. E que me desse um presente de despedida

também. Só não me leve a mal — disse Phil, que falava pausadamente. Talvez para

eu entender bem direitinho.

— Hum... Qual é sua ideia?

— Meu voo para Londres vai sair do Rio de Janeiro. Vou aproveitar para conhecer a cidade. Eu já tinha alugado um apartamento lá, quando ainda estava na

Inglaterra. Já convidei o Flávio e a Fabiane. E agora estou te dando de presente as

passagens, no mesmo voo que o nosso. Você só tem que aceitar.

— Phil! — eu tentava encontrar palavras para expressar minha alegria! — Meu Deus, nunca imaginei receber um presente tão bom! Poxa vida! Estou muito feliz!

Irei sim, muito obrigada!

— Que bom que disse sim!

— Como eu diria não? Mas só me conta uma coisa... Quantos quartos tem o apartamento?

Ele soltou uma gargalhada.

— Eu disse para você não me levar a mal! — falou Phil. — O apartamento tem três quartos! Dá certinho!

— Desculpe, mas eu tinha que perguntar — tentei consertar, vendo que estava sendo injusta.



57

Demos uma volta na Praça da Liberdade, andamos de carro por algumas avenidas. Paramos em um shopping, já que eu precisava fazer compras. Ele me acompanhou o tempo todo e passamos um dia bem agradável. Quando o deixei na

casa do Flávio, já estava morta de cansaço e queria minha cama. Ele também estava

cansado, mas bem feliz com o passeio. Passei o restante do fim de semana tranquila

e ajeitando as minhas coisas.

Na segunda-feira, logo cedo, abri a caixa de e-mail e vi que os setores da empresa já haviam sido distribuídos entre minha equipe, para o treinamento que deveríamos fazer. Eu tinha recebido um presente de grego no meu aniversário: estava responsável pelo setor do Rubens e da Júnia. Eu veria os dois, todas as manhãs, de terça a sexta-feira. E justo na sexta, quando todas as reciclagens acabavam com uma confraternização, era meu aniversário. Iria confraternizar o romance que começou com um pontapé na minha bunda. Doía menos quando pensava no fim de semana que teria. Era um presentão ir ao Rio na companhia dos meus amigos e de um pretendente internacional.

Fiquei boa parte da segunda-feira repassando minha apresentação. E pensando nas roupas que usaria. Eu rezava para que nada saísse do meu controle. Estava com

medo de ficar ainda mais para baixo. À noite, assim que cheguei à escola de inglês,

querendo conversar com a Fabi sobre o fim de semana, eu a vi conversando com o

tal menino. Outra vez. Por alguns segundos, cheguei a pensar que estivesse rolando

um clima, mas logo tirei isso da cabeça, pois sabia o quanto ela era apaixonada pelo

Flávio. Mas achei estranho o jeito que eles conversavam. Parecia que um queria se

atirar no outro. Fiquei frustrada por não comentar sobre a saída com o Phil e a

empolgação da viagem ao Rio. Contudo, como estava tensa com a minha apresentação no dia seguinte, deixei para lá.



58

Acordei cedo na terça. Fui logo para a sala de reunião da produção. As cadeiras já estavam organizadas. Alguns já estavam ali, esperando pelo treinamento. Cumprimentei as pessoas e esperei o ponteiro marcar oito e meia em ponto. Comecei. Estava tudo indo bem e as pessoas estavam interagindo. Avistei Júnia e Rubens sentados um ao lado do outro, na segunda fila, no canto esquerdo. Eu

tentava não olhar muito para eles. Mas falar somente para o lado direito iria dar na

cara que estava evitando os dois. Seria melhor sorrir e mostrar que estava feliz da

vida com a minha viagem ao Rio com um gringo! Na primeira fila estava o Fábio,

com aquela cara de debochado. Continuei a apresentação dos slides. Chamei a próxima tela e meu coração gelou. Por algum engano dos infernos, coleí o e-mail que mandei ao Fábio por engano. Estava tudo ferrado. Estavam todos lendo, inclu-

sive o Rubens e a Júnia. Fui enlouquecendo pensando em como aquilo havia ido parar ali. Comecei a chorar enquanto me lembrava de tudo que tinha escrito. De repente, reparo que os botões da minha blusa estavam abertos. Eu tentava abotoá-

los desesperadamente, mas as casas dos botões estavam todas fechadas. Ficava me

perguntando como eu tinha vestido aquela roupa para ir trabalhar. Aliás, como eu

tinha comprado uma blusa que não tinha casa para o botão? Uma pergunta ia

puxando a outra. A busca pela lógica me trouxe de volta à minha cama. Olhei para

o relógio. Eram cinco e quarenta e cinco da manhã. Estava toda suada. Agrade-ci a

Deus por ter sido apenas um sonho e tentava me acalmar dizendo isso a mim

mesma. Cismeí que, de uma hora para outra, havia me tornado uma pessoa

ultrassensitiva e que o sonho era um presságio. Tinha certeza de que o Fábio havia

contado tudo para o Rubens! Era óbvio, eles eram amigos! Eu possivelmente contaria a uma amiga, se fosse o contrário. Eu estava completamente exposta. E teria de conviver com tudo isso durante a semana.



59

Parei de chorar quando vi que meu tempo se esgotava. Tomei meu banho e fui trabalhar. Assim que cheguei à empresa, meu celular tocou.

— Ei, filha! Bom dia!

— Oi, mãe! Ligou cedo. Estou entrando num treinamento.

— É o único jeito de falar com você! Não atende o telefone direito, some... Você está bem?

— Estou sim!

— Tomou café da manhã direitinho?

— Sim, tomei.

— Filha, você vem neste fim de semana? A gente pode fazer um bolo...

— Ai, mãe... Esqueci de avisar! Vou para o Rio de Janeiro!

— Gente! Com quem?

— É... Com três amigos. Amiga também. Amiga mulher — tentava mentir

usando somente a verdade. — Um amigo nosso, da Inglaterra, quer conhecer o Rio

e alugou um apartamento bem grande e nos chamou. Fica tranquila. Ele é gente boa, conhecido de uns amigos meus.

— Ai, Catarina, tem certeza?

— Tenho, é gente do trabalho. Fica tranquila. Podemos deixar o bolo para o próximo fim de semana?

— Claro! Bom que já será Dia das Mães! Já vai estar todo mundo junto!

Ai, o Dia das Mães estava próximo. Minha vontade era de presentear-la com um cocão na cabeça e um cartão com os dizeres:

— Por que não se alegrou com a minha vinda? Eu te odeio por ter me largado,

mas te amo porque é a minha mãe! E fico até hoje, aos 23 anos, buscando a sua atenção. Eu me odeio por te amar! E agora estou gostando de te odiar, de te dizer coisas horríveis na imaginação.



60

Por mais raiva que eu sentisse, desliguei o telefone com vontade de conversar mais com a minha mãe. Queria ter liberdade de falar com ela sobre o pesadelo e meu medo de estar cara a cara com o rapaz que terminou comigo para ficar com outra. Será que se eu ligasse de volta, ela me diria que daria tudo certo? Eu tinha medo de ligar e acabar ficando ainda mais para baixo. Por fim, encontrei meu

colega de setor, o Tadeu, e me distraí um pouco.

— Você fica nervoso antes de falar em público? — perguntei.

— Nossa Senhora, Catarina! Acordei com dor de barriga! — disse ele superdescontraído. — É sempre assim, mas depois passa. São só nosso colegas, Cat!

Pessoas como a gente.

— É, Tadeu! Pessoas como a gente... — ele não sabia o quanto tinha me animado! Provavelmente, muitas das pessoas para as quais eu iria falar já tinham tomado fora. O pesadelo já nem me impressionava tanto, mas, por via das dúvidas,

estava com uma camisa sem botão.

Enchi-me de coragem e entrei na sala. Já fui dando bom dia ao pessoal e pedindo para se sentarem. Estava conversando com as pessoas e senti uma mão no meu ombro.

— Bom dia, Catarina! — ouvi a voz do Rubens! Era a primeira vez que nos falávamos depois do término. — Tudo bem com você?

— Bom dia! Tudo bem, sim. E com você? — pensei em dizer que estava tudo maravilhoso, era semana do meu aniversário, ia viajar com o inglês com quem estava saindo, que eu estava me sentindo linda, feliz e sem problemas. Mas resolvi

não forçar e só falei o básico.

— Tudo bem também! O pessoal já está aqui e podemos começar quando você

quiser — ele foi bem prático.

— Ótimo, vamos lá!



61

Como ele estava representando a coordenação do setor, deu as boas-vindas ao grupo e me chamou à frente.

— ...Catarina Lanza — ouvi meu nome e levantei. Confesso que era bom estar ao lado dele: Rubens era tão cheiroso e tão homem!

O primeiro dia transcorreu muito bem. Júnia não estava, e as pessoas demonstraram interesse. Correu tudo melhor do que eu esperava. Rubens veio

falar comigo no final da manhã, enquanto as pessoas saíam correndo para o almoço. Ele disse que tinha sido bom e que o pessoal havia participado bastante. Despediu-se de mim com um beijo no rosto e um abraço. E um sonoro "até amanhã".

Como boa idiota que sou, fui almoçar nas nuvens. Comentei com a Mon sobre o abraço e o beijo dele. Ela logo jogou água fria nas minhas expectativas.

— Cat, Cat! Ele está namorando e a empresa toda já sabe. Pode não ser o que você está pensando. Às vezes é só gentileza mesmo...

— Ai, Mônica! Me deixa viajar nas ideias um pouco!

— Então viaja no fim de semana que você vai ter com o cara que parece estar mesmo afim de você! Lembra o quanto ficou mal por causa do Rubens e do joelho

machucado? – ela brincava comigo.

— Você tem razão. É ruim ouvir isso, mas você está certa... Sempre tão sensata!

— Amiga, eu não gosto de ser assim sempre! Mas a coisa de que eu tenho mais certeza na vida é que as relações acabam. E eu estou sempre preparada para isso.

— Mon, por que você vive falando isso? Não voltou às boas com o Vítor? Era para você estar mais empolgada!

— Nós estamos bem, mas sei que amanhã isso pode mudar — ela fez uma pausa. — Catarina, um dia, do nada, minha mãe juntou as coisas e foi viver com outra pessoa. Meu pai não tinha feito nada de diferente, mas ela disse



62

simplesmente que o amor havia acabado e que tinha conhecido outra pessoa. Ele ficou péssimo! Muito tempo depois ele encontrou a atual mulher dele e refez a vida.

— Mon, mas será que tem que ser sempre assim? As histórias dos nossos pais têm que ser repetir com a gente?

Mônica ficou em silêncio. E eu continuei.

— Fico pensando em até que ponto nossos pais podem influenciar nossa vida.

Olha para mim: deveria ser mais simples um caso não dar certo. Isso acontece

com

todo mundo. Mas comigo dói infinitamente. É como se eu ficasse revivendo dores

da minha infância até hoje.

— Papo profundo, Cat! — ela tentava descontrair. — Mas é verdade. Eu me acho muito fria. E o Vítor vivia reclamando disso quando namoramos pela primeira

vez. Eu tento melhorar, mas me acho travada. Do que vai valer me entregar, ficar toda romântica se o Vítor chegar um dia e disser que conheceu outra pessoa? Ou que passou a paixão? Sei lá...

— Não quero ser pessimista, mas também não sei o que te dizer porque também sou uma medrosa. Morro de medo de estar toda apaixonada e a outra pessoa pular

fora. A ideia de ser abandonada me deixa nervosa.

— Duas problemáticas! Vamos tomar um sorvete na lanchonete só por isso.

Com muita cobertura de chocolate!

— Ai, nem me fale! Chocolate me deixa possuída. Aliás, eu ando comendo muito! — comentei.

— Você já viu uma academia que abriu perto daqui, indo para o shopping?

— Vi, sim! É 24 horas, né?

— Sabe o Gustavo? Que se formou comigo? Um colega dele, o Fernando, dá aula lá e consegue um plano com desconto. Devo ir lá nesta semana. Anima?



63

— Se for por um preço bom, sim! Estou mesmo precisando de uma atividade física. Hoje tenho terapia, mas amanhã podemos ir.

E assim combinamos. A tarde passou rapidamente. Enquanto repassava os meus slides do dia seguinte, pensava no que tinha vivido com o Rubens! Eu estava

parecendo mulher de malandro, daquelas que apanham e sofrem, mas ainda querem o cara. Ele tinha me trocado por outra, mas se me ligasse hoje e falasse com

jeitinho... Ah, eu caía. Estava alimentando expectativas. Inúteis, mas estava. Eu

adorava ficar em histórias falidas.

Acabei saindo um pouco mais tarde e resolvi ir direto para a terapia. Quando estava indo para o carro, vi o Fábio e o Rubens conversando. O papo parecia estar

animado e percebi a intimidade que havia entre eles. Dificilmente Fábio tinha guardado segredo. Senti minha cara ficar vermelha. Como eu tinha sido ingênua!

Comecei a achar que era por isso que Rubens estava me tratando tão bem. Porque

ele tinha ficado com dó de mim.

Aproveitei que teria terapia para falar sobre meu sonho e minha suspeita de que o Fábio tinha contado tudo ao Rubens.

— Agora tudo faz sentido para mim. O Rubens deve ter pedido a Júnia para não ir ao treinamento para me poupar, já que está sabendo que sofri quando ele terminou comigo.

— Catarina, a gente não sabe ao certo o que aconteceu. Nem o porquê de as pessoas agirem de tal forma, mas parece que tem alguém que não está aceitando ser esquecida...

Aquilo foi um soco no meu estômago. As lágrimas logo começaram a sair.

Percebi que eu estava dando um jeito de prolongar minha história com o Rubens.

Eu não queria que tivesse acabado. Tinha passado a tarde pensando numa roupa para usar no dia seguinte, a fim de provocar o Rubens e fazê-lo sentir saudade.



64

Sonhei acordada em ter um casinho com ele para a outra sobrar. Mas eu via que quem era outra, na verdade, era eu. Estava atrasando a minha vida.

— É, acho que não estou aceitando que tenha acabado. Ele está vivendo outra história, e eu ainda estou presa nisso. Eu não significo mais nada para ele.

Luiz não falava nada. E meus pensamentos continuavam.

— Mas se coloca no meu lugar: fui trocada por uma mulher desinteressante, desarrumada e boba. Nem me lembro da voz dela, de tão inexpressiva! Perdi para a

mulher mais normal do mundo. E o ex-grande amor da minha vida escolheu uma mulher mimada, que não dá nenhum passo sem a benção do papai e da mamãe e que, por infelicidade, é minha irmã. Eu sempre sou a garota que sobra no fim das contas...

— Você sempre se refere a você como uma garota. Mas, quando vai falar das outras, diz mulher — disse Luiz.

— Você não acha que deve ser só força de expressão?

— Me diga isso você! Foi você quem falou que os seus pretendentes ficam com mulheres e não com garotas.

— Você está me chamando de menina! — queria bater no Luiz! — Eu já moro sozinha, trabalho e pago as minhas contas!

— E você parece se sair muito bem nisso...

— Só a minha vida amorosa é meio caótica.

—Relacionamentos amorosos são para mulheres; crianças não namoram — Luiz sentenciou.

— Já entendi aonde você quer chegar. Eu só estou raiva para reconhecer isso. Ele ficou em silêncio.

— Estou muito irritada de conviver com o Rubens. É muito estranho conviver com alguém que já te viu pelada. Às vezes, ainda me sinto nua na frente dele.



65

— Como se sua blusa estivesse aberta, como no seu sonho...

— É! É isso! Como se todo mundo soubesse o que sinto e como sou. É uma droga. Os meus outros exs simplesmente sumiam da minha vida. Eu colocava todo

mundo para correr. Mas, como o Rubens trabalha comigo, não tenho como fazer isso. Só de pensar que ele pode ter ficado sabendo que sofri por ele, já fico com vergonha.

— Mas estar com alguém é isso, Catarina. É deixar a outra pessoa te ver como

você é. É estar exposto, correr o risco.

— Eu falei sobre isso hoje com uma amiga. Nós duas temos medo de estar loucamente apaixonadas e um dia acabar, o cara pular fora.

— Por isso você vai continuando a ser menina. Porque os adultos correm o risco de se entregarem.

— Acho que vamos ter que encerrar por hoje. Semana passada eu quase morri de tanto chorar. Não quero sair tão mal — sem muitas explicações, saí uns quinze

minutos mais cedo. O cara estava só me cutucando. E estava acertando os lugares

dos cutucões. De alguma forma, sabia que ele estava certo. Eu me sentia uma menina afetivamente. Tanto que, até depois de crescida, chorava por causa da mamãe. No entanto, antes de sentir raiva de mim, mandei um e-mail para o Phil, comentando minha empolgação para viajar! Eu me achei bem atiradinha no e-mail.

Naquele dia, depois da terapia, me senti muito só e sensível. Achei que uma paque-

rinha ia me fazer bem. Assim, pensava em outra coisa. E eu queria passar meu aniversário me divertindo. E resolvi que faria alguma coisa boa por mim. O Rio de

Janeiro que me esperasse!

Eu estava realmente querendo uma confusão. No dia seguinte, coloquei um vestido comportado, mas ligeiramente sensual para ir trabalhar. Nada vulgar, mas

eu sabia que ficava bonita naquele vestido. Acordei querendo olhares masculinos. E



66

obviamente eu os teria, já que estava falando para cerca de duzentos homens da produção. Acho que só havia umas seis mulheres participando do meu treinamento. Naquela manhã, Júnia participou do treinamento. Ela estava do mesmo jeito: cabelos presos, uniforme e sem um pinga de maquiagem. A danada devia ter uma autoestima ótima. Ficou com a mesma cara de lerda o tempo todo. Minha presença parecia não a abalar em nada. E olha que ela me viu conversando

com o namorado dela. E eu provocava. Sabia que estava sendo infantil, como o Luiz tinha me lembrado durante toda a sessão anterior, mas alguma coisa dentro de

mim precisava daquele jogo. Pelo menos para esquecer minha vida ruim.

Resolvi começar a academia na outra semana. Eu tinha pouco tempo para fazer unhas, depilar, hidratar o cabelo, arrumar mala e outras coisas da viagem. E naquele dia ainda teria aula de inglês. Assim que cheguei à escola, liguei para a Fabi, pois há dias não falava com ela direito. Ela já estava lá, na sala dela, de papo

com o tal colega. Apresentou-me o cara, que se chamava Bruno. Ele era muito metido. E bonito, musculoso, alto, cabelo moldado a gel... Bem cheio de si. Ele devia pegar mil mulheres, tinha porque se achar. O que achei estranho foi que a Fabi continuou sentada ao lado dele. Parecia que Bruno já tinha tanta intimidade com a Fabi, que qualquer assunto não seria novidade para ele. Não gostei, mas pensei que poderia ser uma resistência boba minha e que o cara poderia ser legal.

Contei algumas coisas do fim de semana e da minha surpresa ao saber que ele tinha

comprado minhas passagens.

— Ele está na sua, Cat! Você vai brilhar no Rio!

— Estou muito animada, Fabi! A gente pode combinar de irmos todos juntos para o aeroporto...

— Claro! Amanhã a gente acerta isso... — disse Fabi se esquivando de falar do

Flávio na frente do Bruno. Eu, lógico, estava sacando que minha amiga estava



67

diferente. O que me irritava era que a Fabi não me contava nada. Se fosse só um amigo, ou um cara que achasse bonito, ela me diria. Mas eu sabia que ela estava escondendo alguma coisa.

Com tanto trabalho, a quinta-feira passou rapidamente. Antes de dormir, pensei em tudo que estava vivendo e sobre minhas últimas descobertas sobre mim mesma.

Os tapas na Amanda e o joelho ralado na brita já arrancavam de mim alguns risos.

Bom sinal.

Na sexta-feira, dia do meu aniversário, acordei mais cedo, como tinha prometido a mim mesma. Agradei por estar viva. Pedi que, no próximo aniversário, eu estivesse menos amarga. Queria de verdade ser feliz e estar livre daquela alma dodói, infantil e invejosa. E eu teria um ano para avançar nisso.

Tomei um banho caprichado e coloquei um roupão felpudo lindo que tinha ganhado de uma tia há muito tempo. Usei meus talheres mais bonitos. Fiquei me perguntando por que só no dia do meu aniversário eu estava mais carinhosa comigo. O que eu estava esperando para usar as coisas boas que tinha? Parecia que

eu ficava com dó de gastar as coisas, como se eu esperasse uma visita ou um evento

mega importante para usar tudo o que deixava guardado. Resolvi que ia bater minhas roupas sem dó. E ia usar tudo o que tinha de mais bonito na cozinha comigo mesma! Como era sexta, a gente podia ir trabalhar mais à vontade.

Coloquei minha blusa meio bata, bordada à mão, branca, linda e toda bem guardada no armário para não amarrotar. Meu jeans de marca azul-marinho que eu

usava só para sair à noite e um sapato bem bonito, com um salto confortável. Quase

perdi a hora de tanto que fiquei me arrumando. Tudo bem que era meu aniversário, mas não tinha prerrogativa para chegar atrasada.

Antes de entrar no carro, minha mãe e meu pai me ligaram. Fiquei bem contente

com a ligação deles. Minha mãe disse que minha irmã já tinha ido para a aula, mas



68

que havia me desejado parabéns e que me ligaria depois. Eu sabia que era mentira.

Dona Virgínia sempre tentava colocar panos quentes nas coisas. Mas deixei passar.

O último dia do treinamento foi tranquilo. Só repassamos alguns procedimentos e tiramos dúvidas. Também deixamos um tempo para entregarmos os certificados

aos participantes. Quando todos já estavam mais dispersos, com os certificados

nas

mãos, um cara lá do setor veio à frente e pegou o microfone. Ele leu os nomes dos

aniversariantes da semana, inclusive o meu, e sugeriu que cantássemos os parabéns. Logo umas cinco pessoas se levantaram. No meio daquela confusão de gente levantando, vejo Rubens empurrando Júnia para a frente. Ela resistia, mas ele, rindo, queria fazê-la ir. Até que ele falou com o rapaz que tinha feito o anúncio

dos aniversariantes.

— Ah! Estão me dizendo aqui que domingo é aniversário da Júnia! Pode vir para cá também! — disse o rapaz se achando um apresentador de programa de auditório.

E lá estava eu a poucos centímetros de distância da Júnia. O pior é que, depois dos parabéns, o natural era que todos se cumprimentassem. E como eu, na frente de

todo mundo, não a cumprimentaria? Tentava me lembrar de todas as técnicas do curso de teatro que fiz quando adolescente. Devia ter um módulo "como cumprimentar a pessoa pela qual você foi trocada". Fui dando os parabéns a quem

estava perto de mim. Até que chegou a vez de nos cumprimentarmos. Olhamos uma para a outra. Eu sorri.

— Parabéns, tudo de bom! — eu a abracei, educadamente.

— Para você também! — ela me respondeu.

Pouco depois recebi o cumprimento de Rubens. Não sei se ele quis ajudar ou me ferrar ainda mais, mas chegou me apresentando a Júnia.



69

— Catarina, você conhece a Júnia, secretária do senhor Alencar? — disse ele, referindo-se a um dos gerentes da produção.

Eu queria poder dizer que convivia com muita gente da empresa e que não tinha reparado nela, afinal, ela trabalhava de uniforme e ficava igual às outras mulheres. Mas seria inútil. O Rubens tinha reparado nela de uniforme e cabelos amarrados enquanto ainda estava comigo. Que dor.

— Já nos vimos algumas vezes, não? — fui educada e joguei a bola para ela.

— Sim, eu já te vi muitas vezes — não sabia se ela era tímida ou se simplesmente não queria papo comigo. Eu também não queria papo com ela.

— Que coincidência vocês fazerem aniversário tão perto... — disse Rubens. E eu pensava na coincidência a que ele estava se referindo: a ex e a atual. Percebi que ele

estava criando um palco para subir, naquela conversa completamente sem propósito que ele havia começado para nós.

— Pois é! Bem, estou com muita coisa para fazer e preciso sair mais cedo hoje!

Vou passar o fim de semana no Rio e ainda não fiz as malas — menti. As malas já

estavam fechadas, mas eu queria era esnobar!

— Vai lá, Catarina!

— Júnia, tudo de bom! – olhei mais uma vez para ela. — Nos vemos por aí!

Despedi-me dos dois sem muita intimidade. Recolhi minhas coisas e fui embora.

Estava entrando na minha sala quando faltavam dez minutos para o horário do almoço. Meus colegas vieram me cumprimentar e fiquei muito feliz com a consideração deles. A vaca da Carmem não estava lá. Tadeu e outros colegas me chamaram para almoçar. Eu já tinha combinado com a Mônica, mas liguei para o ramal dela, que adorou a ideia de mais pessoas irem conosco. A Fabi estava desde

cedo no fórum. Tinha me ligado, dado os parabéns e dito que iria almoçar por lá

mesmo. Mônica e eu fomos com o Tadeu. Uma colega do meu setor, a Bia, também



70

foi. Reginaldo, Neto e Estela foram em outro carro. Eles me levaram numa churrascaria. Os rapazes combinaram de pagar a minha parte. Achei tão gentil! O

carinho dos meus colegas me fez esquecer da saia-justa de cumprimentar Júnia. Eu

nem queria ficar repassando cada cena, juntando as palavras para ver se ela sabia ou não de mim. Queria virar a página. E queria ficar afim de quem estava afim de

mim, como o Phil.

No meio da tarde, Bia entrou com um bolo lá na sala. As doze pessoas do meu setor estavam lá, cantando parabéns. Fiquei bem feliz. Recebi um cartão assinado

por todos. Alguns colocaram dizeres que me emocionaram. Carmem apenas assinou o cartão. Ela até foi atender uma ligação no celular, fora da sala, enquanto

as pessoas me cumprimentavam. Na volta, ela me desejou parabéns de longe, dizendo que precisava sair mais cedo, pois um dos filhos tinha passado mal na escola. Achei bom aquela vaca não comer do meu bolo nem sair na foto que tiramos.

Abri meu e-mail antes de sair do trabalho e vi uma mensagem linda do Lucas.

Ele ainda anexou uma foto dele, segurando um cartaz escrito: "Happy birthday! Go,

Cat!". Meu irmão sempre mandava bem. Que saudade dele!

Logo eu estava a caminho do ônibus que nos levaria ao aeroporto. Encontrei com a Fabi, o Flávio e o Phil. Fabi me deu um perfume ótimo e já fui logo passando.

Fiquei ao lado de Phil durante todo o tempo da viagem. Desembarcamos na "cidade maravilhosa" por volta das nove da noite. Passamos no apartamento, que era lindo, para deixar as malas. A rua nos chamava! Como era meu aniversário, deixaram que eu escolhesse o lugar para jantarmos. Aproveitando que tínhamos um gringo na turma, logo pedi para irmos a um samba de primeira, na Lapa.

Todo

mundo aprovou. Retoquei a maquiagem e fui toda soltinha sambar. O ar da cidade

me animou e me diverti como há muito tempo não fazia! Foram tantos chopps que



71

logo eu estava na orelha dos músicos, pedindo que cantassem "parabéns" para mim. Comentei que estávamos mostrando a cidade para um amigo inglês e eles mandaram um "happy birthday to you" em ritmo de samba. Phil amou!

Voltamos para o apartamento exaustos. Fabi e Fábio foram para o quarto. Antes

que eu ficasse sem graça por estar sozinha com o Phil naquele apartamento, fui logo tascando um beijo nele. Ele correspondeu. E muito. Ficamos na varanda, curtindo uma vista linda do bairro de Copacabana.

O chopinho e o cansaço da semana me derrubaram. Acabei dormindo por ali mesmo.

Quando acordei, o Phil já estava de pé e de banho tomado. Morri de vergonha por estar toda descabelada: dormi com o cabelo suado e ele acordou para cima, estilo "Rei Leão". E ele veio querendo me dar um beijinho de bom-dia. Achei bonitinho, mas eu estava com mau hálito. Tive que dar um pequeno chega pra lá nele para pegar minhas coisas no quarto. Tomamos café da manhã numa padaria próxima e fomos à praia. As lembranças que tinha da noite eram boas. Eu realmente tinha gostado de ficar com ele, mas minha empolgação não era a mesma

da noite. Acho que não tinha muito clima, muita química. O problema era que Phil

era só gentileza comigo e chegou a me dizer que, desde que havia me conhecido, tinha se encantado por mim. Eu não podia dizer o mesmo. Então só o beijava. Ele

devia achar que estava arrasando, mas eu estava achando até meio meloso.

Imaginava que os ingleses fossem mais frios.

Fabi e eu conseguimos uma folga dos caras e fomos caminhar pela praia. Vendo outras mulheres de biquíni me perguntava por que não tinha comido menos nos

últimos dias. E dizia a mim mesma que iria começar a malhar.

— E aí, amiga? Como foi a noite? — perguntou Fabi.

— Foi boa. Mas só ficamos nos beijos.



72

— Ah, mas tem hoje ainda!

— É... vamos ver.

— Você não está animada?

— Ele é ótimo! Um *gentleman*, literalmente — rimos —, mas não estou tão interessada como ele está. Sei lá...

— Mas, amiga, é só um fim de semana. Tenta aproveitar. Você tem que dar uma chance para o cara e esquecer o Rubens, o Artur e todo o resto.

— Você está certa. Eu sempre complico quando alguém demonstra gostar de mim. Mas me conta: quem é esse tal de Bruno? Vocês estão tão grudados... Parece

até que está me evitando depois que o conheceu!

— Nossa, como você é sincera, Cat! — ela riu. — E esperta!

— Deixa eu adivinhar! Está balançada pelo cara?

— Amiga, ele está no meu pé! E é um gato, né?

— Ele é bonito e chama atenção, mas o achei babaca, metido. Mas me conta isso!

Ele dá em cima de você na lata?

— Vive me mandando mensagens. Desde o início das aulas é assim. E ele também tem namorada. O que torna tudo mais secreto e tentador.

— Você deve estar bem balançada. Para ter chegado ao ponto de trocar telefone e deixar ele te mandar essas mensagens...

— Não sei o que está acontecendo comigo! Eu amo o Flávio, mas o Bruno mexe comigo. Eu gosto das provocações dele.

— Mas você pensa em corresponder a essas provocações? — perguntei.

— Nunca! É só paquerinha boba. Eu gosto do Flávio. Não quero outra pessoa.

— Eu te entendo. Às vezes é bom a gente ser paquerada, né? Faz bem ao ego!

— Exatamente...

— Mas cuidado, você está muito próxima dele! A brincadeira pode ficar séria.



73

Acho que a Fabi não gostou do meu comentário, pois ficou calada. Talvez eu estivesse sendo pudica, recalcada, invejosa... Mas achava muita sorte encontrar um

namorado como o Flávio e eu não jogaria isso fora. Pensei no Phil. Talvez eu também estivesse jogando a sorte fora. Ele me tratava bem, era educado, inteligente

e se mostrou bem interessado em mim. Nenhum outro cara tinha sido tão gentil comigo, me dando uma viagem de presente.

À tarde passeamos pelo Leblon e ficamos por lá até de noite. A Fabi e o Flávio resolveram dar mais uma volta pela cidade. Phil e eu voltamos para o apartamento.

Como já tinha bebido um bocado na noite anterior, o que não era habitual para mim, achei melhor não beber nada na noite de sábado. Com a casa vazia e a gente

dando uns beijos, era natural que pensássemos em sexo. Eu queria. Mas não naquela hora e com aquela pessoa. Sabia que estava perdendo uma ótima oportunidade, mas eu simplesmente travei. Ele foi bem bacana. Sei que ficou um pouco decepcionado, mas me respeitou. Minha cabeça estava a mil, dividida entre a

sensação de estar sendo uma burra, deixando a vida passar, e entre minha vontade

de ficar quietinha, na minha. Ficamos juntos até a hora de ir deitar, mas dormimos

em quartos separados. Sentia-me triste e sem me entender. Agora eu colecionava mais um problema. Será que eu tinha me tornado frígida? Ou era só uma fase?

Qualquer mulher no meu lugar teria aproveitado a companhia daquele lorde inglês. Talvez Luiz tivesse razão. Qualquer mulher se permitiria ter e dar prazer naquela noite; mas eu não: ainda era uma menina.

O domingo era de céu aberto no Rio, mas muitas nuvens me deixavam cinza por dentro. Levamos Phil aos pontos turísticos do Rio. Andamos de bondinho e subimos o Corcovado, para ver o Cristo Redentor de perto. A grande imagem tinha

os olhos voltados para baixo, como se Cristo estivesse olhando seu povo. Eu não



74

era uma ovelha exemplar e obediente, mas estava no rebanho! Pedi a Deus que me

ajudasse.

Depois de muitos passeios, organizamos nossas coisas para voltar a Belo Horizonte. Eu voltaria sozinha com a Fabi, pois o voo do Phil seria na segunda e Flávio ficaria com ele. Chorei ao me despedir de Phil. Chorei porque não tinha aproveitado alguém legal que a vida tinha me dado. Chorei por não ter me

apaixonado, por não ter ficado louca de amor, juntado minhas coisas e ido com ele

para Londres. Chorei porque não conseguia viver como uma adulta que aceitava os

fortuitos da vida sem pirraçar. E porque não tinha conseguido fazer sexo.

Todos acharam, inclusive o pobre do Phil, que eu estava chorando porque me despedia dele. Como eu adorava situações que despistavam meu choro! Em BH, iria procurar um velório quando precisasse chorar. Fingiria ser amiga do morto e choraria até enterrar minhas tristezas.

O voo correu bem. contei para a Fabi o que havia acontecido e ela não acreditou que Phil e eu não tivéssemos transado.

— Acho que ele está apaixonado por você. Até o Flávio acha isso! O Phil disse que queria voltar ao Brasil ainda neste ano, para revê-la!

— Ai, amiga! Isso só me deixa mais para baixo! Por que sou tão burra de não gostar de quem gosta de mim?

— Calma, Cat! Talvez vocês ainda possam se reencontrar! E não dá para forçar.

A gente não controla o que sente — dizia ela. Fiquei sem saber se Fabi falava de mim ou sobre o que estava sentindo pelo Bruno.

Cheguei a BH e liguei meu celular. Havia uma mensagem recebida às onze e quarenta da noite do dia meu aniversário. "Feliz aniversário! Eu te amo." Era da Amanda. Poxa, como eu também a amava! Esses vínculos de família são muito



75

loucos. Resolvi que iria me preparar para conversar com ela no fim de semana, quando fosse a Divinópolis.

Eu tinha tantas coisas para falar na minha terapia que acabei sonhando com o Luiz. No sonho, eu estava num avião. Luiz estava nas poltronas da fileira ao lado.

Eu havia me escondido dele. Não queria que ele me visse. Enquanto ele dormia, eu

o observava, tomando conta de cada detalhe daquele rosto. Quando ele abria os olhos, eu fingia que estava dormindo, para que ele nem desconfiasse de que eu

estivesse de olho nele. E assim foi por todo o meu sonho.

Fui trabalhar com uma blusa que realçava meu bronzado. Eu estava mais vermelha que morena, mas queria me mostrar. Fiquei o dia inteiro pensando em usar uma blusa que mostrasse minha marquinha de biquíni ao Luiz. Eu nem sabia

como iria contar a ele o que havia acontecido — e o que não tinha acontecido — no

fim de semana. Fiquei pensando que, se fosse com ele, eu certamente não negaria

fogo. Ficar com alguém como o Luiz devia ser tudo de bom. Passei a tarde toda imaginando o Luiz perto de mim. Só fui lembrar-me do Phil na aula de inglês. Ele

já devia estar embarcando e a vida ia continuar.

Contei os minutos da terça-feira até dar a hora da terapia. Fui com uma blusa rosa clara com decote em "V", deixando um pouco da minha marquinha de biquíni

aparecer. Deitei no divã e comecei a contar do meu aniversário. Contei as partes chatas e as partes boas. Passei alguns minutos pensando se contaria ou não sobre o

Phil. Nessa hora reparei que as coisas estavam bem diferentes. Era óbvio que eu deveria contar tudo ao Luiz! Ele era meu terapeuta e estava me sentindo mal pela frustração que tinha vivido. Mas ele passou a ser alguém que eu queria conquistar e

contar de outro poderia atrapalhar minha conquista. Essa foi a primeira vez que

manipulei, na terapia, a forma como contaria alguma coisa.



76

— Eu acabei ficando com o Phil. Ele foi muito gentil, como sempre, mas não sei o que me deu. Minha amiga disse que eu fui louca de ter desperdiçado alguém como ele, que é inteligente e bem-sucedido. Mas acho que não é isso que me interessa – dei uma de santa.

Eu estava atenta a qualquer movimento ou barulho que o Luiz fizesse. Qualquer sinal que emitisse alguma opinião sobre mim. Queria saber o que ele estava achando, mas, deitada e de costas, eu nunca conseguiria prestar atenção nele.

Para me valorizar, disse que, embora houvesse pretendentes, eu ainda estava buscando alguém especial. Alguém tipo ele! Mas isso eu não dizia às claras.

No final da sessão, quando já estava me levantando, inventei de contar o sonho que tive com ele. Luiz não fez nenhum comentário, afinal a sessão já havia acabado.

O melhor foi olhar para o rosto dele enquanto eu contava o sonho.

— Conversamos mais na semana que vem! — disse ele com um sorrisinho entre os lábios. Eu queria acreditar que ele sorria somente para mim e para nenhum paciente mais!

Fui embora suspirando. Eu estava apaixonada! Era por isso que não tinha dado certo com o Phil e com nenhum outro! Porque eu queria alguém como o Luiz.

Como ele daria certo, tinha certeza!

Tive que passar no supermercado antes de ir para casa. Fiquei pensando em como seria fazer compra com ele, recebê-lo na minha casa e tê-lo como namorado.

Meu apartamento era pequeno, mas caberíamos nele. Ele poderia dormir lá sempre.

Poderíamos até morar juntos de verdade! Assim, eu não faria mais nenhuma compra sozinha. Ele participaria da minha vida e eu da dele! Ficava pensando em

quantos anos ele teria, onde estudou e se morava sozinho. Um desespero tomou conta de mim quando imaginei que talvez ele fosse casado. Ou morasse junto com

alguma mocreia ou tivesse namorada. Eu sabia que esse povo da Psicanálise era



77

bem liberado e sem culpa para o sexo. Certamente, ele fazia sexo com alguém. Mas

não tinha aliança, o que me levava a concluir — ou fantasiar — que, se tivesse

alguém, era só para sexo. E eu ia dar um jeito de saber. Ele parecia gostar de mim

também. Não sei se como mulher, mas como paciente, sim. Já havia escutado

alguns risos com algumas coisas que eu contava. E parecia ser bem interessado nas

minhas coisas. Claro que era o trabalho dele se interessar pela minha vida, mas eu

sentia — e queria sentir — que tinha algo mais entre nós.

Eu poderia estar diante do homem da minha vida. Só teria que dar um jeito de ele descobrir isso.



CAPÍTULO 4

"Só é lutador quem sabe lutar consigo mesmo."

Carlos Drummond de Andrade

Combinei com a Mônica de ir, na semana seguinte, conhecer a academia. Minha semana era corrida, já que tinha aula de inglês às segundas e quartas, e terapia às terças. Mas já que a academia era 24 horas, eu poderia malhar mais tarde. E o desconto parecia valer a pena. Agora eu tinha uma motivação extra para malhar: Luiz precisava me achar linda. Comecei até a achar que estava indo desarrumada para a terapia.

Na quarta-feira, recebi um e-mail do Phil. Dentre as notícias da viagem, ele dizia que tinha gostado muito de ficar comigo e que esperava manter contato. Como a Fabi já havia me dito que ele pensava em voltar ao Brasil no fim do ano, resolvi que

iria demorar a responder. Deixaria a história esfriar, sem ser grossa. Minha cabeça

estava só no Luiz. A cabeça e o resto do corpo, pois meu desejo estava nas alturas.

A semana passou rapidamente. Combinei de comemorar meu aniversário com os amigos de Divinópolis no sábado. Não estava com clima para badalação e chamei só a família e os mais chegados. Outra coisa importante que faria no fim de

semana seria conversar com Amanda.

A viagem foi tranquila. Mil músicas apaixonadas me embalaram até a casa dos meus pais. Eles me receberam bem como sempre, com muita fartura à mesa e



79

milhares de perguntas. Eu estava paciente. Amanda tinha saído com o namorado e,

não conseguindo falar com ela, dormi cedo.

Acordei escutando minha mãe falar com Lucas pelo telefone. Ele sabia que eu estaria em casa e pediu para falar comigo. Falar com meu irmão me deixou

inspirada a conversar com Amanda. Desliguei o telefone e fui ao quarto dela, que já

estava acordada e mexendo no computador. Logo a vi postando algumas fotos dela

com Artur na internet. Pensei no quanto eu tinha sonhado em tirar aquelas fotos barangas de casais apaixonados com o Artur, mas eu tinha de aceitar que havia passado muito tempo e os dois pareciam se dar muito bem. Amanda estava tão entretida com as fotos que nem me percebeu à porta.

— Oi, Amanda! Você está ocupada?

— Pode entrar, Catarina... — ela estava calma. Fui sentando na cama dela e logo vi as fotos na tela do computador.

— Vocês formam um casal bonito.

— Catarina, não tinha ideia de que isso ia magoá-la.

— Imagina se eu ficar com ele daqui a uns cinco anos. Dói pensar nisso? Há muito tempo eu deixei de gostar dele, já conheci muita gente, mas eu me assustei!

— Cat, acredite em mim! Não fiz por maldade. Comecei a frequentar a mesma academia que a dele e, quando dei por mim, estava apaixonada. Nunca foi brincadeira! Eu gosto de verdade!

— Eu acredito. E acho que ele também gosta de você. Para vir aqui em casa, deixar claro que namora e tirar essas fotos... Nem parece o mesmo Artur.

— Cat, ele gosta de você. Sempre disse que era a mais engraçada da sala e que era uma boa amiga...

— É, Amanda. Eu era só amiga dele. Era esse o problema. Mas, enfim, já engoli essa. Que bom que você gosta de alguém e é correspondida.



80

— E você? Está gostando de alguém?

— Não sei. E não estou afim de falar disso — ficamos em silêncio. — Obrigada pela mensagem de aniversário. Eu só vi no domingo.

— Eu imaginei. Você estava no Rio, né? Está vendo como sua vida é agitada?

Nunca imaginei que namorar um cara com quem você já ficou fosse te magoar!

Você já pensou o que é para mim saber que meu namorado já ficou com a minha irmã?

— Mas, Amanda, ele não quis nada sério comigo! Ele namora você!

— Mas eu sei que vocês ficaram, beijaram e sei lá mais o quê... — ela jogou um verde para ver se eu soltava até onde eu tinha ido com ele. — Você já ficou com um

monte de cara, conhece um tanto de gente, mora sozinha, dirige à beça... Eu custo a

tirar o carro da garagem, Catarina! Você acha que eu não morro de medo de ele achar você ou outra mulher mais interessante do que eu?

— Amanda, o que você está dizendo? Ele assumiu você! Você não sabe como ele

era! Deve ser a primeira namorada que ele leva a sério!

— Você acha que eu escolhi isso? Gostar de alguém que já ficou com minha irmã

e mais um tanto de mulheres?

— Como são as coisas – eu estava acalmando meu tom de voz. — Sempre te achei meio encantada, sabe? Você nunca teve uma espinha, problema com o peso e

nunca entrou em nenhuma confusão. É bonita, meiga e passou de primeira no vestibular para Medicina. Eu sempre te invejei. Nunca, nem por um segundo, imaginei que fosse se sentir insegura alguma vez na vida. Nunca achei que fosse ligar para o que eu vivi com seu namorado.

— Cat, você deve estar maluca! Na escola, sempre fui a irmã da Cat! Sempre fui uma tímida apagada – ela estava chorando. — Você é quase uma popstar...



81

— Ah, não viaja! Você está precisando ir para uma cidade maior — eu tentava descontraír.

— Fiz muito mal de ter trazido o Artur aqui antes de te avisar. Mas eu não sabia que você ia ficar tão louca.

— Amanda, nunca mais me exponha desse jeito, pelo amor de Deus! Se fizer de novo, eu te pego!

— Essa gatinha não bate nada... Mas grita e xinga que é uma beleza! — nós já estávamos rindo e nos abraçando.

Lucas e Amanda foram meus primeiros amigos. Por mais que o ciúme, a raiva e a inveja me consumissem às vezes, eles eram meus irmãos e tudo sempre acabaria

bem entre nós. Eu me sentia bem fazendo as pazes com a Amanda. Eu começava a

entender que minha implicância com ela era revolta da minha história. Mas ela não

tinha culpa de ter nascido depois de mim. No entanto, como culpar alguém me trazia algum conforto, eu continuava escolhendo a minha mãe.

Falei para a Amanda convidar o Artur para o meu aniversário. Passei o dia me arrumando e organizando as coisas para servir à noite. Ao checar meus e-mails, recebi outro e-mail do Phil, com uma foto nossa na Praça do Papa, em BH. Eu não

tinha respondido à primeira mensagem dele e achei educado responder, pelo menos, àquela. Disse que estava na casa dos meus pais, para comemorar meu aniversário, e que, durante a semana, faria contato. Mentira. Definitivamente, não

gostava dele. Eu queria o Luiz!

Minha noite foi muito agradável. Não me importei com o clima de amor entre a Amanda e o Artur. Tinha sido tão bom tirá-la do pedestal em que eu a tinha colocado! A companhia dos meus amigos estava ótima, mas meus pensamentos só

davam espaço ao Luiz. Imaginava como seria tê-lo comigo e como seria a interação

dele com meus amigos e com minha família. Alguns dos meus amigos eram



82

moleques demais se comparados a ele. Luiz era tão adulto, sofisticado e culto.

Parecia viver em livrarias, entender de vinhos e já ter viajado o mundo. Era um sonho namorá-lo!

Domingo de Dia das Mães era a mesma coisa. Íamos todos — todos mesmo, sem chance de fuga — para a missa e depois para o almoço na casa da tia Candinha. Eu

não me importava de ir à missa, embora, na maioria das vezes, eu viajasse nas

ideias. Em segredo, agradecia a Deus pela minha tia Fátima. Quando eu tinha apenas algumas horas de vida, minha mãe praticamente me entregou a ela. Tia Fátima já era uma senhora, com filhos criados e netos pequenos. Mas, ainda assim,

ela me recebeu. Fiquei na sua casa por alguns meses e meu pai ia me ver todos os

dias. Isso eles me diziam, porque eu não tinha a menor ideia do que acontecia. Tia

Fátima foi minha mãe quando a minha não deu conta de ser. Podia ser pecado, mas

eu a amava mais que tudo. Ela faleceu quando eu tinha seis anos. Como eu queria

ter tido a oportunidade de dizer a ela que eu a amava e que minha sobrevivência se

deveu a ela. Uma filha dela, a Andréia, sempre que me encontrava, contava o quanto ela chorou quando minha mãe se recuperou e foi me buscar.

Eu não era muito beata, mas acreditava em Maria, mãe de Jesus, porque

acreditava no amor da tia Fátima por mim. Toda vez que eu olhava para a imagem

de Nossa Senhora de Fátima no altar, via a tia Fátima. Mais velha, claro. E desejava

a ela meu "feliz Dia das Mães" em meu coração. Só depois eu cumprimentava a Dona Virgínia.

Voltei para BH logo depois do almoço, imaginando que a estrada fosse estar cheia.

Passei a segunda-feira nervosa. O Phil tinha mandado outro e-mail. Que parte do "te mando e-mail depois" ele não tinha entendido? Senti que seria um ótimo



83

assunto para falar com Luiz. Mostrar que havia outra pessoa interessada em mim me deixava mais atraente!

Na terça-feira, preendi os cabelos de uma maneira diferente. Queria parecer linda para o Luiz. Troquei de roupa mil vezes. As peças que caíam bem para uma sessão de terapia estavam ficando apertadas em mim. E, por incrível que pareça, eu

sentia ainda mais fome. Por fim, consegui uma bata que despistava a barriga. As noites de terça-feira passaram a ser as mais esperadas por mim. Cheguei ao consultório, me deitei e coloquei meu plano em ação. contei a linda conversa que

tive com Amanda, dando muita ênfase, claro, à inveja que eu nunca soube que ela

sentia de mim. Falei da tia Fátima, da dor do meu abandono e contei sobre os e-mails seguidos que Phil me mandava.

— Muitas mulheres reclamam que os homens somem em vez de ter uma conversa sincera e terminar. E parece que você está fazendo a mesma coisa... — interveio Luiz no meio da baboseira que eu dizia.

— Ah, é diferente! Eu não estava namorando o cara.

— Mas deve ter dado muitos sinais de que poderia dar namoro — ele continuou. — Se você não quer, por que não diz a verdade?

— Eu condeno, mas compreendo os caras que evitam esse confronto. Dizer o que sentimos, seja para se declarar ou terminar, é muito difícil...

— Vamos ao relacionamento que você tinha anteriormente. Você disse ao Rubens que gostava dele?

— Acho que, quando se está com uma pessoa, já entendemos que ela gosta da gente.

Eu esperava uma concordância ou uma intervenção do Luiz, mas ele ficava calado, como se esperasse mais de mim. Isso me irritava, pois parecia que me

forçava a pensar.



84

— Se bem que eu estava aparentemente bem com o Rubens. E, do nada, ele disse estar gostando de outra. Assim como com o Daniel, que voltou com a ex, também do nada.

— Como a gente sempre comenta, dos outros não dá para saber... — falou Luiz.

— Mas de mim dá — continuei. — Será que quando estou com as pessoas, emito

algum sinal para tudo dar errado?

— Podemos pensar sobre isso. Como era com o Rubens?

— Normal. Era legal, saíamos sempre. E tinha um clima diferente por ser escondido.

— Escondido...

— É. Já que somos da mesma empresa.

— Mas, pelo que você me conta, agora ela namora uma moça do mesmo lugar. Todos sabem e ninguém perdeu o emprego — Luiz alfinetou. Comecei a ficar angustiada, sem entender por quê.

— Acho que, com um tempo, as coisas podem ser assumidas no ambiente de trabalho. Quando é sério mesmo, sabe?

— Quando é sério mesmo...

— Acho que era eu que fazia questão de deixar tudo escondido — disse com tristeza. — Eu sempre dizia para nos mantermos daquele jeito, com poucas pessoas

sabendo, sem tanto compromisso. Poucas amigas minhas sabiam que eu estava saindo com ele.

— Então ele estava liberado para conhecer outras pessoas.

— Eu nunca disse isso!

— Mas também nunca disse que queria um namorado. E o mais interessante é que você veio aqui para isso: ter alguém de verdade.

Eu nem tentava segurar minhas lágrimas.



85

— Acho que eu sabia que não ia dar em nada. Por isso não queria nada sério.

Ficava incomodada por ele ser da produção e estar fazendo faculdade só agora.

Achava que eu merecia alguém melhor. Eu me achava melhor do que ele. E agora

ele está com alguém que não deve se achar melhor do que ele.

— Então a Catarina sempre dá um jeito de ficar com alguém, mas sem estar de verdade com esse alguém.

Eu não respondia nada, mas me sentia a mulher mais fracassada do mundo.

Incapaz de dizer a um homem que eu estava apaixonada. Eu pensava nos romances

que tinha lido. Ficava impressionada com as reviravoltas das histórias. Uma

declaração de amor era capaz de mudar o destino das personagens. Sempre ficava

pensando se uma confissão apaixonada mudaria o rumo da minha vida.

Não sei quanto tempo fiquei calada. Mas voltei à realidade com a grave voz de Luiz.

— Precisamos encerrar. E para você pensar: escolher uma paixão platônica é mais uma forma de estar com alguém sem se envolver.

Eu me senti petrificada. Por um segundo, imaginei que Luiz tivesse descoberto a paixão secreta que sentia por ele. Não entendia a razão de ele falar aquilo. Será que

eu estava com um jeito diferente? Fiquei tão sem graça que quis sair dali correndo.

Eu teria uma semana para pensar em como sairia daquela.

Minha primeira ideia era mascarar. Não podia contar assim que estava gostando dele. Como uma paciente fala que se apaixonou por alguém que vê uma vez por semana? Tudo bem que o que eu conversava com ele não falava com mais

ninguém, mas ainda assim ele iria me achar louca. Era ridículo estar apaixonada pelo meu terapeuta. E a história ser ridícula deixava tudo ainda mais apaixonante.

Ele era tão lindo, inteligente e bem vestido! Era tão bom ficar falando de mim para

ele! Eu estava muito ferrada, pois a ideia de não o ver mais me deixava sem ar.



86

Minha primeira medida, na manhã seguinte, foi agilizar com a Mon a ida à academia. Combinei de encontrá-la depois que saísse da aula de inglês. Eu já estava morrendo de preguiça, mas queria tanto parecer bem para o Luiz que venci meu cansaço. E realmente estava precisando de uma atividade física. A avaliação que a fisioterapeuta fez confirmou. Estava sem condicionamento físico e com um bracinho de biscoiteira danado. Só podia mexer com o braço se estivesse com

blusa

de manga comprida. E estava com o guarda-roupa cada vez mais limitado em função do aumento do peso. Por que comer era tão gostoso e desastroso?

A Mon me apresentou um instrutor na academia amigo dela. Se não fosse gay, seria um partidão! No trabalho, ele parecia ser bem comportado, profissional, mas

quando não tinha ninguém perto, ele mostrava todo lado pirilampo! Fernando era o orgulho gay em pessoa. Gostei dele e senti que ele também tinha gostado de mim.

— Amada, a Mon me contou do bofe da Inglaterra! Que luxo viajar para o Rio bancada por um gringo! Eu preciso aprender inglês, vai que dou essa sorte um dia!

Senti-me mal ao me lembrar do Phil e do sumiço que estava dando nele! Queria mudar de assunto e acabei contando meu maior segredo a um gay eufórico que tinha acabado de conhecer.

— Mas minha cabeça está em outra coisa! Estou louca pelo meu terapeuta. Não faço ideia de como, mas eu preciso ficar com aquele homem!

— Que babado! Adoro caso com analista!

— Você já teve um? — estava em êxtase com a possibilidade de encontrar alguém que me entendesse!

— Não, mas é *glamour*! Olha, você é das minhas! Gostar de psicólogo é tudo! Você vai sair dessa academia seca e definida. Depois você tira a roupa para ele.

Comecei a achar que, de alguma forma, tinha contado o que escondia para a pessoa certa. Se eu tivesse contado para as meninas ou qualquer outra pessoa com



87

bom senso, sei que eu teria sido censurada. E, no fundo, sabia que não estava mais

fazendo terapia, e sim tentando conquistar o terapeuta. Eu tinha milhões de dúvidas e não sabia a quem recorrer. Perguntava a mim mesma se eu não devia dizer a verdade e ver no que dava, ou se deveria encerrar a terapia sem dizer nada

e deixar essa história morrer. Mas entrar na onda do Fernando parecia ser melhor.

Para melhorar, ele me arrumou um mega desconto. No primeiro mês de academia,

eu poderia conhecer todas as modalidades oferecidas. Ele me sugeriu o *spinning*, já

que a bicicleta seria ótima para mim, que queria queimar calorias.

No dia seguinte, o senhor Ari chamou todos do setor para uma pequena reunião. Entre as inúmeras coisas ditas na conversa, como novas metas e agradecimento pelos objetivos cumpridos, ele disse que meu projeto do Dia de Lazer estava sendo adotado pela empresa. Fiquei muito contente e recebi cumprimentos de alguns colegas. A Carminha ficou na dela. Só se limitou a cochichar comigo dizendo "depois a gente senta e detalha isso". Eu disse que sim,

mas queria a pata dela longe do meu projeto! De qualquer maneira, eu precisava manter a pose. Tinha apenas algumas semanas para acertar tudo. Por sorte, eu já havia feito uma pré-reserva no clube. E ainda tinha que sentar com o pessoal da comunicação e do jurídico. Sabia que teria muita coisa para resolver nos próximos

dias, mas eu ainda arrumava tempo para maquinar alguma coisa para me aproximar do Luiz.

Conforme havia combinado com o Fernando, fui à academia disposta a suar horrores. Ele me jogou na aula de *spinning* e, no início, eu estava bem empolgada.

Música alta, professor berrando uns gritos de guerra e até jogo de luz. Depois de dez minutos, o selim da maldita bicicleta começou a me incomodar. Juntou o cansaço, a falta de condicionamento, o suor, o cabelo na cara e a vontade de matar o



88

professor. Não sei como, mas resisti aos cinquenta minutos de aula. Tinha a sensação de que andava com as pernas entreabertas e completamente moles.

— Seu ordinário! Nunca mais me coloca numa bicicleta de novo!

— Amada, o início é assim mesmo. Dói um pouco — disse ele entre risos.

— Um pouco? Eu nunca mais vou conseguir sentar!

— Ai, Cat, deixa de ser preguiçosa! Vamos que ainda tem os exercícios nos aparelhos.

— Mas eu quero ir embora, estou um caco!

— Psiu! — ele chegou o rosto bem perto do meu. — Estima-se que em BH exista

oito mulheres para cada homem! Vai deixar as outras sete tirarem a roupa para o terapeuta? Amada, quem tem que brilhar naquele consultório é você!

— Como não te conheci antes, Pirilampo?

— Adoro ser seu Pirilampo! Já que sou seu Pirilampo, seja minha gatinha, Cat, e se joga nos pesos.

— Eu caio muito facilmente na sua conversa! Mas vamos logo tirar essa capinha de gordura da minha gostosura.

— Pensa no bofe, amada!

Eu nem conseguia levantar os braços no dia seguinte. A Mônica ria horrores da minha cara e acabei contando o que estava me estimulando.

— Mas como é que você foi gostar do terapeuta?

— Da mesma maneira que fui gostar dos outros: sem explicação!

— E ele? Demonstra interesse?

A pergunta de Mônica me rodeou o dia inteiro. Luiz não transparecia nada. Era simpático e prestava atenção ao que eu falava. Ele devia ser assim com todo

mundo. Mas eu imaginava que os terapeutas deviam ter uns pacientes favoritos. Talvez ele me achasse gente boa. E bonitinha, esperava.



89

Tomei um relaxante muscular e voltei à academia. O *spinning* estava completamente fora de cogitação. Fernando pegou leve comigo, na promessa de que, no fim de semana, eu fosse à academia.

No sábado, fui à biblioteca. Precisava de alguma ajuda. Por mais que parecesse engraçado gostar do terapeuta, eu estava muito angustiada. Sentia-me a mais ridícula da história da Psicologia. Eu tinha a esperança de achar qualquer livro

que

me explicasse o que estava sentindo. Alguns livros eram muito específicos e como

eu não era da área, ficava boiando. Além do mais, queria algo como "por que pacientes gostam dos analistas". E um livro do estilo "como resolver sua vida em poucos dias" também seria bom, embora eu soubesse que, se existisse isso, seria charlatanismo. Sabia que teria de optar pelo caminho mais longo.

O máximo que consegui garimpar na biblioteca, que era do meu entendimento, foram alguns textos sobre o Freud, o "pai da Psicanálise". A forma que ele começou

a tratar seus pacientes era genial, especialmente para a época. Ficava lembrando das minhas falas na terapia, que aparentemente pareciam ser desconexas e sem sentido. De acordo com Freud, nas coisas que eu falava, sonhava e até brincava transpareciam os registros que estavam no meu inconsciente. As dores, as

frustrações, os desejos... Ficava tudo ali acompanhando a gente. Era por isso que a

rejeição da minha mãe me doía mesmo depois de 23 anos. E eu vivia escondendo o

que sentia. Identifiquei-me com todos os mecanismos de defesa. Mas eu

compreendia que, se a gente não fugisse um pouco da realidade, ninguém dava

conta de viver. Aproveitei que a biblioteca estava vazia e chorei. Então percebi que

começava a dar os primeiros passos para aceitar minha história.

Chorei bem menos do que das outras vezes. Era um choro calmo,
condescendente. Era isso o que havia me acontecido e pronto. Eu não podia
mudar
o passado, mas tinha a vida inteira pela frente.



90

Acabei me distraíndo com a leitura e achei algo que chamavam de transferência,
a ligação emocional que o paciente desenvolvia com o terapeuta. Era como se eu
projetasse tudo o que sentia por meus pais, inconscientemente, no terapeuta. O
texto era curto e não explicava muito, mas chegava a citar o inverso da situação:

quando o paciente atraía o terapeuta, inclusive citando um famoso caso de envolvimento, de um colega de Freud.

Por um segundo tive esperança! Se aconteceu com alguém, podia acontecer comigo também. O relato do livro era superficial e histórico, não contava o que eu

queria saber: o que a paciente falava, como o terapeuta foi ficar com ela e o que aconteceu depois.

Ao mesmo tempo em que me animava a conquistá-lo, ficava triste, pois achava que poderia ser perda de tempo e de dinheiro. Eu devia estar vivendo como uma pessoa normal e querendo arrumar um namorado normal. No entanto, eu gostava dos alvos difíceis e complicados. Sempre. Fechei o livro cuja capa falava algo sobre

a História da Psicanálise, com uma foto do Freud na capa.

— Freud, me tira dessa! Foi você quem inventou isso, agora me ajuda! — falava sozinha abraçada ao livro. Eu estava quase me tornando uma devota de Freud.

A biblioteca ia fechar para almoço e eu não queria ler mais. No futuro, talvez, me interessasse pelos desdobramentos da história e outros teóricos. Mas, naquele momento, livro nenhum me ajudaria.

Resolvi almoçar por ali mesmo. Aluguei uns filmes e resolvi ficar bem quietinha em casa. Estava sem ânimo para sair. Mais tarde fui ler meus e-mails e vi uma mensagem do Lucas. Ele avisava que as provas do curso de pós-graduação seriam

no Brasil, em julho. As passagens já haviam sido compradas e ele perguntava se podia ficar na minha casa, já que as provas eram em BH. Ele ficaria por duas semanas, para aproveitar uma folga no trabalho lá nos EUA e para rever a família e



91

os amigos. Fiquei muito empolgada com a vinda dele. No fundo, eu me sentia meio

só, mas não dava o braço a torcer. Arrumava diversos programas, alugava filme, lia, estudava, escutava música e levava trabalho para a casa para não me sentir sozinha. Mas não dizia isso nem a mim mesma. Ficar uns dias com meu irmão

seria

ótimo.

Eu precisava fazer compras e acabei indo ao shopping no domingo. Depois de ir ao supermercado, resolvi passar naquelas lojinhas que só vendem lingerie. Como estava acima do peso e querendo impressionar, pensei que um *body* ajudaria. Já tinha visto em revistas, televisão e parecia funcionar. Achei um que caiu bem, de uma cor discreta e que me deixou com as gordurinhas bem apertadinhas. Comprei

com planos de usar na próxima sessão. No final do dia, fui com a Mônica para a academia. Um dos nossos assuntos foi o distanciamento que estávamos sentindo da

Fabi.

— Amiga, acho que não é só trabalho e namoro que tem feito a Fabi sumir — disse não aguentando mais guardar segredo. — Eu sempre a vejo de ti-ti-ti com um rapaz lá na escola de inglês.

— Mas ela não é louca pelo Flávio?

— É sim! Mas isso não a impede de achar outra pessoa interessante. E o cara é um babaca. Estilo malhado, bem vestido, gel no cabelo, sabe que é gostosão...

— Ah, esses metidos têm pegada... Querem impressionar para ficar com fama de feroz...

— E o cara tem namorada! Mas eu estou achando que ela está caindo, sabe? Eles

sempre estão juntos e, se deu um sumiço, é porque fez alguma coisa que não quer

contar – eu falava esbaforida na esteira.

— Pode ser mesmo. Vamos apertá-la amanhã!



92

— Posso estar sendo injusta, mas achei estranha a proximidade dos dois.

Amanhã eu falo que te contei. Acho que ela não vai achar ruim.

Na segunda-feira, apresentaram-nos um cara da filial de São Paulo, o Ricardo.

Ele era gerente da mesma linha de produção que seria implantada em BH. Ele era

sério, focado e prático. Arranjaram para ele uma mesa em nosso setor. Eu não imaginava que ele fosse ficar tão próximo, acompanhando tudo do nosso dia a dia.

A presença dele me deixava meio apreensiva, como se eu estivesse que ficar provando o tempo todo que trabalhava direito. Era mais uma situação que eu deveria me acostumar, além do clima de disputa que estava entre nós. A maioria mantinha a cordialidade, nos dávamos bem, mas era óbvio que todos queriam um

cargo melhor. A única pessoa que eu não suportava era a vaca da Carminha. Ela me

evitava, depois daquele almoço, e conversava comigo pouquíssimas vezes. Eu achava melhor, pois fingia um coleguismo que não existia. Ficava aliviada e queria

que ela nem soubesse que eu existia.

À noite, encontrei a Fabi no estacionamento da escola de inglês. Ela estava dentro carro, ouvindo música.

— Oi, Fabi! Fazendo uma hora antes da aula?

— É, já estou entrando.

Ficamos em silêncio. Ela não queria render assunto comigo e logo deduzi que estava esperando o Bruno.

— Fabi, você anda sumida... Está acontecendo alguma coisa?

— Nada, Cat! Eu só estou sem tempo mesmo!

— Nada a ver com esse carinho daqui?

— Não! Claro que não! E fala baixo! Não comenta isso com ninguém.

— Tá... Mas vocês ficaram?

— Que isso? Somos só amigos!



93

Saí meio chateada com a frieza da Fabi e já fui ligando para a Mon, pedindo para ela não comentar nada com a Fabi. Se ela queria manter segredo, era porque estava escondendo algo. Eu iria respeitar minha amiga e esperar que ela me contasse alguma coisa.

Fui à academia e aguentei a série de exercícios para enrijecer meu braço e minha

barriga de pudim.

— Pensa no bofe te pegando, Cat! — berrava Fernando no meu ouvido. E como eu pensava! Estava mesmo gostando dele e ficava o tempo todo imaginando como seria se ele estivesse comigo.

A terça-feira demorou a passar. Eu contava os minutos para ver o Luiz! Cheguei à minha casa o mais rápido que pude. Fui para o chuveiro correndo, lavei o cabelo

e logo me encontrava no dilema do que vestir. Eu, que tinha entrado para a terapia

para me livrar dos problemas, acabei arrumando mais um. Tinha de encontrar alguma roupa que me vestisse bem enquanto estivesse deitada. Nada muito exage-

rado, para não parecer que me arrumei. Pensei em ir com uma roupa não muito descontraída, para dar impressão de que havia acabado de sair do trabalho. Assim

ele não pensaria que eu estava arrumada por causa dele. Luiz não fazia ideia de que eu perdia muito mais tempo pensando no que vestir para ir à terapia do que para ir ao trabalho ou encontrar com amigos. Sentia-me idiota, mas já que estava na

chuva... Tinha que me molhar!

Coloquei o meu maiô-aperta-tudo. E apertava mesmo. Coloquei minha calça jeans escura apertada, linda. E, daquela vez, nem tinha ficado igual bolinho americano, com as gordurinhas saltando para a fora. A camisa de botão azul,

bem

cortada e de um tecido fino, foi abotoada com facilidade. Nada ficou esmirrado. Eu

estava toda apertadinha, sem nenhuma dobrinha marcando o corpo! Só não podia respirar. Nada de movimentos bruscos. Entrei no carro com cuidado e, na hora de



94

sentar, meu Pai! Não sei o que me apertava mais: o macaquinho ou o jeans. Fiquei

com medo de o botão da calça explodir, mas me lembrei de que ficaria deitada e

talvez não corresse esse risco na frente do Luiz. Desabotoei a calça e respirei. Tirei o

sapato de salto alto e consegui pisar na embreagem do carro. Desabotoei o primeiro

botão da blusa e conseguir mexer os braços para ligar o carro. Lá fui eu para a terapia.

No caminho, repreendia a mim mesma. Deveria me mostrar como sou de verdade, com as dobras no corpo e as olheiras no rosto. Deveria dizer como me sentia de verdade. Mas tudo já estava dançado. Eu era uma fraude. Estava apaixonada e a terapia tinha virado uma oportunidade de conquista. Se eu encerrasse o processo, deixaria de vê-lo e perderia minhas chances. Se é que eu tinha alguma.

Consegui chegar uns minutos antes e fiquei aguardando o Luiz encerrar com outro paciente. A recepcionista, como sempre, despediu-se de mim, fechou tudo e

foi embora. Eu estava sozinha na recepção. Poderia desabotoar minha calça enquanto esperava, mas fiquei com medo de ser surpreendida pelo Luiz ou pelo outro paciente. Achei melhor ficar em pé, andando de um lado para o outro, como

se olhasse alguma coisa na janela. Fui ao banheiro, me ajeitei mais uma vez no espelho, mexi no celular, folheei uma revista. Até que inventei de mexer no cabelo.

Imaginei que seria sexy se ele aparecesse bem na hora que eu estivesse jogando

minhas madeixas. Eu ficava bacana jogando o cabelo. A cada ruído que ouvia, lá estava eu batendo o cabelo. Até que senti uma "estilingada". Barulho estranho.

Acompanhado de uma dorzinha. E depois uma sensação de relaxamento veio.

Demorou alguns segundos até que eu percebesse. A porcaria da alça do *body* estava

arreventada. Eu não podia acreditar! A qualquer minuto o Luiz podia aparecer e lá

estava eu com um seio em pé e outro caído! Fui ao banheiro, suando, tentando dar



um jeito! Mas a danada da alça estava só na costura, não tinha nenhuma argolinha

ou espacinho para eu dar um nó. Eu pensei em tirar o *body*. Mas aí eu ficaria com

aquela calça jeans apertada e sem calcinha? E sem sutiã com aquela blusa de botão?

Eu estava perdida! O medo de o Luiz aparecer tomava conta de mim. Comecei a suar e perder a chapinha que havia feito no cabelo. Merda de dia! Cheguei a pensar

em ir embora, dizer que tive um imprevisto, mas tinha me esforçado tanto e o maiô

tinha dado um efeito legal... Embora a alça fosse fuleira.

Fui andando pela recepção, quase indo embora, quando tive uma ideia que poderia me salvar. Chequei se alguém não estava vindo e entrei na recepção.

Alguma coisa ali teria para me ajudar: cola, fita crepe, adesivo... Qualquer coisa que

segurasse meu peito naquele *body*! Não consegui nada melhor do que o

grampeador. Abri e vi que estava cheio de grampo, do jeito que eu precisava. Ali mesmo, abaixada, atrás do balcão da recepção, estava eu grampeando a coisa mais

importante da minha vida. Soquei grampo na alça, deixando-a bem presa no maiô.

Quando meus dois seios já estavam seguros, levantei com calma, vendo se não vinha ninguém. Respirei aliviada, com vontade de rir. Já estava fora de perigo quando o paciente anterior a mim passou. E escutei a voz do Luiz lá do fundo do

corredor.

— Catarina? Vamos?

Entrei na sala ainda com ar de cansada, olhando para aquele rosto encantador que não fazia ideia da enrascada — e do maiô apertado — que eu tinha entrado por

causa dele!

— Você não sabe quanta coisa aconteceu. Mas vamos aos acontecimentos mais importantes... — comecei.

Eu não falei nada relevante. Comentei que meu irmão viria dos EUA, que tinha ganhado mais um chefe no trabalho e que minha amiga Fabi estava diferente.





96

Ainda usei a situação da minha amiga para dar uma de santa, dizendo que, se tivesse com alguém legal, jamais faria algo igual a ela. Eu não deixei a sessão render. Parecia mais conversa de boteco do que terapia. Ficava o tempo todo virando a cabeça tentando ver para qual direção o Luiz estava olhando. Queria me

certificar de que ele estava prestando atenção em mim. Não queria mais ficar deitada. Queria apenas olhar para ele. Mas tinha medo de fazer qualquer movimento brusco e estourar o *body*. Eu estava tão avoada e pouco interessada em

fazer terapia que nem prestei muita atenção nas coisas que Luiz falava. Estava atenta aos movimentos dele para, quem sabe, perceber algum gesto especial para mim.

A sessão encerrou e corri para o elevador. Desci até a garagem. Havia poucos carros e fiquei escondidinha na porta que dava para as escadas. Passaram uns cinco

minutos e ele desceu com uma pasta na mão. Ouvi o barulhinho do alarme do

carro. Anotei a placa, a cor e o modelo do carro. Esperei o portão do prédio fechar e

subi para a portaria. Eu ainda não sabia o que fazer com aquela informação, mas eu

daria um jeito de usar aquilo a meu favor.

Trabalhei muito durante a semana, em função do Dia de Lazer. Como ia à academia quase todos os dias, chegava à minha casa cansada, sem tempo para as minhas coisas. Às vezes, Phil mandava e-mail e eu, de vez em quando, respondia.

Na semana seguinte, já no mês de junho, recebi uma ligação de um número desconhecido no meu celular.

— Catarina? — eu não podia acreditar! Aquela voz grave nos meus ouvidos fez meu coração acelerar! Eu saí da sala para atender com mais calma. — É o Luiz! Eu

não poderei atendê-la hoje — ele continuou. E eu sonhava que ele dissesse que fosse por estar apaixonado por mim. — Tive um imprevisto e não poderei ir ao consultório hoje. Tudo bem para você?



97

— Tudo bem. Nos vemos na semana que vem então.

— Você está bem?

"Sim, agora falando com você está tudo bem...", pensei. Mas acabei falando só "sim".

Eu estava nas nuvens! Não o veria, mas ele havia me ligado! E perguntado se estava tudo bem! Logo me atentei que o número que ele tinha me ligado era novo.

Esperei passar alguns minutos, ativei a ligação confidencial do meu celular e liguei.

Tocou até cair. Devia ser o telefone da casa dele e não de um consultório ou clínica.

Fiquei com medo de ligar de novo e uma mulher atender. Não sabia se eu estava pronta para saber disso. Eu não queria acordar daquele sonho. Ou pesadelo.

O Dia de Lazer seria naquele final de semana. E tive que interromper minha vida de detetive para cuidar dos detalhes. No final do dia, recebi um e-mail da Carmem. Ela havia dividido algumas tarefas entre as pessoas da equipe. Notei que

a vaca não tinha me esquecido. Colocou para mim as tarefas mais demoradas e difíceis de serem feitas. E eu deveria entregá-las até sexta-feira.

— Oi, Carmem! Sobre o e-mail que nos mandou, será que posso te enviar tudo até terça da semana que vem? Estou muito envolvida com o Dia de Lazer... — eu estava diante da mesa da vaca, que não desviou o olhar do computador por um segundo sequer.

— Se você se acha muito ocupada para fazer as tarefas da equipe, em função do seu projeto, pode deixar que repasso para outras pessoas.

— Não foi isso que eu quis dizer. Eu faço o trabalho como qualquer pessoa, só pedi um prazo maior. Aliás, está tudo certo com o Dia de Lazer. Pode deixar que cumprirei o prazo — dei as costas marchando de raiva daquela mocreia.

Saí da sala e entoei mil palavrões. Em pensamento, eu a esganava e arrebatava aquela cara cheia de *botox*. Tadeu, meu colega, estava passando e puxou assunto



98

comigo. Como meu estado de raiva estava fora do normal, acabei desabafando com

ele sobre a Carmem.

— Cat, o prazo ficou apertado para muita gente, mas eu nem tento reclamar. Ela lida diretamente com a coordenação, tem contato fora daqui com os chefões e achei

melhor nem tentar.

— Você não acha isso errado? Não acha que ela nos ameaça, de forma bem sutil, falando que vive na casa do chefe, que faz compras com a mulher dele? Ela tenta

nos controlar, embora não tenha um cargo maior que o nosso!

— Cat, isso realmente não é ético. E eu também a acho chata e metida. Mas, se ela não é profissional, nós temos que ser mais.

— Tadeu, eu não consigo ser como você! Acho o máximo ser assim tão sensato, não agir sob emoções, saber separar as coisas do trabalho da vida pessoal...

— Acho que vocês mulheres são assim mesmo! Vamos voltar para a sala e fazer sua lista de pendências. Vamos resolver logo as coisas do Dia de Lazer, que é do setor inteiro, e depois você parte para o que a Carmem te passou.

Agradei ao Tadeu pelas palavras e pela ajuda. Ele sempre fazia bons comentários e era um ótimo profissional. Com a ajuda dele e da Bia, resolvemos todas as pendências do Dia de Lazer e delegamos funções aos outros setores. Eu só

teria que acompanhar. Logo comecei a me dedicar aos relatórios passados pela Carmem. Era tanta coisa que resolvi levar para fazer em casa. Detestava me sentir

ansiosa e pressionada. Deixei de ir à academia na terça, o que me valeu uma boa adiantada no trabalho.

Com tanta coisa para fazer, fiquei com pouco tempo para fofocar e estar com meus amigos. E para bolar algum estratagema com meu Pirilampo Fernando. Na sexta-feira, consegui entregar toda minha parte para a Carmem. Ela pediu para entregarmos tudo impresso, mas eu estava com tanto medo de ela aprontar para



99

cima de mim que fui precavida. Entreguei tudo e logo registrei a entrega por e-mail, com cópia para o senhor Ari, mostrando a data certinha.

Malhei com mais disposição, sabendo que tinha cumprido meus prazos. Eu repassava o Dia de Lazer, mentalmente, toda hora, com medo de me lembrar de alguma pendência. Mas estava tudo bem e muitos colegas me ajudaram na preparação.

— Pirilampo, o que você vai fazer domingo? — disse enquanto malhava.

— Amada, eu volto para a casa no domingo com os pães. Durmo o resto do dia.

Por quê?

— Vai ter um evento da empresa em um parque aquático. Ia te chamar.

— Nossa, sua empresa tem muito bofe, amiga. Eu emendo a noite com o dia, mas vou! Coloco meus óculos e me joga no tobogã. Tomara que eu arrume um babado!

— Mas seja discreto, hein? Sobraram alguns convites e distribuímos entre as pessoas do meu setor. Não arrume confusão lá!

Dormi até tarde no sábado para compensar a hora que eu precisaria acordar no domingo. Interfonei para a Paula, para saber se ela queria ver algum filme. Ela topou na hora, dizendo que tinha comprado uma televisão de plasma enorme e que

poderíamos ver na casa dela. Fiquei com vontade de perguntar como ela arrumava

dinheiro para comprar tanta coisa, já que estudava e recebia somente a bolsa do estágio. Ela já tinha me contado que seus pais eram pessoas simples e eu também

queria dar um jeito de comprar tudo o que queria. Mas, lógico, fiquei na minha.

No final do dia, entrei na internet e vi no Facebook mil fotos da Amanda com

Artur. Outras da Mon com o Vítor. E dezenas de outras de casais felizes. Deu um aperto no meu coração. Queria muito estar com alguém, mas isso não tinha

acontecido para mim. Pensava no Rubens. E no Luiz. Ficava ainda mais angustiada



100

por gostar do meu terapeuta. Busquei na internet alguma coisa que me ajudasse, um divã on-line, depoimento de algum paciente, no mundo, que também estivesse

apaixonado pelo analista. Mas eles deviam ter vergonha, assim como eu. Dormi triste com minha realidade e por não saber o que fazer para mudá-la.

Lá estava eu custando para sair da cama no domingo. Cheguei ao clube bem cedo, para ajudar na organização. Para a minha surpresa, muitos funcionários com

as famílias já estavam lá. Fiquei feliz. Estava valendo a pena madrugar no

domingo.

Meus colegas chegaram logo e fiquei mais à vontade. Estavam todos mais engraçados do que de costume e rimos bastante.

— Uai, tem gente que vem de meia fina branca para o clube — eu debochava da Júnia. Ela estava com um short jeans escuro que destacou ainda mais as branquelas

pernas de saracura. Tirando isso, ela estava até bonitinha.

— Limpa o veneno que está escorrendo, amiga! — Fabi se divertia comigo.

Conviver com o casal já nem me incomodava tanto. Mas eu estava amarga e chata. E, claro, Júnia seria um alvo.

O dia estava correndo bem. No meio da gritaria e do calor das quadras, reparei em uma mesinha no canto. Dois garotos, possivelmente filhos de funcionários, jogavam xadrez. Embora eu não entendesse nada do jogo, fiquei interessada em acompanhar, de longe, as jogadas. Os meninos deviam ter uns 9, 10 anos e estavam

concentradíssimos nas jogadas. Um deles anunciou: "xeque-mate". O outro, encur-

ralado e vendo que perdia de forma irrecuperável a cabeça de rei, simplesmente estendeu a mão ao adversário, cumprimentando-o pela vitória. Levantou da mesa,

arrumou as peças do jogo e foi ficar perto de sua família e outros meninos. Pronto.

Um menino tinha ganhado de mim de lavada. Percebi o quanto era despreparada

para perdas e como tenho atitudes infantis diante delas. Seria a minha cara berrar mil palavrões e praguejar contra o campeão. Apelar, derrubar a mesa e sair



101

marchando do local também estariam entre as minhas possíveis reações. Eu, possivelmente, choraria depois, escondida em algum lugar. E tramaria vinganças, revanches e meu retorno triunfal. Como sou idiota. As coisas poderiam ser mais simples. Eu deveria praticar mais esporte em vez de ficar comendo sozinha em casa. Pelo menos eu aprenderia a perder e a voltar para o próximo jogo.

Comecei a ficar com vontade de chorar. Pensava em mim quando pequena, na tia Fátima, na minha mãe deitada na cama. Mas ali não era hora para pensar nisso.

Os óculos escuros me ajudam a manter a pose.

Eu tentava prestar atenção ao jogo. Futebol. Era gol de cá, gol de lá. Ai, como sentia pena dos goleiros. Como era ruim tomar gol, principalmente na frente da torcida. Como era ruim ver seu ex-futuro namorado com sua colega de trabalho.

Seu ex-grande amor com sua irmã. E gostar do terapeuta. Que vontade de consolar

o time perdedor. Que dó sentia de quem perdia. Que pena de mim mesma.

Contabilizava inúmeras perdas. Detestava me sentir tão fragilizada.

Vendo os jogadores e pensando na minha própria vida, percebi o quanto fugia do "jogo". Eu não queria entrar em campo. E achava que minha paixão pelo Luiz era justamente isso. Eu não começaria outra partida da minha vida enquanto estivesse presa nesse jogo com meu terapeuta. O resultado eu sabia: w.o. Só eu estava lá. Não tinha outro time. E a idiota ficaria em campo esperando por algo que

nunca aconteceria.

Outra pessoa não entraria na minha vida enquanto eu gostasse dele. Mas eu não tinha forças para romper com a terapia e partir para outra rodada. Pelo menos por

enquanto. Estava longe da minha família, completamente frustrada como mulher e

com muita competição no trabalho. Não estava em condições de perder mais nada.



102

CAPÍTULO 5

"O ódio espuma.

A preguiça se derrama.

A gula engorda.

A avareza acumula.

A luxúria se oferece.

O orgulho brilha.

Só a inveja se esconde."

Zuenir Ventura

Na segunda-feira, muitos comentaram sobre o Dia de Lazer. Eu não poderia me sentir melhor, pois tudo havia corrido bem. Pirilampo me ligou ainda cedo dizendo

que tinha arrumado um babado na empresa e queria a ficha do cara. Combinei de falar o que tinha descoberto sobre o bofe à noite, que, aliás, eu nem fazia ideia que

era do babado.

Eu mandei um e-mail ao nosso setor, com cópia para os coordenadores da comunicação e do jurídico. Agradei o empenho e citei os nomes do Tadeu e da Bia,

do meu setor. Eles, assim como eu, não tinham grandes cargos. Ambos me ajudaram muito. O senhor Ari respondeu ao e-mail me parabenizando pela iniciativa e cumprimentando a equipe. Sentia-me confiante na disputa por uma vaga na nova área da empresa. No mesmo dia, vi a Raquel e o Fontes. Eles eram bem gentis, mas muito discretos. Ficava até sem graça de puxar assunto. Mas, para



103

a minha surpresa, Raquel veio falar comigo, enquanto eu pegava um café na máquina.

— Soube que o Dia de Lazer dos funcionários foi um sucesso!

— Oi, Raquel! Sim, foi muito bom! Todos nós trabalhamos muito.

— Parabéns, a ideia foi ótima e acho que vocês conseguirão um bom resultado.

— Obrigada! Eu também acredito nisso. Estão todos entusiasmados e vão trabalhar animados, vestindo a camisa da empresa.

— Em qual faculdade se formou? — eu quase nem podia acreditar que uma

"bam-bam-bam" da empresa estava tendo aquela conversa comigo. contei um pouco sobre minha vida, e ela ouviu sem emitir nenhum comentário.

— Catarina, aos poucos nós vamos conversando com todos do setor. Logo teremos mais oportunidades para nos falarmos.

— Claro, estou à disposição! — ela não fazia ideia do quão disponível eu estava! Sentia que poderia fazer uma grande carreira na empresa. Eu nunca tive problemas, era dedicada e ainda levava trabalho para a casa. Achava que estava no caminho certo.

No final do dia dei uma sondada no Marcelo, o tal bofe do Fernando. Era um moreno bonito, elegante e com perfume ótimo! Era muito discreto, ao contrário do

Pirilampo que faiscava purpurina por onde passava. Talvez desse certo.

Cheguei à academia com mil detalhes para o Fernando, que não se controlava de tanta empolgação. Como retribuição, pedi um favor a ele.

— Você sabe dirigir?

— Claro que sei!

— Preciso de um favor. Tire uma folga amanhã à noite e me encontra lá onde faço terapia.

— Nossa, vou ver o bofe?



104

— Quase isso. Eu já descobri qual é o carro dele. Só que eu não posso segui-lo, pois vai que ele me vê?

— Cat, a-do-ro uma perseguição!

— Mas tem que ser discreto, sem deixar que ele perceba!

— Amada, confia no seu pirilampo!

Eu não sabia se estava fazendo certo em confiar no Pirilampo. Mas eu ia contar com a ajuda de mais quem? E ele tornava tudo mais leve, engraçado. Era a companhia que eu precisava!

Na terça lá estava eu indo para a terapia. Sem o *body*.

— Luiz, eu quero sentar a partir de agora. Não quero mais ficar deitada.

— Hum. E você sabe por que quer ficar sentada?

— Não faço ideia, mas estou só respeitando uma vontade minha.

Silêncio. Grande silêncio. Eu não tinha muita coisa para contar, já que quase nada estava acontecendo. E isso me deixava triste também. Eu poderia deixar fluir

algum assunto, mas estar apaixonada pelo Luiz me deixava constrangida. Eu não conseguia ter uma conversa profunda com alguém que eu gostasse. O tempo passou e fiquei olhando para ele. Se existisse um medidor de idiotice, o meu estaria

no teto.

Eu saí da consulta desanimada e arrependida de ter combinado a perseguição com Fernando. Mas, assim que desci, dei de cara com ele e com a Mônica.

— Como você não conta do plano? E meu lado detetive? — Mônica brincou comigo.

— Ah, gente, acho que não vai rolar... Não sei se estou animada!

— Se enfia dentro desse carro antes que o bofe do divã vá embora! Você só vai desistir depois que tentar! — Fernando me animava em tudo o que dizia. — E eu já

gastei minha folga semanal. Vamos logo, amada. Anima!



105

— Ai, tá bom, mas eu irei escondidinha no banco de trás.

— Eu vou no banco da frente. O Fernando dirige — disse Mon. Ela tinha tirado carteira de motorista há mais tempo, mas tinha pânico de dirigir. Há anos não ligava o carro. Mon nunca havia me contado o que aconteceu para ficar traumatizada daquela forma.

Entramos os três no carro e ficamos de olho na garagem. O carro do Luiz saiu e falei para irmos. Eu estava agachadinha, morrendo de medo de ser vista, e a Mon e

o Fernando morrendo de rir na frente. Na primeira esquina, o carro morreu.

— Oh, Pirilampo! Sabe dirigir não? Não deixa o carro morrer, vai chamar atenção dele! — eu berrei lá de trás.

— Ai, gente, eu sei dirigir... Mas não é muito!

— Como assim? — berrou a Mon.

— Eu sei dirigir — ele fez uma pausa —, mas não tenho carteira. Nem carro para treinar!

— Seu louco! Quer matar a gente? E se alguém nos pegar! — gritei do banco de trás, colocando minha cabeça entre os bancos frente. — Para o carro!

— Mas eu já estou andando, olha — ele tinha arrancado o carro de novo, atravessando o cruzamento. — Calma, mamífera! Vai dar certo! Vamos saber o que

esse bofe faz depois daqui hoje!

— Pelo amor de Deus, dirige com cuidado! — pedi enquanto suplicava aos céus para que nenhum acidente acontecesse nem que Luiz nos visse. Era cada tranco e barulho do motor do carro, que eu me desesperava. Preferia ficar de cabeça baixa.

Estava completamente arrependida e apavorada. Não andamos muito, para meu alívio, e acabamos em um bairro vizinho, na zona sul.

— Se ele morar por aqui, amada, pode pegar o bofe! — disse Luiz.

— Presta atenção na direção, Pirilampo! Vocês estão seguindo o carro certo?



106

— Estamos, Cat! Fica tranquila! Estou seguindo a placa que você passou.

— Ai, que medo de ele desconfiar!

— Gente, ele tá virando naquela garagem! Ai, meu Pai da Glória, onde vou parar esse carro! Eu não sei estacionar e a rua tá cheia! Não tem lugar! — O Pirilampo começou a desesperar.

— Não vai bater meu carro! Olha para a frente! Mon, pega o número do prédio! Passa direto e não tenta parar, Fernando!

E o danado parou. No meio da rua, fazendo fila dupla. Por sorte, o trânsito não

estava pesado.

— Nunca dirigi tanto tempo! Cansei, amadas!

— Seu Pirilampo sem noção! Você é louco! — desci do carro, com dor nas costas,

e logo assumi a direção. — Nunca mais você dirige meu carro! Rezei horrores!

— Mas deu certo! — falou o Fernando.

— É... Deu! — começamos a vibrar dentro do carro. — Pegou o número do prédio, amiga?

— Claro! Alguma finalidade eu teria nessa missão!

Deixei o Fernando na casa dele e fui conversando com a Mon na volta.

— Amiga, desculpe não ter te avisado. Fiquei com vergonha porque essa história é ridícula. Parece coisa de criança. E para o Fernando é tudo festa, diversão.

Mas considero muito sua amizade, viu?

— Cat, eu sei disso. Eu precisava me divertir hoje.

— Aconteceu alguma coisa?

— Ah... Eu nunca acho que o Vítor mudou. Parece que toda vez que abaixo a guarda ele apronta, sabe?

— Ai, Mon. Mas ele fez alguma coisa ou é cisma sua?



107

— Há uns dias eu estou com uma sensação estranha. Outro dia ele me deixou lá em casa e fiquei tensa, do nada. Liguei para o celular dele, do telefone do meu avô,

e ele atendeu. Ouvi uma música alta no fundo, gente conversando, como se estivesse em um bar.

— E o que você fez?

— Desliguei o celular. No dia seguinte, esperei ele comentar que tinha saído com os amigos. Dei uma sondada e o danado disse que tinha ido dormir cedo.

— Ai, Mon... Nem sei o que te dizer.

— Eu não ligaria de ele sair para tomar umas com os amigos. Fiquei chateada de ele ter me escondido. Por que ele mentiu, Cat? — a Mon começou a chorar.

Parei o carro numa cafeteria perto da casa dela e tentei acalmá-la. A primeira vez que eles terminaram tinha sido por esta razão. Ele estava dando motivos e quando ela foi cobrar, ele apelou. Mon estava com medo de perguntar sobre a saída

às escondidas e ele dizer que ela estava pegando no pé.

— Você está com medo de ele te culpar, né?

— Isso! É exatamente isso, Cat! Por que ele vai dar um jeito de virar a situação e dizer que sou perseguidora e controladora.

— Mon, você não é isso! Qualquer mulher acharia ruim o namorado sair escondido! Tenta conversar com ele!

— Mas ele sempre consegue virar a situação — eu nunca tinha visto a Mônica chorar daquele jeito. — Ele me fez sentir culpada nos últimos quatro anos pelo nosso término. Fiquei todo esse tempo achando que eu que fazia tudo dar errado nos meus namoros. Aquele ordinário conseguiu me traumatizar.

— Mas por que você deixou que ele fizesse isso com você?



108

— Porque eu sou assim! Ele consegue me manipular, Cat! Tudo é sempre do jeito dele. Os amigos com quem saímos, os lugares, quando fazemos sexo, o que vamos comer. Ele me envolve de um jeito que esqueço o que eu quero.

— Era assim com outros caras?

— Cat, nem sei responder isso! Acho que me sinto culpada desde quando namoramos pela primeira vez, na época em que tirei carteira. Ele nunca me incentivou a dirigir. Dizia que eu ia gastar dinheiro à toa com autoescola, que o ônibus me deixava na porta da faculdade, que não teria dinheiro para comprar

carro tão cedo... E ainda falava que, como eu só saía com ele, que tinha carro, não

precisaria dirigir.

— Nossa, mas esse cara é possessivo, hein? Não te estimulava em nada! —

comecei a achar essa história muito ruim.

— É, Cat! Ele é assim. E um dia, depois de pedir muito, eu estava dirigindo e ele estava ao lado. O Vítor me corrigia o tempo inteiro. Eu me sentia uma burra. Estava

nervosa, deixava o carro morrer, fazia o motor rugir... Um desastre. Eu já ia largar a

direção, até que o trânsito apertou. Estava numa subida que dava para uma avenida que eu tinha que cruzar. Era carro descendo do meu lado, controle de embreagem para fazer, a avenida lotada...

— Um caos...

— Quando dava para atravessar a avenida, deixava o carro morrer. Umas três vezes. Os motoristas atrás buzinavam e eu comecei a me desesperar. Vítor só me xingava e gritava "tá vendo o que você fez? Agora se vira. Não quer dirigir? Agora

aguenta!". O carro desceu e acabei batendo no carro de trás.

— Mas, Mon, isso pode acontecer com qualquer um! Foi um acidente.

— Mas quando penso em todo mundo me olhando, me xingando e eu atrapalhando o trânsito, fico apavorada — Mon estava chorando.



109

— Desde então você não dirige mais?

— Não! Tive que pagar o conserto dos dois carros e aguentar o Vítor. Tudo que faço e mostro para ele, acho que é idiotice. Ele acha minhas ideias ruins. O pior é

que acho que não consigo viver sem ele!

Fiquei até meia-noite ouvindo minha amiga. Acho que estava mascarando tanto minha realidade que estava admirando a forma sincera como ela se abria. Queria ter aquela humildade para falar de mim. Vítor tinha feito Mônica desacreditar nela.

E Mon era extremamente talentosa. Fazia cada arte e peças gráficas lindas. Era uma

pena ela estar com um cara que a deixava tão para baixo. Ela sabia que tinha que romper com Vítor, mas ainda não dava conta.

Somente no final do dia seguinte me lembrei de que tinha o número e a rua do Luiz. Joguei na lista telefônica on-line o endereço, para ver se batia com o nome dele. Nada! Não tinha registros para aquele endereço. O danado era discreto.

Fiquei refazendo mentalmente todas as conversas que tive com ele, buscando alguma pista. Logo lembrei que ele comentou que teve aula com a Roseli. Eu tinha

me esquecido dela! Arrumei uma desculpa para ir ao RH e aproveitei para puxar assunto. Ela era muito gentil e sempre me recebia bem. Comecei falando umas bobearias, perguntando sobre a família, o trabalho. Aos poucos perguntei onde ela formou, onde ela trabalhava antes de estar na empresa.

— Dei aula por um tempo. Só parei porque meus horários aqui não permitem mais — era o que eu queria ouvir! Roseli tinha dado aula em cursos de especialização de uma conhecida faculdade de Belo Horizonte.

— Roseli, o papo está ótimo, mas preciso ir! Depois nos falamos mais — eu estava me sentindo a pessoa mais interesseira do mundo, mas minha pressa em ir pesquisar a vida acadêmica do Luiz na web era grande!



110

Voltei animada para a minha mesa, mas fui surpreendida pelo Ricardo. Ele nunca havia trocado nenhuma palavra comigo. No entanto, tinha acabado de me chamar para conversar. Tomei um susto. A cara dele nunca era boa.

— Catarina, estou aqui há uns dias, conhecendo vocês. A Carmem Machado é das pessoas que tem me deixado a par das coisas, fora as conversas que ando tendo

com as pessoas da equipe — ele tinha uma voz firme e olhava fixamente para o meu rosto. — Eu ainda não consegui entender qual é o seu trabalho aqui,

precisamente.

Eu queria sair dali fuzilando a vaca da Carmem. É lógico que aquilo era coisa daquela maldita! Devia ter queimado meu filme com o Ricardo. Eu tinha que pensar rápido e optei por ser bem calma.

— Senhor Ricardo, estou aqui há quase um ano e trabalho, quase sempre, em projetos da empresa. Assim que entrei, vi que o desperdício de materiais era grande. Desenvolvi ações para conscientizar os funcionários desses desperdícios, criando inclusive uma premiação para o setor mais econômico. Aproveitando a preocupação ambiental da empresa, criei um concurso de desenhos para os filhos dos funcionários, como forma de envolver suas famílias e incentivar os pais a terem

medidas colaborativas para o meio ambiente. Depois desses projetos, tenho quase

sempre desenvolvido ações voltadas para a qualidade de vida do colaborador, o que tem gerado uma melhor produtividade.

— Interessante, Catarina. O que foi ideia sua?

— Quase tudo que citei e o Dia de Lazer, que tivemos neste fim de semana.

Muitos do setor foram e me ajudaram muito na preparação. O senhor pode ver a

lista de presença depois... — eu disse isso porque a folgada da Carmem não tinha

ido. Fiquei conversando com ele mais uns dez minutos. Não me contendo,

perguntei:



111

— Senhor, Ricardo, a Carmem não te informou sobre as funções que realizamos?

— Não com tanta precisão. Algum problema nisso para você?

— Fico feliz de que tenha me chamado para conversar. Se não, continuaria achando que não desempenho trabalhos importantes aqui. Gostaria que sempre me chamasse para conversar.

— Tenha certeza disso, Catarina. Bem, obrigado pela conversa. Você pode voltar

ao que estava fazendo.

Passei o resto do dia remoendo a raiva que sentia pela Carmem. Mulherzinha maldita e ordinária. Fui para a academia e fiz a aula de *jumping* usando a raiva como estímulo. Projetei na cama elástica toda vontade de pisar na cabeça da Carmem. Eu sabia que não poderia tirar satisfações nem começar uma briga. Teria

que ser como ela: esperta e silenciosa.

Estava cada dia mais frio em BH. Todo mundo estava muito chique de botas, cachecol e casacos. Tinha um restaurante nas proximidades da empresa que estava

oferecendo um rodízio de caldos. Aproveitando o tempo frio e a reunião em que a

vaca da Carmem estava, convidei os colegas do setor para tomar caldo no almoço.

Todos se animaram e dividiram as caronas.

Fui até a mesa do Ricardo e o convidei. O cara era sério, mas aceitou na hora.

Acho que ele queria conhecer a equipe e um almoço seria uma boa oportunidade.

Combinamos de nos vermos lá. Vi que ele pediu um táxi em vez de ir com a gente

de carro. Devia ser mania de chefe. Ou talvez nós, mineiros, sejamos

demasiadamente sociáveis.

Depois de nos esbaldarmos nos caldos, voltamos até pesados para o trabalho. Se eu tivesse planejado, não teria dado tão certo: no instante em que entrávamos em

nossa sala, encontramos a Carmem sentada na mesa dela. Ela percebeu que



112

tínhamos saído para almoçar juntos. Dei um jeito de fazer algum comentário sobre

o Ricardo, para mostrar que ele tinha ido conosco.

— Você deixam para almoçar todos juntos quando eu não estou aqui, né? — ela disse com aquela vozinha manhosa e falsa.

Ninguém respondeu nada e cada um foi para a sua mesa. Eu não era a única a não gostar dela. Decerto, ninguém gostaria de almoçar com alguém que parecia um

pavão de tão exibicionista.

A empresa, todo ano, organizava uma grande Festa Junina. A festa seria no início de julho e o Lucas já estaria em BH. Passei o resto mês esperando por meu irmão, alerta para que Carmem não me puxasse o tapete e pesquisando a vida do Luiz. Enquanto a minha própria vida era esquecida na terapia.

Enfim, chegou o dia em que Lucas estaria em BH. O nosso reencontro no aeroporto foi emocionante! Lucas veio com muitas malas, com presentes e algumas

coisas que ele comprou lá e queria deixar aqui. Entre os mimos ganhados por ele,

estava uma cafeteira linda e prática. Eu era bem chegada num café e Lucas tinha escolhido o presente certo. Em casa, já usando a cafeteira, Lucas me contava das viagens, dos lugares que havia conhecido e das enrascadas que já tinha entrado.

— Lucas, eu não sei por que ainda estou aqui! Olho para você e fico louca de vontade de viajar...

— Cat, uma coisa é você viajar, ser turista com pacote e data para voltar. Você agora mora sozinha e sabe como é se virar. Tem hora que bate uma solidão brava,

sem ninguém para te ajudar a resolver as coisas, numa língua que não é a sua... É dureza!

— Você quer voltar para o Brasil?

— Quero, sim. Já estudei tudo o que queria lá fora. Quero arrumar um ótimo

emprego aqui e fazer minha carreira. Já estou com 25 anos.



113

— E casar, você quer?

— Que pergunta, Catarina!

— Porque eu quero! Sempre quis. Mas também quero dar umas voltinhas pelo mundo. Quero ter uma relação de verdade, mas também quero conhecer mais gente.

— Tudo tem sua hora, Cat! Fica de boa. Você tá de rolo com algum cara aqui?

— Nem queira saber das últimas — não estava afim de dizer ao meu irmão que

estava apaixonada pelo meu analista.

— E amiguinhas solteiras? Você tem muitas por aqui?

Logo o Lucas estava fuçando as páginas das minhas amigas no Facebook. Ele gostou tanto das meninas da empresa que animou de ir à Festa Junina comigo.

Lucas foi para Divinópolis no dia seguinte, para ficar com nossos pais. Ele ficaria

estudando até o dia da prova, quando voltaria para BH, já para embarcar para os EUA novamente.

Eu estava sentindo falta da Fabi. Eu a via sempre, mas nos falávamos pouco.

Sentia que minha amizade com a Mônica tinha ficado mais fortalecida depois que

ela partilhou suas angústias, e eu contei do meu amor platônico. A intimidade tinha

seus benefícios. E inúmeros malefícios, pois eu ficava com medo de ela comentar

com alguém sobre meus problemas ou usar isso contra mim. Pura neura minha,

pois ela era minha amiga. E precisava confiar, pelo menos um pouco, nas pessoas

que me rodeavam.

Lucas já tinha voltado para BH no dia da festa Junina. Até o pirilampo do

Fernando iria, como acompanhante do Marcelo. A Mon ainda não tinha conseguido

resolver sua vida e acabou levando o namorado. Vítor estava com a cara

emburrada, mas achei legal minha amiga ter imposto sua vontade de ir à festa.

Fabi

e Flávio estavam do mesmo jeito. Rubens e Júnia também. Tive uma surpresa ao



114

ver Fábio acompanhado pela irmã da Júnia. Ele me apresentou como namorada. Na

hora me bateu um medo de ele ter comentado do maldito e-mail para o Rubens, já

que ele estava até pegando a cunhada dele. Mas eu nem queria pensar mais nessa história. Se ele tivesse dado com a língua nos dentes, era melhor eu nem ficar sabendo.

Bia, minha colega do setor, virou o alvo do meu irmão. Lucas devia ter enjoado das mulheres dos EUA e escolheu para paquerar um tipo bem brasileiro. Bia, além de educada e muito inteligente, era mulata e tinha um corpo escultural. Estava sempre arrumada e usava o cabelo de um jeito muito legal. Os cachos bem cortados e definidos faziam uma ótima moldura para o rosto dela. Não demorou para ela cair no xaveco dele. Os dois trocaram altos beijos nos cantos da festa. Eu era a única solteira. Sorte que era bem enturmada, senão ia ficar sozinha. Senti-me mal por isso. Queria estar com alguém e Luiz não saía da minha cabeça. Meu irmão ia voltar de carona com a Bia — eu nem sabia se ia voltar — e entrei no carro sozinha. Bateu uma louca em mim e acabei passando na rua do Luiz. A rua estava vazia devido ao horário e acabei parando o carro. Não sei se foi o quentão e a caipirinha, ou o só desespero mesmo, mas desci do carro. O prédio tinha um porteiro e cheguei lá na cara dura.

— Boa noite! O Luiz mora aqui?

— Sim, senhora.

— Ele mora sozinho?

— Senhora, não posso te dar essa informação. Quer que eu interfone?

— Não, tá doido? — eu estava caindo em mim. — Só me diga se ele mora

sozinho ou não.

— Acho que a senhora não está muito bem. Vou chamar um táxi — ele colocou a mão no telefone.



115

— Não, não! Eu não preciso. Vou embora. Só me diz uma coisa...

— Senhora, não posso dar informações sobre os moradores.

— Eu já sei! Eu quero saber se esta portaria tem câmera!

— Tem sim.

— Ah, não, moço! Eu tô fudida! — comecei a chorar. — Não conta nada para

ele!

Não deixa ninguém ver essas imagens. Pelo amor de Deus.

— Senhora, ninguém vai ver. A senhora precisa ir embora. Não quer que eu chame um táxi?

— Não, não... Vou embora sozinha.

Arrependimento, amor recolhido e cachaça. Combinação ordinária! Chorei por tudo junto. Como bêbado chora! Arranquei o carro devagarzinho e fui embora com

medo de o porteiro me ver. No dia seguinte, ele ia contar para todo mundo que uma louca esteve na portaria do prédio chorando e perguntando pelo Luiz. Vai que

ele era um porteiro amigo do Luiz e tinha guardado minha fisionomia. Ia me dedurar para ele. Bati na cama e chorei igual criança. Bradei contra a vida, contra o

destino ou qualquer outra força oculta que estivesse me segurando. Tinha raiva de

mim, do Luiz, da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos que estavam se dando

bem e dos vizinhos — percebi que o morador debaixo acendeu a luz, dando a entender que eu o tinha acordado. Eu precisava urgentemente dar um jeito naquilo.

Não podia mais ficar gostando de alguém que eu só via uma vez por semana.

Freud deveria até ter alguma explicação para minha paixão pelo Luiz, mas eu precisava resolver aquilo não como uma paciente e um terapeuta, mas como um

homem e uma mulher. Eu precisava dizer a verdade. Em meio a mil pensamentos

bêbados, dormi. Acordei torta com a maquiagem borrada e sem notícias do Lucas.

Fiquei muito sem graça de ligar para a Bia, mas eu precisava saber se ele estava vivo. Medindo as palavras, liguei para ela, que, em voz baixa, me disse:



116

— Sim, Cat. Ele está comigo, sim.

Lucas chegou no domingo à noite. Com uma cara de feliz que dava vontade de mandar chupar limão. Eu não queria saber da intimidade do meu irmão e por

isso

evitava a Bia. Mas ela sempre vinha falar comigo. Comentava amenidades, me pegava de papo no corredor e sentia que ela queria que eu soltasse alguma coisa.

Estava escrito na testa dela "seu irmão comentou alguma coisa?". E pior era que ele

não tinha comentado nada.

Faltavam alguns dias para o Lucas voltar aos EUA. Eu tinha escutado ele marcar uma saída com alguns amigos de BH. Acho que a pobre da Bia não estava incluída.

Naquela mesma noite, acordei no meio da madrugada com Lucas entrando em casa. Acendeu as luzes, mexeu no fogão, ligou o som. Meu sono estava tão grande

que nem consegui me mexer para esbravejar. Deixei para encher o caso dele no dia

seguinte.

Acordei berrando e esmurrando a porta do Lucas. Na pia, pratos sujos, catchup e maionese derramados e embalagem de hambúrguer aberta. A TV estava ligada e

mil fios soltos no chão. Eu trabalhava o dia inteiro, tinha pouco tempo para mim e

fazia tudo o que podia para manter a casa arrumada. O danado, em pouco tempo, tinha zoneado tudo. Xinguei até a hora de ir trabalhar. Cheguei até a sentir saudade

da Amanda. O tempo que Lucas ficou fora permitiu que eu esquecesse como ele

conseguia ser chato, desorganizado e sem respeito pelas coisas alheias. Eu realmente tinha problemas com a intimidade.

No final do dia, encontrei com a Bia perto da máquina de café.

— Ei, Catarina! Como vão as coisas?

— Ah, muito trabalho, né? — eu já estava arrumando uma desculpa para voltar para minha mesa.



117

— Nossa, nem fale! Mas a gente tem que dar um jeito de distrair um pouco também. Ficar só trabalhando é dureza!

— Ah, com certeza! — eu não queria render assunto.

— O Lucas me ligou. Vou encontrá-lo hoje... — ela estava tão animada que fiquei com dó de ter sido fria com ela.

— Hum... Espero que seja bom! Preciso voltar, Bia. Depois nos falamos mais!

Eu estava achando estranho Lucas continuar saindo com ela, pois ele nem parava em casa de tanta gandaia. Ainda mais que aquele rolo seria sem futuro, pois

ele voltaria aos EUA no fim de semana.

Eu teria terapia naquele dia e estava com medo de o porteiro ter dado com a língua nos dentes. A única solução que encontrei foi mentir. Comecei a sessão dizendo que tinha ido com meu irmão para a casa dos nossos pais. Eu estava cada

vez mentindo mais. Mentia para esconder o que sentia e para ficar mais

interessante. Estava incomodada com aquilo. Se um dia eu ficasse com Luiz, como

saberia se ele estava gostando de mim ou da pessoa que apresentava a ele?

Estava no meu limite de angústia. Não era possível que nenhum paciente do mundo não tivesse escrito um livro sobre a tristeza de estar apaixonado por alguém

que você paga para ver. Será que havia algum fórum anônimo na internet, no qual

discutiam o assunto? Eu pensava até em buscar outro analista para falar sobre minha paixão por meu terapeuta. Uma terapia para me curar da minha própria

terapia. Eu me sentia tão ferrada e sem saída que só queria saber de dormir.

Sabendo que Lucas iria dormir fora, de novo, apaguei na cama.

Bia andava nas nuvens. Eu invejava os efeitos da paixão — e do sexo. Estava mais segura, bonita e simpática. E eu naquela seca. Chegava até a ficar com raiva

dela, por estar com meu irmão. Eu sabia, no entanto, que, em vez de invejá-la, devia

era resolver o meu problema.



Lucas mais ficava fora do que em casa. Eu entendia que o tempo dele era curto

para rever tanta gente.

— Não vai sair hoje? — perguntei a ele, esperando ficar sozinha na noite de sábado.

— Nem. Preciso descansar para amanhã. E você está legal hoje, vou aproveitar

— Lucas me surpreendia ficando em casa naquela noite.

Ficamos um bom tempo juntos, conversando e vendo vídeos na internet. No dia

seguinte, para a minha surpresa, meus pais e a Amanda apareceram lá em casa

ainda cedo. Lucas tinha combinado — e não me avisado — de todos almoçarmos

juntos para despedir dele. O dia acabou sendo melhor do que eu imaginava.

Almoçamos numa churrascaria ótima, meu pai pagou tudo, fizeram compras para

mim e encheram o tanque do meu carro. Dividimo-nos entre o carro do meu pai e o

meu e fomos todos para o aeroporto.

Lágrimas, abraços apertados e palavras bonitas. Como nas famílias cabia tanta

coisa, incluindo algumas farpas, revoltas e, ainda, o amor! Senti-me muito só

quando entrei sozinha no meu carro e meus pais e Amanda em outro, rumo a

Divinópolis, e meu irmão no avião. Alguma coisa na minha vida não estava bem.

Não me sentia realizada, feliz ou construindo algo. Não estava no rumo certo e sabia que precisava redescobrir meu caminho.

Quando eu voltava da academia, na segunda-feira, o porteiro do prédio me deu

um sinal. Fui à portaria e ele me avisou que havia alguém me esperando. Era Bia.

Eu tomei um susto tão grande que demorei a convidá-la para subir. Eu queria tomar banho, ver televisão, arrumar-me para dormir, mas naquela hora eu tinha uma visita e sabia que era para falar do meu irmão.

— Então o Lucas já foi mesmo? — ela perguntou cabisbaixa.

— Sim, fomos ontem levá-lo ao aeroporto. Meus pais também vieram...



— Ele nem me disse quando ia embora — ela me cortou. — E ele simplesmente

sumiu, me ignorou. E olha que tivemos momentos ótimos, Catarina!

Eu queria desesperadamente ter alguma ideia fantástica para sair dali, enquanto me empenhava em fazer a famosa cara de blefe, do pôquer.

— Quando estávamos juntos, sentia que era especial. Mas ele sumia. Marcava de sair comigo e não aparecia. No dia seguinte, dizia que tinha ficado em casa com você. E eu caía na conversa dele.

Eu não queria ouvir mais nada: meu irmão era um safado! Ele não tinha ficado tanto tempo comigo e eu sabia que ele tinha reencontrado alguma ex. Lucas havia

feito o que muitos já fizeram comigo e com minhas amigas. Mas ele era meu irmão

e não tinha como eu falar mal dele.

— Ai, Catarina, me desculpe ter vindo aqui sem avisar, eu queria ver se o encontrava. Estou apaixonada pelo Lucas! Eu não queria, mas me apaixonei desde que o vi pela primeira vez.

— Beatriz, eu sinto muito mesmo! Por que não manda um e-mail para ele? —
queria muito tirar meu corpo fora.

— Ele sumiu, Catarina, sumiu! Eu mandei mil e-mails, mensagens no Facebook e no MSN! Se ele tivesse celular aqui no Brasil, teria ligado até ele me atender! Ele

marcou de almoçar comigo no shopping, no sábado, e eu o esperei até o final da

tarde! Achava que ele fosse aparecer com alguma explicação — ela suspirou. — Catarina, ele simplesmente sumiu.

Eu queria arrancar os cabelos do Lucas. Eu não sabia o que dizer, afinal não tinha nenhuma intimidade com a Bia e sabia que ela devia estar muito mal para se abrir comigo daquele jeito.

— Tenta ficar calma, Bia — dei um copo com água a ela. — Sinto muito por tudo isso.



— Sei que você deve estar me achando uma idiota.

— Não, não estou. Já passei pela mesma coisa. Mas meu irmão não comenta muito a intimidade dele e por isso não posso ajudar em nada.

— Fico pensando o que eu tenho de errado. Não sei se fiz mal em ter ficado com ele de cara, mas ele parecia estar tão interessado...

— Todas as mulheres sempre pensam isso.

— Tento viver de acordo com o que sinto, mas sempre me machuco depois —
ela se levantou rapidamente e pegou a bolsa. — Cat, eu já tomei muito seu tempo.

Desculpe a cena.

— Imagina, fique o tempo que precisar!

— Eu quero ficar sozinha. Desculpe por tudo.

Bia saiu como um relâmpago. Nem tive tempo de falar como a achei corajosa. O choro dela era por ter vivido. E o meu choro era sempre por não estar vivendo. Eu

tinha a sensação de que deixava a vida passar. Por causa da Bia, começava achar que chorar por um amor poderia ser muito feminino.

Queria mandar um e-mail fuzilando meu irmão, mas minha lealdade ao gênero não permitiu. Não quis expor Bia, que já tinha socado e-mail na caixa dele. Deixaria

Lucas pensar que Bia tinha tocado a vida dela.

No dia seguinte, comentei com Luiz o ocorrido. Depois de muito tempo estava

sendo sincera e dizendo o quanto estava insatisfeita com a minha vida.

— Você gostou da atitude da sua colega de correr riscos, de tentar, mas acaba sempre agindo igual ao seu irmão, que evita o confronto.

— Você tem razão. Meu irmão foi um moleque. E às vezes faço igual. Não para sacanear, mas porque é o que eu dou conta de fazer.

— Os adultos têm que dar conta de dizer o que sentem, o que querem e o que não querem. Têm que se expor — disse Luiz.



A sensação de estar exposta me perturbava. Detestava me sentir vulnerável. Ao

longo da semana, puxei assunto com Bia e ela parecia estar bem calma.

— Fiquei muito chateada, mas já está passando. Quando a gente fala, chora e põe para fora as coisas parecem melhorar. Fui até sua casa porque estava realmente no meu limite.

— Eu entendo. E pode ficar tranquila. Não falei nada com Lucas nem com ninguém.

Naquele mesmo dia, mandei um e-mail para o Phil. Depois de inúmeros e-mails sem retorno. Eu me sentia ridícula como meu irmão e os caras de quem eu tanto falava mal. Na mensagem, dizia que tinha gostado muito de conhecê-lo e estava muito grata por todo tempo que tinha ficado ao lado dele. Usei todo o blá-blá-blá que usamos quando queremos romper: ele era uma ótima pessoa, mas eu simplesmente não tinha me apaixonado. Terminei dizendo que não esperava magoá-lo e que queria, ao menos, manter a amizade.

Fiquei em paz por ter enviado a mensagem. E estava em paz, também, com meus bracinhos, que estavam afinando. Eu já conseguia abotoar algumas calças sem ficar com dobrinhas para fora. Não estava magra, mas menos mole e com os pneuzinhos mais baixos.

No sábado, fui com a Paula a um barzinho. Uns caras pediram para sentar com a gente. Minha ideia era aceitar, já que não estávamos fazendo nada e os rapazes eram bonitinhos e pareciam ser legais. Para a minha surpresa, Paula disse que

estávamos esperando algumas pessoas.

— Não gostou dos caras? — eu disse meio ríspida, pois não gostava que respondessem por mim.

— Não estou afim de conhecer ninguém.



122

— Mas eu estou solteira, Paula! Não custava conversar um pouco com os caras. Era só bater papo, não tínhamos obrigação de ficarmos com eles a noite inteira.

— Foi mal, Cat! Mas eu não posso... — ela soltou.

— Não pode?

— Não quero. Estou solteira também, mas não quero conhecer ninguém hoje.

Ela passou a noite inteira respondendo mensagem no celular. Ficou claro que não estava solteira, mas não queria me contar nada. Pensei que era alguém que ela

tinha conhecido na internet e estava com vergonha de me contar. Eu não quis perguntar muito e achei que, quando o romance com o cara engrenasse, ela me contaria. Mas Paula estava riscada da minha lista de companhia.

A semana tinha começado com muito trabalho. O setor inteiro teria que fazer hora extra para terminar um projeto que a Matriz havia nos enviado. Era mais tempo que eu teria que passar ao lado da Carminha, que não perdia a chance de me

alfinetar. Eu não podia cometer nenhum erro para não dar motivo de ser chamada

atenção na frente do grupo. Ou pior, na frente do Ricardo e do Ari. Estava muito cansada, principalmente pelo sentimento de estar sendo vigiada.

No final de terça-feira, saí direto do trabalho e fui para a terapia. Sentia que eu estava diferente e sem pensar muito falei:

— Luiz, eu não posso mais fazer terapia. Não consigo mais ser sua paciente.

Ele me ouvia atentamente. Estávamos sentados, um de frente para o outro e ele passava a me olhar nos olhos.

— Eu me apaixonei por você. Tentei resolver isso sozinha, mas não consigo mais. Espero que isso passe logo.

Ele permanecia em silêncio. O que aumentava a minha aflição. Abri minha bolsa e entreguei um cheque, com o acerto das últimas consultas. Eu estava com



123

vergonha, mas não arrependida. Não tendo mais nada para falar e diante do silêncio dele, eu me despedi, agradei por tudo e me aproximei da porta.

— Catarina! — Luiz se levantou e chegou bem perto de mim. — Agora que não sou mais seu terapeuta, posso fazer isso!

Ele me deu um beijo! Abraçou-me de um jeito forte, passando a mão nos meus cabelos. Não acreditava que estava vivendo aquilo. Paramos de nos beijar e nos

olhamos por um segundo. Eu buscava qualquer palavra que coubesse naquele momento. Na falta do que dizer, me rendi em outro beijo. Parecia um sonho. E era.

Eu estava sonhando acordada minutos antes de ligar para o Luiz, avisando que não

poderia ir à sessão daquela terça. Mas pensava no quanto seria bom provar o beijo

dele. E na seca que estava, qualquer beijo me deixaria a ponto de explodir.

Reagendei a sessão para sexta-feira. Estava com aquela voz grave do Luiz na minha cabeça. E fiquei com ela até tarde, revisando minha parte no projeto. Em alguns momentos, chegava a pensar que talvez Luiz tivesse vontade de me conhecer fora dali. Encerrar a terapia seria uma oportunidade de saber qual era a dele. Ficava conjecturando mil possibilidades, mas não tinha como me preparar para o imprevisível. Eu teria que viver para ver o que daria.

No refeitório, durante o almoço, percebi que algumas pessoas abraçavam o Rubens. Mas logo desencanei, imaginando que ele deveria só estar cumprimentando o pessoal.

— Cat, tudo bem com você? — Fabi sentou-se à minha frente e falava como quem estivesse com pressa.

— Tudo, uai! E com você?

— Amiga, você já está sabendo?

— Gente, do quê?

— Pelo jeito você não sabe. Melhor ouvir de mim.



124

— Já estou aflita, o que é?

— A Júnia está grávida. Ela e o Rubens se casarão logo. Soube porque ouvi o pessoal do RH comentar. Eles não estão escondendo de ninguém. Você está calma?

— Nossa, tão rápido! — estava assustada. — Eu não estou com ele há muito tempo. Nem penso mais no Rubens. Mas é estranho!

— Amiga, eu imagino. Por isso vim contar, antes que outra pessoa te contasse e

você chorasse, sei lá.

Eu entendia a preocupação da Fabi, já que eu não tinha comentado nada do Luiz com ela. Demorei a identificar o que estava acontecendo comigo. Estava chateada por parecer que as coisas estavam acontecendo para todo mundo, menos para mim. Fiquei tão triste de o ano já ter passado da metade e eu estar sentindo que não tinha melhorado em nada. As coisas simplesmente não aconteciam. Fiquei o resto do dia sendo a vítima. Não fui à academia e fiquei deitada a noite inteira. Pirilampo me ligou no dia seguinte, perguntando por que não tinha ido malhar. Eu disse que estava triste e sem paciência. Ele logo imaginou que fosse por causa do Luiz.

— Ah, Fernando, é tudo! Estou cansada da minha vida.

— Amada, não diz isso! Você não sabe o que é ter uma vida ruim!

— Eu não estou reclamando. Só estou dizendo que eu preciso fazer alguma coisa para me sentir melhor.

— Catarina, faz assim: solta um beijo na boca do bofe. Se ele não quiser, vai ser uma merda, mas você nunca mais vai vê-lo mesmo! Aí você aproveita e investe no

Léo.

— Que Léo?

— O Léo que malha no mesmo horário que o seu. Um alto, branquinho, de

cabelo jogado no meio.



125

— Ah, ele é bonitinho! Mas por que disse isso?

— Por que ele perguntou de você. E quis saber se estava solteira.

— Pirilampo, o que você disse? — eu estava revigorada.

— Que tinha muito bofe te rodeando, mas que eu ainda não sabia qual era a sua.

Acho que ele está bem interessado!

— Ai, que tudo! Precisava de uma notícia boa! Pena que hoje não vou à academia! Tenho terapia.

— Então venha linda na segunda. Ele só malha três vezes por semana.

— Obrigada, Fê! Valeu mesmo! Só você para me animar.

Saber que alguém havia reparado em mim era uma injeção de ânimo no meu dia. Fiquei até mais confiante para encarar o Luiz. Eu precisava resolver a minha vida. Enchi-me de coragem e me arrisquei a passar a maior vergonha do mundo.

— Luiz, preciso falar sobre um problema que ainda não consegui falar.

— Muito bem, vamos lá — ele parecia estar bem-humorado.

— É muito difícil falar sobre isso — eu sentia minha bochecha corar. E vi que não era um sonho. — Vou falar de uma vez. Eu não sei como isso foi acontecer, mas

estou gostando de você.





126

CAPÍTULO 6

*"Mais vale errar se arrebentando
do que poupar-se para nada."*

Darcy Ribeiro

— Fica calma, Catarina — Luiz dizia com tranquilidade. — Não é a primeira vez

que isso acontece. É muito comum os pacientes se apaixonarem pelo terapeuta.

— Mas você não sabe como é angustiante! — já que eu tinha começado a falar, resolvi dizer tudo.

— Eu faço ideia! E acho que o primeiro passo é falar. Existem pacientes que ficam anos gostando dos psicólogos e não dizem nada. E nunca resolvem isso.

— Então, me ajuda!

— Catarina, pense em quando você começou a sentir isso. Por que ter um caso com alguém é uma maneira de ter ou não se ter intimidade com ela.

— Você acha que eu comecei a gostar de você para atrapalhar minha terapia? — eu não queria admitir, mas havia certo sentido no que ele dizia. Eu sempre saía esfolada das sessões. Quando me percebi apaixonada pelo Luiz, passei a não ficar

mais à vontade para dizer minhas coisas. Logo, não tocava mais em assuntos que me afligiam.



127

— Podemos pensar nisso. Aqui é um espaço para você sentir, como já falamos. As reações que você tem e a forma que se comporta lá fora será a mesma aqui dentro...

— E... – eu estava devagar e sem entender.

— Talvez, sempre que você começa a ficar íntima de alguém, dê um jeito de não ir para a frente.

Senti uma vertigem. Comecei a chorar por ver minha fantasia destruída. Tinha feito tantos planos românticos e sinceros com Luiz! Quanto tempo gasto e

energia

investida! Quanta coisa construída em cima do nada. Ele tinha reduzido minha paixão a uma fuga, a um boicote. E o pior era saber que, no fundo, ele estava certo.

Eu não estava aguentando a intimidade que estava sendo estabelecida entre mim e meu terapeuta. Com os caras que eu arrumava devia ser do mesmo jeito: eu

pipocava toda vez que me sentia vulnerável.

— Eu concordo com o que você disse. Mas preciso ir em doses homeopáticas.

Luiz acenou com a cabeça, concordando. Eu estava com muita vergonha e preferi não dizer mais nada.

Estava tão afim de ficar em casa e na minha, que deixei de ir à academia por dois dias. Pirilampo ficou me ligando, insistindo para eu ir malhar, mas o incentivo

de me deixar boa para o "bofe terapeuta" não colava mais. Eu me sentia rejeitada pelo Luiz. Ele não tinha dito um "não te quero", mas também não havia falado que

me queria. Mas a vida, contudo, continuava e eu tinha que voltar à malhação.

Assim que cheguei à academia, vi o Léo. Lembrei-me do que Pirilampo tinha dito e resolvi puxar assunto. Vai que saía alguma coisa dali? Eu tinha que semear.

Comecei por um assunto bem idiota, do tipo "mais um dia, vamos lá!" Ele respondeu bem, mostrando-se simpático. Já que eu estava empenhada em viver

uma vida normal, sem gostar do analista, tinha que investir em outras paqueras.



128

No dia seguinte, na aula de inglês, Fabi me procurou na minha sala. Estranhei, já que ela estava sumida e estava sempre de papo com o Bruno. Não disse nada sério, queria só bater papo. Deixou para entrar na sala dela no último segundo, quando minha professora entrou na sala. Era como se ela estivesse evitando o Bruno. Mas como ela não me contava nada, eu respeitava.

Na sexta, resolvi ir bem bonita para a academia. Fiz até uma maquiagem leve, mesmo sabendo que era idiotice maquiar para suar e que o Léo já tinha me visto

toda esculhambada. No entanto, precisava desviar do foco da minha dor. Outra pessoa era tudo o que eu queria e merecia.

— Oi, Léo! — eu disse toda animada assim que cheguei.

— Fala, Catarina! Tudo bem?

— E a sexta-feira, hein? — queria criar um jeito de saber o que ele faria mais tarde.

— Pois é, já dá para descansar... — ele parecia não ter planos para o fim de semana.

Tentei puxar mais assunto, mas ele tinha um amigo, o Cássio, que não saía de perto dele. Eu não sei o que esse cara tinha arrumado, mas ele era muito estranho.

Era extremamente malhado nos braços e tórax, mas tinha as pernas finas.

— Sei lá, ele é estranho! — disse para Mônica e Pirilampo. — Parece um sorvete

de casquinha.

— Ai, Cat, você faz muita graça! — Pirilampo ria. — Mas e o Léo? Tem rendido as conversas?

— Ele é simpático, mas não falamos nada especial ainda. Logo dou um jeito de conversar mais.

Cumpri meu tempo na esteira e fui beber água. Léo estava olhando a ficha de exercícios e fui puxar assunto.



129

— Adoro este clipe! — aponte para uma das várias televisões.

— Eu também curto as músicas desse cara — ele respondeu.

Conversamos mais algumas bobagens. Descobri que ele era engenheiro, jogava tênis e não era muito gandaieiro. Achei ideal para mim. Homem que vivia na rua,

bebendo e andava em bando não dava certo.

— Já comeu o açaí da lanchonete daqui?

— Catarina, todo mundo me fala desse creme de açaí, mas nunca comi!

— A gente vai comer hoje, assim que acabarmos os exercícios. Vamos eu, o Fernando, a Mônica... O pessoal que anda com a gente, sabe?... — eu disse inventando um programa.

— Animo, sim! — parecia até mentira de tão fácil! — Eu termino tudo em uns quinze minutos. Avisem quando subirem.

— Beleza! Vou terminar minha série.

Achei o Pirilampo e a Mon na sala, onde as pessoas levavam os pesinhos e as caneleiras.

— Por tudo o que é sagrado, vocês têm que me ajudar!

— Ih, o bofe da terapia tá aqui! – falou Pirilampo.

— Nada a ver! Falei com o Léo que a gente ia comer açaí quando acabássemos. Ele topou ir com a gente!

— Cat, estou dura! Sem nenhum centavo — Mon cortava meu embalo.

— Ai, amada, eu ia numa boa, mas estou trabalhando.

— Mon, eu pago o seu. Pirilampo, cinco minutos! Eu converso com o gerente para você!

— Caiu da esteira, mamífera? Como é que vai pedir ao meu chefe para eu tomar açaí com você? Eu perco meu emprego.

— Mon, você vai?



130

— Ai, vou para te ajudar. E só vou tomar um suco. Depois te pago.

— Obrigada, amiga! Falta muito para você acabar?

— Faltam duas séries para tirar essa colmeia do bumbum e da perna —

Pirilampo respondeu por Mon, referindo-se às celulites dela. O que eu achava um

exagero, mas ela não ligava de ele falar assim.

Nunca havia malhado com tanta intensidade. Não era dedicação, era pressa. Fui até o banheiro ajeitar o cabelo suado e voltei animada para o açai. Subimos para a

lanchonete e ficamos até umas onze da noite batendo papo. O amigo do Léo, Cássio, e o Pirilampo apareceram por lá. Como era sexta-feira, ninguém teria que acordar cedo no dia seguinte. Melhor impossível. Durante a conversa, Léo soltou que tinha que trocar um livro num shopping. Pensando rápido, soltei que também precisava ir à livraria no fim de semana. Perguntei que horas ele iria para, quem sabe, nos encontrarmos por lá. Para minha surpresa, trocamos telefone e marcamos de nos vermos no shopping, no sábado à tarde.

Dormi feliz da vida, trocando mensagens com a Mon no celular. Parecia que, enfim, a sorte mudava um pouco. Acordei animada a me arrumar e dar uma volta.

Almocei no shopping e fiquei olhando vitrine até dar o horário que combinamos. A

hora foi chegando e eu fiquei morrendo de medo de levar um bolo. Pensei em ligar,

mas achei melhor esperar, sem desespero. Como se ansiedade fosse algo controlável. Mas não era. Para me distrair, fui ver os filmes que estavam em cartaz. Dez

minutos de atraso. Andei pelo shopping tentando me distrair e fingindo estar interessada nas roupas. Tiro o celular da bolsa. Nenhuma ligação. Eu já estava pronta para contabilizar outro fracasso. Por fim, resolvi chutar o balde. Não esperaria por mais ninguém. Entrei na livraria sozinha e comecei a olhar meus

livros. Estava triste, mas dizia para mim que tinha valido o passeio, o almoço e



131

estar vendo gente. Ia começar a me divertir sem o Léo. Até que o vejo entre as prateleiras.

—Desculpe o atraso, Catarina! — ele me deu um abraço e três beijinhos no rosto,

como bom mineiro. — O shopping está cheio. Fiquei um tempão procurando vaga.

— Nossa, é mesmo? Eu nem me atentei para a hora. Fiquei vendo vitrine — eu despistava minha vontade de perguntar por que ele não tinha avisado, evitando

minha crise.

— Que livro está olhando? — ele já foi mexendo na prateleira.

Passamos a tarde olhando livros e DVDs. Ele não era tão bonito quanto parecia na academia. E ele tinha o dente meio separado. Eu estava implicada com o espaço

entre eles e quase perguntando por que ele nunca tinha havia colocado um aparelho. Às vezes ele tinha um papinho chato, mas era legal ao mesmo tempo. Eu

ainda estava influenciada pelo que sentia por Luiz, mas eu tinha que tentar outra pessoa. E o Léo estava ali, na minha frente.

Foi uma tarde agradável. O mais engraçado foi que, quando estava sozinha, na minha casa, fiquei com vontade de ficar com o Léo. Arrependi-me de não ter sido

mais atirada ou ter deixado claro que queria algo mais. Mas talvez fosse melhor as

coisas irem mais devagar. Passei o domingo tranquila. Respondi e-mails, conversei

com o Lucas e cozinhei para variar um pouco.

Fiquei meio sem graça de comentar com Luiz sobre o Léo. Ia parecer que eu era volúvel. Queria que ele acreditasse no que eu sentia. Embora Léo fosse legal, eu queria o Luiz.

— Sabe, Luiz... Você parece ser mais interessante do que os rapazes que conheço!

— Hum. Você me vê uma hora por semana. Não sabe da minha vida, dos meus defeitos...



132

— Mas dá para imaginar como você é.

— Isso, Catarina, dá para imaginar. Com os rapazes que você convive não dá para imaginar, pois eles estão expostos bem na sua frente. Mas comigo, dá para fantasiar.

— Acha que estou te idealizando?

— O que você acha?

— Eu não sou boba, não! Consigo sacar as pessoas!

— Hum.

Estava com tanta raiva que fiquei calada. Mas me perguntava se ele tinha razão.

Lembrei-me de quando fiquei com um cara lá de Divinópolis, de quem eu era

muito a fim. Mas quando eu, finalmente, fiquei com ele, não gostei muito. Ele tinha

o beijo ruim e falava "menas" em vez de menos. Foi uma decepção. Será que Luiz

beijava mal? E se ele tivesse alguma disfunção erétil? Será que era agarrado na saia

da mãe, grosseiro ou fumava maconha? Realmente não dava para saber muita coisa. O problema era que eu gostava do que eu sabia.

— Vamos lá, Catarina... Imagino que deva achar seu terapeuta inteligente, atencioso, afinal fico aqui só te escutando, tentando te entender...

— Isso! Exatamente. Um homem sensível, diferente dos outros.

— E na fantasia da sua paixão, é incrível que alguém, como essa pessoa que você criou, goste de você.

— Bem, eu acho que mereço coisa boa!

— Que bom que acha isso, mas você também iria se sentir o máximo namorando alguém que você acha melhor do que os outros.

— Então o problema sou eu querer me sentir o máximo?

Ele ficou em silêncio. Eu odiava a ausência dele, porque ficava parecendo que

eu tinha que ter alguma ideia para quebrar o silêncio!



133

— A gente está com alguém porque gosta, para fazer o outro feliz ou para se sentir o máximo? — Luiz enfim quebrou o silêncio e me alfinetava.

— Estou me sentindo uma idiota — eu estava entendendo aonde ele queria chegar.

— Hum — Luiz fazia sempre a mesma interjeição. — Já ouviu a história do Narciso?

— O cara que, de tanto se admirar, caiu na água e morreu afogado?

— Esse cara mesmo — disse ele brincando, o que me deixou menos tensa.

— Pode ser que eu esteja assim: gostando mais do efeito que eu provoco no outro do que do outro em si.

A sessão encerrou e prometi pensar nisso durante a semana. Levantei rápido, pois não aguentava olhar na cara dele depois de ter me declarado.

Os dias seguiram com tranquilidade. Carmem continuava chata. Tinha mandado um e-mail à equipe avisando que estaria fora na sexta-feira. Depois ela comentou no setor que iria descansar com a família em um Hotel Fazenda.

Mulherzinha insuportável! Rubens pregou o convite do casamento em todos os setores, a barriga da Júnia ia crescer, Fabi continuava perto, mas distante, e Mon reclamava do Vítor, no entanto morria de amores por ele. Na academia, eu continuava batendo papo com o Léo. Esperava que ele me chamasse para sair algum dia. As minhas sessões com Luiz rendiam à medida do que eu aguentava.

Mas eu não me cobrava mais resolver logo todos os meus problemas. Até mesmo

porque tinha descoberto que fazer terapia era uma coisa muito difícil.

O mês de setembro estava começando. Estava entediada com minha vidinha mais ou menos e resolvi partir para o ataque com o Léo. Entre alguns papinhos mais ousados, disse que poderíamos marcar de sair mais uma vez, para outro dia de programa. Eu me achei bem direta. Só se ele fosse trouxa para não perceber que



134

estava interessada. Ele disse que a gente poderia ver isso. Foi simpático. Na sexta-

feira não o vi na academia e achei que seria uma boa hora para atacar. Achava que

ele não iria pular fora, já que Pirilampo tinha me dito que ele perguntou por mim.

Fiquei sem jeito de ligar e acabei mandando mensagem no celular, convidando-o para sair. Esperei ele retornar. Só me dei conta de que ele não iria me ligar quando

olhei para o celular, mais uma vez, e vi que eram onze e meia da noite. Pensei na

possibilidade de ele não ter recebido a mensagem. Ou ter recebido, respondido e ter

dado algum problema no meu celular para não ter chegado nada. Tinha resolvido que, quando eu quisesse falar com alguém, não mandaria mensagem porque a ansiedade que ela gerava me corroia. Já que era para arriscar, melhor ligar e resolver na hora.

Passei o sábado em depressão pós-envio-de-mensagem-sem-resposta. Nenhum sinal do cara. Acabei ligando para o Pirilampo, que tinha me jogado nessa. Tinha esperança de que ele me desse uma notícia horrível, mas que me acalmasse, do tipo

—você não soube? Ele foi assaltado ontem. Levaram tudo. Inclusive o celular.‖

— Amada, você é uma mamífera de coragem! Dá em cima do bofe mesmo!

— Mas, Pirilampo, você não disse que ele ficava perguntando por mim, me olhando e queria até saber se eu era solteira?

— Uai, eu disse isso?

— Seu mexeriqueiro! Você me disse isso pelo telefone, quando eu soube que a Júnia, atual do meu ex, estava grávida e eu estava para baixo...!

— Ah, lembrei! Cat, era para te deixar para cima!

— Fernando, como você fez isso? Eu só me aproximei dele por causa do que você disse. Estava para baixo e precisava de uma paquerinha!

— E eu te arrumei uma paquera! Não tenho culpa se esses homens que gostam de mulher são devagar. Se fosse comigo, amada, o beijo já estava rolando!



135

— Como vou olhar na cara dele na segunda-feira? Olha o que você fez!

Bati o telefone na cara do Fernando. Eu sabia que ele não havia feito por mal.

Tinha sido uma brincadeira dele, mas é que eu já estava machucada. Não precisava

de outro fora agora. Mas, para ele, era tudo festa e ele jamais me entenderia.

Resolvi, mais uma vez, ficar em casa. Dormi chateada, esperando que aquela fase

passasse.

Ainda cedo, bateram campainha na minha casa. Ou melhor, socaram a

campainha. Abri a porta assustada, ainda de pijama. Era Paula chorando.

— Pelo amor de Deus! Posso ficar aqui?

— Claro! O que aconteceu? — eu estava aflita.

— Ai, Catarina! Minha vida está uma zona! Nem sei como te contar isso! Estou com um grande problema!

— Calma, Paula. Você já comeu? Vou fazer alguma coisa...

— Catarina, não dá! — ela me interrompeu. — Estou com problema mesmo! Por

isso vim me esconder aqui na sua casa!

— Então me fala o que está acontecendo! É coisa com a polícia? — estava querendo ver no que estava me metendo. Vai que me tornava cúmplice de alguma

merda?

— A mulher do meu namorado está na porta do prédio. Ela vai fazer um escândalo. Descobriu onde eu moro, meu telefone, onde eu trabalho...

— Ai, Paula! Você estava saindo com um cara casado... — agora muita coisa fazia sentido para mim. Até a televisão de plasma de milhões de polegadas.

— Nós nos amamos! Mas ele tem filhos e tem dó da mulher. É difícil separar! — Ela dizia aos berros. Eu imaginava que ela berrava isso a ela mesma para se convencer. Se o cara a amava mesmo, onde ele estava no momento do barraco? —



136

Catarina, nos últimos dias ela descobriu tudo. Deve ter me seguido, pois hoje cedo

ela começou a fazer um escândalo aqui no prédio.

— Ela veio aqui?

— Ainda está aqui. O burro do porteiro deve ter dito que eu moro no 302. Ela disparou meu interfone. Quando atendi, ela começou a me xingar, me ameaçar... Eu

tirei o interfone do gancho, com medo, e ela começou a gritar na portaria...

— Eu não ouvi nada... Deve ser porque minha janela não dá para a portaria.

Nossa, será que ela ainda está aqui? Vou interfonar para o porteiro!

— Não conta que eu estou aqui!

— Seu Robson? É a Catarina! A mulher que está procurando pela Paula já foi embora?

— Foi nada não, Dona Catarina! Pedi para ela sair da portaria, mas ela continua na rua. Fala no celular nervosa, às vezes grita... E tá parando todo mundo que entra e sai do prédio.

— Mas está parando o pessoal, por quê?

— Ai, meu Deus, ela ainda está aqui? — choramingava Paula escutando a conversa.

— Acho que tá falando mal da Paula. Dizendo que uma menina que mora aqui é amante do marido dela. Coisa desse nível... A mulher está nervosa.

— Ai, meu Pai! Obrigada, Seu Robson. Não a deixe entrar, hein!

Contei a Paula o que o porteiro disse. Ela tinha motivo para estar bem preocupada, já que o filme dela estava sendo exterminado bem na portaria do prédio em que ela morava.

— O que essa mulher está fazendo com a minha vida? Vou chamar a polícia! Ela não pode fazer isso.



137

— Não, não pode. Mas cadê seu namorado? Por que ele não vem tirar essa louca daqui?

— Ele não pode! É médico, imagina um barraco desses com o nome dele!

— E o barraco vai levar seu nome? Acorda, Paula! Ele fica com as duas e sai na boa?

— Você não o conhece! Não sabe como ele me trata! — era inacreditável o jeito como ela defendia o cara. Ela já estava ficando mais calma, acreditando que logo a

mulher ia embora quando ouvimos da rua:

— Paula! Aparece! Na hora de roubar meu marido você fica sem vergonha. E agora se esconde? Piraaanha! — e foi ladeira abaixo. Fiquei com medo de colocar a

cara na janela e a louca me confundir com a Paula. Achei melhor ficar na minha.

O interfone tocou de novo. Era o síndico, Seu Francisco.

— Catarina, o Robson me disse que talvez a Paula estivesse no seu apartamento.

Peça a ela para resolver isso ou chamaremos a polícia. Está cada vez pior, os condôminos reclamando, tem gente recebendo visita... Está feia a situação!

Paula me suplicou para descer e falar com ela. Eu relutei, disse que não queria confusão e do jeito que a mulher estava brava, eu corria risco de apanhar. Mas a mulher berrava tanto, Paula chorava e o interfone não parava, que acabei estressando.

— Qual é o nome do marido dela?

— Álvaro.

Tomei o celular da mão dela e me tranquei no quarto. Busquei na agenda do celular o número dele. Disquei do meu telefone. Abri a porta do quarto que estava

sendo esmurrada pela Paula, enquanto esperava que alguém me atendesse.

— Eu vou descer e tentar dar um jeito na louca. Mas esse cara tem que saber o estrago que ele tá fazendo!



138

Tentei falar com esse tal de Álvaro umas duas vezes. Quando já estava na portaria, alguém me atendeu.

— Alô, esse número é do Álvaro?

— Sim, quem é?

— Vizinha da Paula. Sua esposa está na portaria do prédio...

— Paula? Desculpe, não conheço nenhuma Paula. Deve ser engano.

— Não precisa ficar com medo, eu já sei de tudo. E estou falando sério. A sua esposa está fazendo um escândalo. Vão até chamar a polícia. Acho melhor vir

buscá-la.

Então me dei conta de que estava falando com ninguém. O covarde tinha desligado na minha cara. Eu estava com ódio pela Paula, que estava sendo exposta

por um cara que não estava nem aí para ela. De longe, ouvi um interfone ser disparado. Seu Robson saiu correndo da portaria até o portão, para tentar impedir que

a mulher continuasse disparando o interfone. Corri atrás para ver se conseguia ajudar. O portão que dava para a rua era de grade e conseguíamos ver quem estava

do lado de fora. Quando bati o olho na mulher, gelei. Pena não ter me dado tempo

de correr, porque eu estava sentindo a maior vergonha alheia do mundo.

— Carmem? — eu, em estado de choque, disse.

Ela me olhou atônita. Se alguém tivesse me contado a cena, não teria acreditado.

Tinha que ver com meus olhos aquela metida à fina e aparentemente dona de uma

vida perfeita, descabelada, rouca de tanto berrar, sem nenhuma maquiagem e com

a cara cheia de olheiras, mostrando que tinha ficado boa parte da noite em claro.

Ela simplesmente virou as costas assim que me viu e foi andando para o carro dela.

O problema estava resolvido. Ela tinha entrado no carro e arrancado como louca.

Ela estava feia de tão triste. Não que fosse linda, mas estava acabada. Fiquei

com dó. Tudo que ela dizia sobre a vida dela era uma mentira. Devia ser por isso



139

que ela era daquele jeito, para tentar esconder os podres. Subi perplexa com a situação.

— Ela foi embora?

— Foi. Assim que me viu. Ela é do meu trabalho, Paula! Olha que situação!

— Não acredito! A corna é da sua empresa?

— Paula, acho melhor não se animar. Eu conversei com o Álvaro pelo telefone...

— Sério? Ele te atendeu? Achei que tivesse deixado o celular no consultório!

— Para de ser boba, Paula! Ele não te atendeu antes porque não queria! Ele disse para mim que não conhecia nenhuma Paula e desligou o telefone na minha cara!

— É porque ele estava com medo, só pode ser isso.

— Pois é, Paula — a abracei, sentada no sofá. — Medo de perder a imagem, a esposa, a boa fama... Não medo de perder você. E me desculpe se estou sendo grossa, mas é que estou nervosa com tudo isso. E você está cega...

— Eu fiz planos com ele, Catarina! Fiquei os últimos meses da minha vida vivendo o maior romance. Ele até me sustentava, como ele não me ama?

— Ele deve ter gostado de você, claro! Mas eles nunca largam a esposa. É sempre assim! Eu sinto muito!

Paula chorou muito. Falou até babar. Por fim, resolveu ligar mais uma vez para ele, que não atendeu. Mandou mensagem no celular pedindo alguma ajuda, explicação ou consolo. Minutos depois chegou um torpedo. "Não podemos mais nos ver. Desculpe. Boa sorte." Ela tentou ligar mais uma vez e nada. O celular estava desligado.

Achei que Paula fosse morrer. Ela se sentia a pessoa mais abandonada da face da Terra, e eu a compreendia, porque rejeições sempre me fazem achar que vou morrer.



140

Sugeri sairmos para almoçar, já que estava com o estômago nas costas de tanta fome. Ela estava com muita vergonha de encontrar com alguém no corredor, mas isso seria inevitável. Por fim, ela se animou. Tomou banho e bateu lá em casa de novo com a cara bem animada.

— Adivinha? Sou dependente do Álvaro no cartão de crédito! Ele deve bloquear o cartão só amanhã!

— Ah, danada! Mas o cara tem bala na agulha mesmo para te dar um cartão no nome dele!

— As consultas dele são bem caras, muitos pacientes... Se o cartão estourar, ele vende o carro importado.

Almoçamos um filé à parmegiana divino, em um restaurante ótimo, com direito a um super *petit gateau* de sobremesa. Paula pagou tudo. Ou melhor, o Álvaro. Se

isso a fazia se sentir melhor, quem era eu para não aceitar? Quem não gosta de ser

bancado num almoço bom? E no fundo, o cara merecia.

Ficava pensando na imagem que a Carmem passava. Minha raiva tinha virado pena. Ela estava tão desesperada e frágil! Se ela fosse tudo mesmo o que aparentava

não se esforçaria tanto para manter a pose. Eu iria guardar segredo, porque, se fosse comigo, não gostaria que ninguém ficasse sabendo. E achava até que ela ia me

tratar bem depois disso, com medo de que eu contasse o barraco.

— Será que a gente pode aproveitar que você está de carro para eu fazer compras? Estou sem nada em casa! — Paula interrompeu meus pensamentos.

— Claro, eu também quero comprar algumas coisas.

— Para no posto de gasolina, por favor! Vou te dar uma ajuda, ok?

— Vou aceitar porque o combustível está caro! Só um pouco!

— Enche o tanque, por favor, moço! — ela disse ao frentista.

— Sua doida, não precisa! Você não tem medo de ele achar ruim?



141

— O prédio inteiro escutou aquela mulherzinha me chamar de piranha. E ele me deixou depois de tudo! Meu coração corta só de lembrar! Por favor, deixa eu me animar gastando o dinheiro dele!

Ganhei um almoço e um tanque cheio! Paula encheu o carrinho de compras e ainda me deu um monte de coisas. Eu estava cansada e afim de ficar um pouco sozinha, mas ela não saía da minha cola. Ficamos vendo filme na casa dela, comendo e falando mal do Álvaro e da Carmem. Quando consegui sair da casa da

Paula, já era tarde.

Passei a noite pensando em como me portar com Carmem. Pensei em evitá-la, para não a deixar constrangida. Cheguei até a achar que talvez ela me procurasse.

Eu estaria aberta a qualquer aproximação dela. Mas a mulher era osso duro! Na segunda-feira, cedo, Carmem estava no trabalho, arrumada e como se nada tivesse

acontecido. Cumprimentava as pessoas com naturalidade e ainda respondia, na minha frente e na maior cara de pau, às perguntas sobre a viagem. Fiquei tão passada com a atitude dela que sentei com Mônica e Fabi na hora do almoço e abri

meu bocão. Conteí tudo.

— Foi o bafo do ano! Estou impressionada! — disse Fabi.

— Ela é uma vaca, sô! Devia ser atriz! Se você a visse ontem, como estava acabada, e hoje toda metida como sempre.

— Vai ver que não foi a primeira vez — disse Mônica. — Pelo que você contou, o cara faz isso sempre. Ela deve ser daquelas que liga mais para o dinheiro, a pose

do que para o marido.

Devia ser verdade. A imagem dela valia mais que tudo. Ela jamais se abriria, choraria ou tentaria rever suas atitudes. Quase ninguém optava pelo caminho difícil. Até eu estava pulando fora dele. Estava boicotando minha própria terapia



142

gostando do analista. Não é fácil ser a gente mesmo. Mas, para mim, ela seria sempre uma vaca que me enchia a paciência.

Comentei com Luiz sobre o que tinha ocorrido no fim de semana, afinal, eu estava sempre falando mal da Carmem e não poderia perder a chance de contar o barraco que presenciei.

— Você contou isso com certa alegria — questionou Luiz.

— Ah, ela é uma bruaca! Lembra-se de tudo que eu te contei dela? Ela me infernizava! – eu me defendia.

— Não tiro sua razão. Mas é que vai me parecendo que você está sempre pronta para brigar... Com outra mulher.

— Nada a ver. Eu tenho muitas amigas mulheres. Brigo só com as vacas que me encham mesmo.

— Você disse que a Carmem te perseguia. Era só com você ou com as demais mulheres do seu setor?

— Só comigo, por incrível que pareça!

Luiz ficou calado.

— Você nunca fica calado sem um propósito... — rompi o silêncio.

— É para você pensar... — ele respondeu depois de um risinho.

— Então vamos lá — disse resignada. — Você acha que eu estou sempre pronta para brigar. E por isso a Carmem me escolheu dentre o grupo.

— Hum...

— Mas se você visse o barraco de domingo, ia apostar que quem gosta de brigar é ela!

— Sim, ela gosta! Por isso ela aceita as traições do marido. Para brigar com as mulheres depois.

— Que horror! — fiquei em silêncio pensando como isso era possível.



143

— Você chegou aqui contando que tinha saído nos tapas com sua irmã. E narrou muitas brigas com sua mãe.

— Todas com razão.

— Sim, quem quer brigar sempre arruma uma razão.

— Eu sou meio nervosa mesmo — as lágrimas começaram a brotar. — E sei que minha relação com a minha mãe é delicada. A dor da minha vida é saber que ela me deixou quando nasci. Sei que ela adoeceu, mas uma parte de mim não aceita isso como explicação.

— E por causa dessa dor você continua brigando. Como se todas as outras fossem a sua mãe.

O que o Luiz dizia fazia tanto sentido que eu não sabia mais o que dizer. Minhas relações com os homens sempre tinham outra mulher no meio. Daniel voltou para a

ex, Rubens se apaixonou por Júnia, Artur nunca me quis e escolheu a Amanda.

Tinha problemas com a Carmem, morria de ciúme da minha irmã e a minha mãe...

Ah, a minha mãe! Eu a amava e queria matá-la ao mesmo tempo.

— Fala sério, Luiz! Eu sou muito ferrada, né? A pessoa mais problemática do mundo sou eu!

— Calma, Catarina — ele me deu um lenço. — Tente pensar no quanto você vai viver melhor depois que descobriu isso. Há tantas pessoas que não pensam em si,

não se analisam.

Voltei para a casa chorando, mais uma vez. Aquela famosa dor que não parava de latejar. Eu queria tanto me ver livre daquilo e deixar aquela ferida cicatrizar!

Ficava pensando se seria igual a Carmem. Queria me casar por amor e ter uma relação de verdade. Mas, se minha parte doente continuasse a escolher por mim, eu

repetiria a vida dela e escolheria uma relação em que o importante fosse ter um palco para brigar e competir com outras mulheres.



144

A semana passou devagar. Passei a ir à academia direto do meu trabalho, para evitar o Léo. Havia levado o maior fora e não queria vê-lo. Eu terminava tudo antes

de ele chegar. E também não estava dando papo para o Fernando.

Certo dia, no trabalho, fui ao banheiro e acabei tendo a desagradável surpresa de ouvir alguém vomitando. Quando estava lavando a mão para sair, vi a porta se abrir e sair Júnia. Achei estranho ela estar usando o banheiro do andar de cima, mas não questionei. Cumprimentei com a cabeça, como faria com qualquer outra

pessoa e me mantive em silêncio.

— O banheiro daqui é menos frequentado... — Júnia estava se explicando.

— Fique à vontade – achei que estava tentando ser simpática e acabei puxando assunto. – Você tem tido muito enjoo?

— Bastante...

— Bem, eu estava de saída. Aproveito para desejar parabéns e melhoras aí no enjoo.

— Oh, Catarina, obrigada! Sempre achei você bacana... — ela estava começando a chorar. — Ai, olha só como grávida fica. Choro por tudo.

Eu não sabia o que fazer e acabei pegando um papel toalha e dando a ela.

— Está sendo tudo tão rápido, sabe? O casamento, o bebê...

— Eu imagino... — não, eu não imaginava, só não sabia o que dizer. Eu a odiava há algumas semanas e estava ali, batendo papo.

— Mas eu estou feliz como nunca estive! — eu não precisava ouvir aquilo, mas ficaria feio calar a boca de uma grávida. — Obrigada, Catarina, por tudo.

— Obrigada? Pelo o quê?

— Ah, eu sempre adorei os treinamentos que você dava para nós. É bonita, engraçada, fala bem... Fiquei muito preocupada quando soube que era ex do Rubens.



145

— Ele te contou? — eu estava gelada.

— A gente estava no começo quando soube que a última pessoa com quem ele tinha saído era você.

— Ah, é? — eu estava me acalmando por saber que ele não tinha falado que tinha terminado comigo para ficar com ela. Pelo menos nisso o Rubens me poupou.

— Quando soube disso, quase não dormi porque fiquei com medo do contato que talvez ele pudesse ter com você. Mas depois vi que você parecia estar em outra,

é sempre tão ocupada, sempre rodeada de gente... Você não foi como as outras que

ficam infernizando a alegria dos outros.

— Imagina, Júnia, eu nem sei o que dizer... — eu estava muito sem graça. Acho que tinha compreendido o porquê de Rubens ter se apaixonado por ela. Júnia era desarmada, calma e verdadeira. Parecia tão harmonizada com ela mesma que era capaz de ter uma boa conversa com a ex de seu futuro marido.

— Olha, vamos deixar um convite do casamento nos setores. Vai ser muito simples, mas se puder ir...

— Farei o possível, Júnia! Fico contente por vocês. Faço votos de que sejam muito felizes e de que o bebê venha com muita saúde! — disse sinceramente e a abracei.

Sáímos do banheiro e cada uma seguiu seu caminho. No meu outro encontro com Luiz, contei da minha conversa com Júnia. Fiquei feliz por estar mais calma e

pelo casamento do Rubens não me doer. Sentia que estava, enfim, livre.

— E pensar que eu rasguei o joelho por causa dela!

— Mas você ainda se rasga por algumas coisas... — Luiz sempre me trazia à realidade.

— É como se fosse isso. Sinto-me rasgada por dentro. Mas estou me costurando. Para nunca mais perder tempo competindo...



146

— Então você está se convencendo disso?

— Sim. Acho que tenho que melhorar minha relação com a minha mãe, rever as minhas escolhas, crescer...

— E você acha que essa competição aconteceu aqui dentro também?

— Acha que eu competi com você?

— Talvez por mim... Ou pela pessoa que você criou para mim.

O assunto me deixava extremamente sem graça, mas eu precisava resolvê-lo.

— Não me vejo disputando com ninguém neste caso.

— Desde o início você sabia que não poderia ter nada com seu terapeuta.

— Sim...

— Mas você ainda assim desafiou a regra, a ética, a Psicanálise...

— Juro que não era minha intenção ter rivais tão implacáveis! — eu ri. — Mas ainda prefiro acreditar que gostei de você e dos seus olhos verdes. Sei que estou sendo ridícula, mas eu sempre dissimulei as coisas, não estou achado ruim falar isso agora.

Acho que Luiz não esperava por aquela. Eu o senti desconcertado e sem graça!

Mas eu me sentia tão bem em falar aquilo! Eu sempre sonegava meus sentimentos e

fazia mil jogos com os caras que arrumava. Ele também já sabia que eu gostava dele, só adicionei a minha admiração pelos olhos verdes. Talvez, ainda, eu estivesse

testando o Luiz; confesso que gostei de vê-lo desconcertado. Senti-me meio má. E

gostei. No entanto, eu sabia que minha paixão por ele era um pouco de boicote, pois sempre que ouvia algo de que não gostava, dava um jeito de mudar o foco.

— Tudo bem. Eu desafiei o proibido mesmo. Vou pensar nisso e me livrar das competições — eu tentava continuar.

Saí da terapia sem chorar, mas preocupada comigo. Na mesma noite tive um sonho estranho, que guardei até a outra semana para contar ao Luiz.



147

— Estava em um lugar estranho, escuro e cheio de coisas velhas. Parecia um laboratório velho, abandonado. Algumas pessoas me levaram à força para uma mesa e me prenderam. Aí aparece você, mandando enfiar algo como se fosse uma

agulha bem grossa na minha cabeça. Bem aqui na parte de trás — virei-me mostrando para o Luiz o lugar. — Parecia que eu estava em um tratamento de choque.

— Hum, que interessante!

— Achei medonho. Mas como li que muitas coisas que reprimimos aparecem nos sonhos, resolvi contar.

— Você queria que eu te penetrasse, mas o que eu quero é penetrar seu pensamento.

Eu já tinha lido que a Psicanálise era recheada de sexo e que, em tudo, tinha um conteúdo erótico. Aquilo, contudo, havia me surpreendido demais. Fiquei completamente sem graça. Aquele era, de longe, o fora mais psicanalítico que eu receberia em toda a minha vida.

— Nem sei o que dizer. Isso nunca ia passar na minha cabeça. Mas você pode estar certo. Minha esperança é que, depois de tamanha penetração nos meus pensamentos, eu fique curada — tentei sair bem da situação.

— Interessante o lugar onde o sonho se passou. Escuro, cheio de coisas velhas e que te dá medo.

— Acho que era dentro de mim mesma.

— Sim, Catarina. Nosso inconsciente é assim. Carrega coisas que herdamos dos nossos pais e todas as impressões que tivemos na vida. Por isso parece que a dor de

ter sido rejeitada pela sua mãe é recente. Abrir essa porta, mexer nessas coisas incomoda.

— É... — eu estava morrendo de medo.



148

Fiquei tão impressionada com a interpretação do sonho que nem conseguia mais prestar atenção na terapia. Eu realmente queria sexo. Estava com 23 anos e vivendo

como uma velha. Estava tão desesperada que cerquei um cara na academia que nem tinha tanto a ver comigo. Dormi tensa e sabia o que precisava fazer para relaxar.

Na manhã seguinte, fui surpreendida com a ligação da Fabi. Com a voz abatida, ela me dizia estar se controlando para não chorar e pediu que eu fosse até sua sala.

Ela estava tão atordoada e falando frases desconexas que custei a entender do que

se tratava.

— A Melina... Achou o Flávio pelo Facebook. Contou tudo a ele...

— Meu Deus, tudo o quê? Quem é Melina?

— A namorada do Bruno... Cat, o Flávio terminou comigo. Não quer nem me ver... — dizia aos prantos.

Eu já tinha entendido. Fabi tinha realmente ficado com o Bruno e a namorada dele havia descoberto. Ela deve ter encontrado Fabi no meio dos amigos de Bruno

no Facebook e logo, bicando, descobriu o Flávio.

Eu estava chocada. Fabi chorava descontroladamente, se chamando de burra, idiota e soltando palavras de ódio contra Bruno e Melina!

— Fabi, tenta ficar calma! Não há nenhuma chance de você dizer que é fofoca, invenção?

— Ela deu todos os meios de o Flávio descobrir... Deu detalhes. Não tive como negar. E não aguento mais mentir. As últimas semanas têm sido insuportáveis de tanta mentira. Ele me disse coisas terríveis. Acabou. Como ele vai confiar em mim

de novo?

Eu imaginava como estava o pobre do Flávio. Deve ter passado os últimos dias escrutinando a história. Em pouco tempo, ele deve ter sabido quem era Bruno, das



149

trocas de mensagens, das saídas depois da aula de inglês e dos beijos no estacionamento da escola. Obviamente, a cada descoberta, a confiança que tinha em

Fabi se esvaía. Minha amiga não poderia estar pior. Saber que ela mesma levava aquele estrago para dentro de seu relacionamento só piorava as coisas. Eles tinham

marcado a conversa final naquela noite. E um fio de esperança a alimentava, dizendo que talvez ele a perdoasse.

— Talvez o Flávio, em algum momento, tenha tido um caso! Meu Deus, estou

tão louca que chego até a desejar que ele tenha me traído. Assim ele me perdoaria.

Minha vida está desmoronando, Cat...

Eu não sabia o que fazer além de abraçá-la. Eu não tinha intimidade com o

Flávio, mas, pelo que conhecia do mundo e dos alicerces machistas em que ele está

fincado, eram poucas as chances de um homem deixar passar um chifre. Contudo,

eu poderia estar errada. Talvez ele percebesse que isso não era nada e que Fabi era

apaixonada por ele. Talvez, como ela mesma havia dito, ele também tivesse

passado por uma situação parecida. E, com o placar igual, ambos poderiam zerar a

culpa e seguir em frente.

Aquilo tudo, para mim, era um susto. Eu estava certa de que Fabi e Flávio se

casariam. Fabi chamou tanta atenção com seu choro que alguns colegas souberam

do que havia ocorrido. O chefe dela liberou-a para sair mais cedo. Inevitavelmente,

a rádio peão já tinha ventilado a notícia pela empresa.

— Bem feito! Gente desonesta tem que se ferrar! Traiu o namorado que era

ótimo, um partidão! Agora tem que ficar chorando mesmo! — dizia Estela, minha

colega de setor.

— O Flávio era aquele cara lindo que estava com ela na festa junina? — Denise,

a estagiária, continuava o assunto.

— É, esse mesmo! — confirmou Estela.



150

— Ela é danada, hein? Trair um gatão daquele.

— Mas aquela mulher é linda demais. Se eu fosse o outro, pegava mesmo! Não estaria nem aí para o oficial! — Reginaldo também participava do assunto.

— Pegar você pegava, mas e namorar? Está vendo no que dá namorar esse tipo de mulher? — Estela não deixava barato. — Catarina, eu sei que vocês são amigas,

mas poxa vida... Ela foi muito baixa. Acha certo o que ela fez? — ela ainda deu um

jeito de me incluir na conversa.

— Estou muito ocupada com um relatório que preciso entregar e com as coisas da minha vida — soltei sem dó para Estela, embora não tivesse nada contra ela. Por

sorte, eu estava até bem-humorada, pois, num dia mais estressado, teria dito que ela estava dando uma de santinha porque não arrumava ninguém. E que cara nenhum queria mulher falsa, moralista, linguaruda e feia.

— Não está mais aqui quem falou... — ela voltou para a mesa dela e ficou cochichando com a Denise. Reginaldo também ficou calado.

Pelo menos, naquela hora, a fofoca estava contida. Entretanto, pela velocidade dos dedos e o barulho dos toques do teclado da Estela, a fofoca on-line continuaria.

E eu ainda ia tomar tinta pela minha amiga. Mas não estava nem aí. O pior era que

na escola de inglês não era diferente. Depois de toda confusão, quando fui à escola,

percebi que todos comentavam. Assim que entrei na minha sala, já me

perguntaram se era verdade que a namorada do Bruno — "o cara da outra sala que

pegava minha amiga" — tinha mesmo ido atrás do namorado da Fabiane. Eu não tinha ideia de como as pessoas da aula de inglês sabiam disso. Mas como a empresa

tinha convênio com a escola, era natural que alguém de lá tivesse soltado o boato.

Fabi achou melhor encerrar o curso no meio e nunca mais pisar na escola. Para alívio da Melina, Bruno e Fabi tinham brigado e rompido de vez. A tonta da Melina



151

acreditou na conversa de que Fabi tinha seduzido o namorado dela e que, com ela

longe, os problemas estariam resolvidos.

Ninguém duvida que com mulher os comentários sejam mais cruéis. E a

situação provava isso. Melina era a corna-barraqueira-burra que continuava cega pelo traste do namorado. Bruno, além de ter a namorada na mão, ficou com a fama

de pegador. A Fabi era bonitinha, mas ordinária. A galinha da história.

O namoro tinha mesmo terminado, sem nenhuma chance de reconciliação. Eu nem tive como me despedir do Flávio. Phil, que já nem falava mais comigo depois

do e-mail, naquela altura, não falaria mesmo. Os dias se passaram, a fofoca deixou

de ser novidade, estávamos sempre atarefadas e com pouco tempo para conversar.

— Acho que eu até prefiro assim, Cat! Pelo menos ocupo a cabeça. Sempre que volto a lembrar de que estou sem o Flávio, parece que perco o ar! Só choro... — disse Fabi.

Marcamos de nos encontrar naquele mesmo dia à noite, na minha casa. Assim teríamos tempo e privacidade para conversar. Pedi uma pizza para nós duas.

Tentei ser o mais gentil possível, porque era tudo que eu conseguia fazer. Nada do

que eu dissesse consolaria ou faria sentido. Poderia oferecer minha amizade e meu

ouvido para a ladainha de sempre. Sabia que o caminho natural das coisas era esse:

falar, chorar, reclamar, babar, limpar o nariz... Não tinha outro jeito. E eu estaria ali,

até ela gastar o assunto.

Juntas, falamos mal das recalcadas da empresa, do Bruno e da vaca da Melina, que perdoou o namorado de uma maneira muito estranha: acabando o namoro da "outra". Fabi quase babava de raiva. Falou mal de todo mundo a noite inteira. — Que ódio! — ela dizia no final de cada frase.

Dei-me conta de que toda aquela raiva da Fabi não era só da linguaruda da Melina e do ordinário do Flávio. Era raiva dela mesma. Pensei em lhe dizer isso,



mas achei por bem ficar na minha. A Fabi sabia que ela mesma havia se colocado

naquela situação. Mas ela já estava tão dolorida que não queria ter palavras que fossem gerar ainda mais dor. Pelo menos por agora, ela não precisava daquilo. Eu

não colocaria ainda mais culpa nela.

No fundo, eu me identificava por completo com ela. Embora todas as meninas do trabalho achassem que ela tinha chutado a sorte fora, consegui ver que ela havia

feito aquela burrada justamente por gostar demais do Flávio. A beleza da Fabi não

foi suficiente para deixá-la segura diante do amor. Confiar em si mesma nada tinha

a ver com cabelos compridos e corpo esculpido em academia. Ser desejada por inúmeros caras não ajudou. Ela tinha tanto medo de Flávio deixá-la, que ela própria

acabou com tudo. Eu sentia a mesma insegurança. O mesmo medo de gostar.

Possivelmente, eu também reagiria do mesmo jeito. Fiquei com medo e, no fundo,

confesso, fiquei um pouco feliz de ter acontecido com ela e não comigo. Eu tentava

aprender com a situação. Prometia a mim mesma, em silêncio, me cuidar e buscar

me conhecer para que, quando eu estivesse com alguém, não cometesse o mesmo

erro.

Fabi saiu da minha casa por volta das dez horas da noite. Estava calma, tinha

parado de chorar. Disse que estava querendo tomar um banho e dormir.

Combinamos de nos vermos pela manhã, no trabalho. No dia seguinte, na empresa,

ainda bem cedo, soube que Fabi não iria. Tinha batido o carro na noite anterior.



153

CAPÍTULO 7

"Tô revendo minha vida, minha luta, meus valores.

Refazendo minhas forças, minhas fontes, meus favores."

Vander Lee

Consegui uma liberação para ir ver Fabi no hospital no final da tarde. Os pais dela me avisaram que ela poderia receber visita depois de uma cirurgia na perna. Levei flores em nome dos colegas do setor. Abri a porta do quarto e me contive para não demonstrar o susto que tomei. Um hematoma deixava a testa de Fabi roxa e inchada.

— Querida, seus colegas mandaram essas flores e estão na torcida por sua recuperação. A Mon te mandou este cartão. Ela não conseguiu sair mais cedo do trabalho.

— Você viu como estou fora de controle, Catarina? Estou acabando com a minha vida.

— Você está cansada, sob efeito dos remédios. Não sabe o que está dizendo — tentava acalmá-la.

— Amiga, o Flávio sabe do que me aconteceu?

— Não faço ideia. Mas olha, depois vemos isso. Vamos pensar na sua recuperação. Seus pais me disseram que a cirurgia correu bem...



154

— Liga para ele para mim, pelo amor de Deus — Fabi me interrompeu.

— Fabi, você sofreu um acidente e passou por uma cirurgia em menos de 24 horas. Ainda deve estar dopada. Amanhã eu volto e, se precisar, eu ligo.

— Amiga, eu dependo disso. Eu preciso de um alívio, de alguma coisa para me dar força para sair dessa cama. Por favor...

Eu achei Fabi tão sincera que acabei aceitando a empreitada. A expressão que ela usou, "força para sair da cama", me motivou a ligar. Fabi acabou batendo o carro e se machucando para se punir, por culpa. Ela sabia que não teria como

reatar

com Flávio, mas acho que esperava o perdão.

Pensei na melhor abordagem. Fiz, mentalmente, mil diálogos e liguei, já fora do hospital. No início, ele ficou meio mudo quando me apresentei no telefone. Mas percebi que ele estava curioso para saber o motivo da ligação.

— Flávio, é meio estranho eu te ligar, mas precisava dar uma notícia. A Fabiane sofreu um acidente de carro ontem, quando saía da minha casa. Ela quebrou a perna em dois lugares e bateu a cabeça...

— Catarina, como assim?

— Calma, ela está bem. Passou por uma cirurgia e depois de amanhã deve sair do hospital.

— Catarina, para ser bem sincero eu não sei se te agradeço ou se sinto raiva por você ter ligado — disse Flávio magoado.

— Flávio, estou muito sem graça de ligar para você, mas eu não ligaria se não achasse importante conversar com você. Fabi insistiu muito para te ligar.

— Estou muito confuso. Não sei o que dizer.

Nem eu. Fiz o que pude, mas terminei a ligação sem ter a menor ideia do que ele faria. E do que falaria a Fabi, quando ela perguntasse como fora a ligação.



155

Saí do hospital e fui para a terapia. Não sei se era o acidente, a situação de Fabi, a conversa com o Flávio ou a TPM, mas eu estava mais sensível do que de costume.

Lembrava-me do último sonho que tive com o Luiz, cuja interpretação rendeu o fora mais categórico da minha existência. Pensava no meu lugar escuro e cheio de

coisas velhas. Nos inúmeros sentimentos dentro de mim que eu desconhecia e nas

mágoas que eu guardava por anos.

Estava tão absorta em meus pensamentos que entrei na sala onde Luiz me esperava e, depois de muito tempo, deitei no divã. E nem reparei que estava deitando. contei para o Luiz o rompimento complicado que minha amiga havia passado e minha percepção do acidente que ela sofreu.

— Estou triste com tudo isso, lógico. Mas tem alguma coisa nessa história que está me incomodando demais...

— Sua amiga ter traído o namorado? – Luiz arriscou.

— Não é só isso, embora eu ache que ela tenha feito uma burrada. O que toda mulher quer é encontrar alguém que goste dela, estar numa relação estável, com alguém bacana. Fabi tinha isso e estragou tudo.

— Hum...

— E acho que isso está me incomodando. Eu sabia que ela gostava do Flávio de verdade. Talvez o tenha traído por isso!

— E isso te incomoda exatamente o quê?

— Eu também não consigo gostar de alguém de verdade. Meu medo de ser abandonada é enorme — comecei a chorar. — Estou sempre escolhendo situações

em que não vou ficar com o cara no final. Só escolho furada. Assim evito estar real-

mente com alguém.

E lá estava eu soluçando de tanto chorar. Acho que Luiz tentou me dar um lenço, mas não reparei. Só prestava atenção no meu choro. E depois de muito



156

tempo eu sentia que chorava por uma situação de vida, e não de morte. Eu chorava

por uma dor de cura, não de doença.

— Talvez seja por isso que goste do meu analista. Porque isso nunca vai acontecer, vai ficar na fantasia. Nunca terei problemas como os das minhas amigas

e todas as pessoas normais, porque nunca estarei numa relação de verdade!

Eu já nem sentia vergonha de estar vermelha de tanto chorar, com catarro saindo do nariz e estar dizendo aquelas coisas. Tinha ligado o botão do "dane-

se".

Para quem vivia maquiando a si própria e as coisas que dizia na terapia, não estar

nem aí para o que o terapeuta ia achar era um ótimo sinal.

— Fico feliz por você, Catarina — depois de muito tempo eu ouvi a voz do Luiz.

— Obrigada — ri um pouco. — Acho que passei um pouco do horário falando e chorando, né?

— Não tem problema. Nos vemos na semana que vem?

No dia seguinte, não atendi as primeiras ligações da Fabi, que vieram no início da manhã. Eu não sabia o que dizer a ela. Almocei com a Mônica e acabei esquecendo o assunto quando ela me deu a ótima notícia de que tinha ido buscar ajuda para voltar a dirigir.

— Tem terapia de grupo toda semana e uma consulta individual a cada quinze dias. Estou treinando direção com um instrutor da clínica, em ruas e horários mais

calmos. Mas o bom é que já andei um pouco! Bem devagar! — ela me dizia empolgada.

— Mon, foi a melhor coisa que você fez por você mesma. Dou todo apoio!

— Ai, amiga, obrigada! Estou muito empolgada!

— O que o Vítor acha disso?

— Ele não sabe! Se sonhar o preço que estou gastando no tratamento e que estou querendo voltar a dirigir...



157

— Você está fazendo as coisas escondidas? Seu namorado devia te incentivar!

— Eu ainda não consigo tomar uma decisão em relação ao meu namoro! Mas a terapia, embora seja mais voltada para me fazer dirigir de novo, está me ajudando.

Aos poucos eu vou conseguir resolver a minha vida.

— Você faz terapia com homem ou com mulher?

— Mulher, por quê?

— Nada não.

— Ah, tá! Lembrei a sua história! E como está lá?

— Indo. Mas vi que era pura viagem da minha cabeça. Quero deixar para lá esse assunto. Como você disse, tudo aos poucos...

À noite, antes de ir à academia, liguei para a Fabi e contei a verdade. Disse que Flávio não rendeu muito assunto pelo telefone, mas que senti que ele havia ficado

preocupado. Prometi dar mais detalhes depois, quando fosse visitá-la.

Eu estava desanimada da academia e achava que era por causa do Léo. E também porque estava fadigada dos mesmos exercícios. Acabei voltando à academia só no dia seguinte. Aproveitei que era final do mês de agosto e fui para encerrar. Conversei na secretaria e combinei de frequentar a academia só naquela semana. Depois eu iria procurar outra atividade física para fazer.

No dia seguinte, o telefone tocou. Era Fernando. Entre os pedidos de desculpa pela brincadeira com o Léo, ele insistia para eu continuar na academia. Eu já estava

cansada do mesmo ambiente, das mesmas músicas e dos mesmos aparelhos. Queria

uma coisa mais dinâmica. Estava pensando em correr na Praça da Liberdade ou em

outros lugares bonitos de BH. À noite, recebi um vaso de orquídeas lindas. Fiquei

surpresa ao ler o cartão. Era Fernando, me pedindo desculpas e dizendo que seria meu pirilampo para sempre! Eu abri meu coração e liguei para ele, dizendo que

estava tudo bem entre nós.



158

O ano já estava quase terminando. Fabi se recuperava aos poucos e estava fazendo fisioterapia. Eu sempre imaginava que encontraria uma mulher abatida e desarrumada quando ia visitá-la. Mas, até quando ia sem avisar, encontrava aquele cabelo loiro bem cuidado. Os hematomas já haviam sumido e ela estava linda como sempre. Aos poucos, começamos a sair, dar algumas voltas e pequenas caminhadas. Flávio tinha mesmo sumido. E ela estava se acostumando com a

falta

dele.

Certa noite, tive um sonho muito estranho: eu estava seguindo o Luiz, até um lugar onde ele trabalhava durante o dia. Era um prédio velho, cheio de gente, com

muitas mesas e máquinas de datilografar. De uma hora para outra, as roupas das pessoas mudaram, como se ficassem velhas, fora de moda. Eu achava tão interessante meus sonhos e a forma que trabalhávamos na terapia, que contava tudo ao Luiz.

— Então esse prédio onde eu estava era velho, até com máquinas de datilografar... — Luiz tentava entender.

— Estranho, né?

— O que esse prédio te lembra?

— Ai, parecia um prédio de alguma repartição pública.

— Com quantos anos você foi para Divinópolis?

— Eu devia ter uns dois anos. A Amanda era bebê.

— Vocês se mudaram porque seu pai passou em um concurso público...

— É... — fiquei em silêncio. Demorei a pegar no tranco. — Acho que o prédio do

meu sonho era parecido com o que meu pai trabalhava quando eu era criança.

— Naquela época, não devia ter computador nos órgãos públicos... Só máquinas de datilografar — Luiz me ajudava.

— E meu pai trabalhava com uma. Eu achava o máximo!



159

— E eu estava lá. No lugar do seu pai. Você estava me seguindo, mas foi no rastro deixado pelo seu pai.

— Não acho que eu tenho muito problema com meu pai. Meu problema maior é com a minha mãe.

— Você vive dizendo que seu pai fala pouco, não age muito...

— Eu sempre achei que ele manteve uma distância, não se envolvia nem falava muito.

— E você já reclamou do meu silêncio durante as sessões.

Percebi que Luiz e meu pai eram mesmo parecidos no meu sonho. E, da mesma maneira que a ausência do meu pai me incomodava, o silêncio do Luiz nas sessões

me matava de raiva. Talvez eu não tivesse, ainda, superado em nada a minha infância. Sentia muita raiva de a minha mãe ter me deixado com minha tia, me afastando do meu pai. Enquanto isso, a danada, mesmo doente, engravidou de novo. Depois já veio a Amanda, outra mulher para concorrer comigo. Eu era muito

problemática. Saí da terapia meio sem rumo. Lembrei-me das teorias de Freud, que

tinha lido na biblioteca. O desejo do filho pela mãe, a relação de amor e hostilidade

com o pai, na disputa pela mãe. E o amor da filha pelo pai, ameaçado pela mãe e que, se não superado, se prolonga a vida adulta. Não era possível que minha relação com meu pai também fosse detonada.

— Freud, seu danado, me tira dessa! — eu dizia em voz baixa a frase que já tinha se tornado um mantra para mim.

O verão entrava com tudo em BH. Escolher uma roupa para trabalhar estava cada vez mais difícil, pois ninguém aguentava muito pano. Mon estava cada vez mais feliz e dirigindo aos poucos. Cada dia ela contava um novo desafio, uma avenida movimentada, um controle de embreagem numa ladeira... Ela estava demais! Fabi já tinha voltado ao trabalho. Ela estava se submetendo a um



160

tratamento estético para eliminar de vez a cicatriz da cirurgia. O pessoal da empresa estava a mil. Os sócios do exterior estariam lá na próxima semana, para aprovar, de vez, o projeto de expansão da linha produção. Eu já tinha feito tudo o que podia. Mostrei interesse e muito trabalho. Estava louca para aquela fase passar,

o Ricardo ir embora e, quem sabe, comemorar minha promoção, num setor bem longe da Carmem.

Um dos únicos sócios brasileiros da empresa era o Antônio Galpi. Um coroa

bem enxuto, charmoso e muito interessante. Apesar de ser um dos donos da empresa, era bem simples e acessível. Cumprimentava-nos, perguntava nosso nome, o setor onde trabalhávamos e nos agradecia pela colaboração. Certo dia, ele

até almoçou no refeitório, como qualquer funcionário. Óbvio, neste dia, a vaca da

Carmem almoçou lá também. Mas nem conseguiu chegar perto da mesa dele.

— Amiga, você está ocupada? — era Fabi me ligando tarde da noite.

— Não, estava vendo TV antes de dormir. Mas pode falar, não tem nada de bom passando...

— Você não vai acreditar! Acabei de chegar em casa. Jantei com o Antônio!

— Que Antônio? O Galdi? — eu estava brincando com ela.

— Ele mesmo!

— Como assim? Que babado!

Depois de jurar segredo por tudo o que era sagrado, Fabi me contou que, desde que ele havia chegado à empresa, ele não tirava os olhos dela. No início, ela achou

que ele era um desses ricos casado e sem-vergonha, e não deu muita

bola. Depois soube que ele havia se casado uma única vez e que tinha duas filhas. A

ex-mulher morava há muitos anos no exterior e não se falavam muito. Depois disso, ele não tinha se casado de novo e tido pouquíssimas namoradas. Depois de



161

algumas conversas na empresa, ele a convidou para jantar. Segundo Fabi, com motorista para buscá-la na porta e champanhe caro.

Ela estava encantada por ele, mas com medo de se queimar no trabalho.

— Amiga, ele vai embora daqui uns dias. É só não deixar ninguém saber! Mas aproveita a companhia. E pede um "aumentão" para a amiga aqui!

— Ai, se eu tivesse coragem, pedia aumento para todas nós! Mas, Cat, e se ele quiser só sexo e se aproveitar? Vai que isso me atrapalha na empresa?

— Você ficou afim dele?

— Amiga, tudo bem que ele é vinte e cinco anos mais velho do que a gente. Mas é um sonho de homem!

Eu me lembrava da teoria do Freud. Eu não devia ser a única a buscar o amor do meu pai em outros caras, no entanto eu tinha de assumir que o cara era um partidão. Era bem mais velho, mas era muito charmoso.

— Espera para ver qual é a dele. E, se ele for embora, vocês podem manter contato, se encontrarem longe de BH... Ele paga sua passagem e um hotel cinco estrelas na Grécia... — nós duas rimos.

No dia seguinte, recebi um e-mail da Fabi, com cópia para a Mon. "Venham arrumadas amanhã. Não marquem planos para o almoço." Logo imaginei que poderia ter alguma coisa a ver com o Antônio. Liguei para a Mon e contei tudo a ela, afinal, ela estava incluída no e-mail.

Lá estava eu com um dos meus vestidos mais caros. Ele era lindo, no joelho, marcado na cintura. Como eu queria ter grana para andar só com roupa de corte bom! Meu corpo ficava lindo nele. Às onze e meia, Fabi me liga, convidando para almoçar.

—Eu tenho que esperar dar meio-dia para bater o ponto, amiga. No meu setor, e no da Mônica, é tudo controlado.



162

— Um minuto — Fabi desligou.

Passaram dois minutos e meu ramal tocou.

— Catarina, o senhor Galdi está esperando você na portaria. Não precisa voltar hoje à tarde. E nem bater o ponto — eu estava boba: era o senhor Ari. Antônio tinha

pedido ao meu chefe para me liberar. Estava adorando a ideia de ter uma amiga saindo com o dono da empresa!

Eu desci já com as minhas coisas. Fabi apresentou a mim e a Mônica ao Antônio.

Fomos todos em um carro chique para um lugar ma-ra-vi-lho-so! Era uma casa bem luxuosa, que ficava no alto de uma montanha, nos arredores de BH. A sala era toda de vidro, o que nos permitia babar na vista. Soube que era uma casa em que um famoso chef atendia VIPs, em encontros reservados. Nada aberto ao público. Eu nem tinha ideia de que isso existia.

Antônio conversou bastante conosco e percebi que segurou a mão da Fabi algumas vezes. Para levar as amigas a tiracolo àquele lugar tão lindo, ele devia estar apaixonado. Voltamos para a empresa bem na hora em que o pessoal era liberado. Alguns nos viram descendo do mesmo carro que o Antônio. Esperava que

logo a fofoca chegasse ao ouvido da Carmem!

Tricotei com a Fabi grande parte da noite. Ela estava bem empolgada com Antônio e já tinha rolado uns beijos. E ele parecia não estar nem aí para as pessoas

da empresa saberem que ele estava interessado nela. Fabi estava em um conto de fadas!

O meu final feliz também poderia estar próximo. O senhor Ari marcou uma reunião com a presença do Ricardo, da Raquel, do Fontes e do Antônio. Eles elogiaram muito a equipe, as metas alcançadas e anunciaram que a nova linha de produção começaria em fevereiro, mas que, no início de janeiro, as pessoas escolhidas já seriam remanejadas. Eles fizeram aquele discursinho para que aqueles



163

que não fossem escolhidos não se sentissem mal, pois todos eram competentes e era

uma questão de perfil. Meu coração estava disparado e ansioso para saber meu destino na empresa.

— Conforme já foi avisado pessoalmente a essas pessoas, vamos às mudanças

— entristeci-me na hora. Pois ninguém tinha falado nada comigo. — A Raquel vai

anunciá-las – disse senhor Ari.

— Carmem Machado vai para a assessoria da direção — pelo menos a vaca não

estaria mais no meu setor. Mas, seguramente, iria ganhar uma bolada.

— Beatriz Junqueira e Tadeu Bontempo estarão na gerência da nova linha.

Elisabete Maia será a assistente de direção, sendo a última pessoa do setor selecionada para a nova produção. Os demais escolhidos são de outro setor e de outras filiais. Para compor o setor de vocês, que agora está um pouco desfalcado, novas pessoas virão.

— Dentro do nosso setor, faremos apenas algumas mudanças — continuou o senhor Ari. — Reginaldo Marques ficará na parte de processos de produção e Catarina Lanza assume a coordenação dos treinamentos.

Eu fazia toda a força do mundo para conter o nó na minha garganta. Depois de tanto trabalho e expectativa, eu tinha apenas entrado no rodízio da equipe, assumindo algo que não queria. Eu gostava mais dos projetos, de criar, de medidas

para valorização dos funcionários e qualidade de vida. Eu havia caído no

planejamento de treinamentos: uma função burocrática que só exigia organização e

não criatividade!

A reunião acabou. Estava feliz pela Bia e pelo Tadeu, pois eles realmente

mereciam. Abracei-os depois da reunião e desejei boa sorte. Não cheguei perto da

Carmem. Fui para o banheiro e chorei sem dó. Eu me desesperava com medo de alguém chegar e de ficar com a cara muito marcada, a ponto de todos perceberem.



164

Consegui me acalmar e corri até a sala da Fabi. Eu sabia que ela sempre tinha maquiagem e só uma base poderosa me ajudaria.

— Amiga, até eu estou chocada! Você tinha tudo para ser promovida. Depois de tudo o que você fez pela empresa! Quer que eu fale alguma coisa com o Antônio?

— Nunca! Ele não tem nada a ver com isso. E, se eu conseguir alguma coisa por indicação, não vai ser tão bom quanto ganhar por merecimento. O pior é que não terei tempo de criar os projetos como fazia. Caí numa função administrativa, cheia

de tabelas, reuniões... Não sei como vou aguentar trabalhar!

Passei a noite triste, tentando encontrar alguma solução. Talvez alguma coisa acontecesse e tudo mudasse. Estava esperando um milagre.

Na manhã seguinte, acordei me sentindo muito mal. Era como se eu tivesse parado de resistir. Cedi à pressão e às frustrações recentes. Minha garganta infeccionou, tive febre e uma enorme prostração. Fui à empresa só para ir ao depar-

tamento médico. Consegui dois dias de licença.

— Esses dias são para a senhorita ficar deitada, sem fazer nada. O corpo precisa de repouso para se recuperar — advertiu o médico.

Repousar para mim era difícil. Sempre achei que eu resolveria tudo por meu próprio esforço. Estar entregue e simplesmente esperar minha melhora seria um sacrifício. Avisei meus pais que estava de cama. Disse que eu estava bem, já medicada, mas que precisava dormir. E foi o que fiz o resto do dia. Acordei com o

interfone e escutando a voz estridente do porteiro.

— Ô, Catarina, sua mãe tá aqui...

Não sei como poderia ficar pior. Estava doente, frustrada, triste e, ainda, com minha mãe na porta de casa.

— Ah, Catarina, o que você arrumou, filha? — disse ela entrando com uma mala, ainda bem que pequena.



165

— Nada sério, só preciso descansar.

Minha mãe era foda. Não conhecia ninguém que dominasse mais o espaço do que ela. Eu ficava impressionada de como aquela pessoa pequenininha ocupava tudo. Suas coisas se espalhavam, sua voz podia ser ouvida em todos os cômodos, o

cheiro da canja saía pelas janelas.

Eu estava muito irritada, mas deixei rolar. Por fim, ela colocou na mesa um prato de sopa quentinha e me chamou para sentar. Comecei a mexer na sopa

quando ela chegou com uma coberta. Jogou-a sobre as minhas costas e me abraçou,

como se tentasse me aquecer. Eu comecei a chorar. Minha mãe não disse nada.

Apenas ficou com a mão em mim, esperando meu choro. Não sei por quanto tempo

ficamos ali. Depois que me acalmei, comemos juntas a sopa que ela havia feito.

Eu estava desarmada. Toda a minha raiva e mágoa tinham cedido ao afeto da minha mãe. Naqueles minutos, sentia que havia encontrado o que precisava.

Parecia que, enfim, minha dor estava "doendo menos". Sentia afeto pela minha mãe. E gratidão por ela ter deixado a casa, pegado ônibus e vindo me visitar. Era bom sentir aquele cuidado. Como eu era carente!

— Obrigada por ter vindo, mãe! Acho que eu estava precisando mesmo de ajuda...

— Ô, Cat... Mãe é para essas coisas. E você nunca deu trabalho, nunca precisou de nada...

— Também não é assim. Já precisei de muita coisa.

— Do mínimo. Você sempre foi muito ágil. Desde pequena resolvia seus problemas sozinha, sempre teve muitos amigos. Não me demandou muito! — minha mãe batia, carinhosamente, sobre a minha mão. — Nunca soube dos seus namoros, se está com alguém...



166

— Você nunca perguntou! A sensação que eu tenho é que você não quer saber muito de mim — eu tentava buscar as palavras certas. Não queria briga, mas precisava muito dizer como me sentia. — Sei que fez muito por mim e por meus irmãos, mas vivo me perguntando como pude fazer tanto mal à senhora quando nasci!

Para a minha surpresa, tocar no assunto emocionou não só a mim, mas a minha mãe também. Como ela chorava!

— Filha, eu me faço a mesma pergunta todos os dias! Todos os dias procuro

entender o que aconteceu comigo. Você é tão linda e cheia de vida, tão pra cima!

Como deixei aquilo acontecer comigo? Eu não sei te explicar o que aconteceu. Era

como se uma tristeza muito grande tivesse invadido a minha alma — ela soluçava.

— Imagino que deve ter sido difícil, mas eu queria tanto tentar te entender. Por que sinto como se eu não fosse nada demais na sua vida e na do papai?

— Nada disso, Catarina! Quando soube que esperava uma menina, choramos de alegria! Depois que veio nosso garoto, o Lucas, quisemos muito ter uma menininha!

E quando fizemos o ultrassom e vimos que seria você... Fizemos uma grande festa

em casa. Foi uma alegria!

— E por que eu virei uma tristeza?

— Filha, perdoa a sua mãe! Eu fiz o que dei conta... Eu estava numa fase muito difícil. Quando eu estava nos últimos meses da sua gravidez, seu pai e eu tivemos

uma crise. Seu irmão era muito novo e não deve se lembrar. Eu estava muito

insegura e acabei virando uma esposa muito chata. Cismeimei que seu pai estava tendo

um caso...

— Um caso? O papai? Como assim? E senhora continuou com ele? — eu estava chocada por nunca ter ouvido aquilo antes.



167

— Filha, tive a impressão. Talvez tenha sido coisa da minha cabeça, pois cresci sabendo que homem trai e que tem necessidade de trair. Achei que comigo seria assim.

— Que machismo idiota!

— É, eu sei... Mas foi assim que fui educada. Eu me sentia péssima. Gorda, com os cabelos feios. Naquela época eu estava sem trabalhar, sem meu dinheirinho, minhas conquistas... Estava me sentindo a pior mulher do mundo! Sentiria ciúme até de uma velha banguela.

— A senhora nunca nos disse isso... Eu nunca ia imaginar!

— Minhas irmãs moravam longe, não tinha amigas para conversar e cuidava sozinha da casa. Foi muito difícil, Catarina. Quando você nasceu eu estava feliz, juro! Eu queria com toda a força da minha alma que você fosse feliz e saudável. Mas uma tristeza tão grande caiu em mim... Eu tinha dó de mim e de você. Pensava

que estava colocando no mundo mais uma mulher para sofrer!

— Era isso que você sentia? Que mulher só sofre?

— Era isso e mais um pouco. Era tristeza pelo meu casamento, por me sentir mal, sem trabalho, sem realizações e sem oportunidade de escolher. Eu tenho certeza de que, se não tivesse vocês três, minha vida não estaria completa. Eu me realizo com vocês, mas de verdade, filha, ser mãe é apenas uma das formas pela qual uma mulher se realiza!

Eu não acreditava que ouvia aquilo da minha mãe. Passei 23 anos sem conhecer aquela mulher inteligente e sensível. Consegui ver além da "mãe" que eu tinha projetado. Vi uma mulher com erros e acertos, desejos, sonhos e algumas frustrações. Vi que, assim como eu, ela era uma pessoa que vivia conforme podia. E ah... como eu amava a minha mãe.

— Você queria ter feito algo diferente na vida, mãe?



168

— Ih, muitas! Mas eu consegui fazer muitas outras também! E agora me considero muito feliz, sabe? Mesmo que seu pai tenha estado com outra, o que eu

não sei, foi comigo que ele ficou, principalmente durante minha depressão. Você acha que se um homem que não gostasse de verdade da esposa aguentaria uma moçreia, sem um pinga de vaidade, sem sexo, chata e chorona? E ainda com uma

recém-nascida e um filho pequeno! Catarina, seu pai me ama!

— Uhuu... Se joga, Dona Virgínia! — Nós comemorávamos entre lágrimas! E eu

abismada de ter ouvido a palavra sexo da boca de minha mãe!

— Sabe... Você tinha mais ou menos uns quatro meses. Eu já estava no tratamento e apresentando melhoras. Aí cheguei perto do seu berço, na casa da sua tia, e você estava dormindo. Estava linda! Com roupinha de lacinho. E vi que estava com um brinquinho na orelha. Naquele dia, depois de muitos dias de solidão, eu falei com Deus. Agradei a Ele por ter escolhido uma mulher doente como eu para gerar aquela menina tão linda. Você estava tão feminina, mesmo sendo um bebê! Eu fiquei completamente encantada por você! Aquilo me animou,

começou a me dar vontade de viver de novo. Comecei a fazer caminhada, a arrumar os cabelos e a cuidar de mim. Seu pai começou a reparar a diferença! Dia

após dia, eu apresentava melhoras. Fomos buscá-la na casa da sua tia, passei a dar

banho em você sozinha, ajeitava a casa, me arrumava. E assim nós fizemos a Amanda!

— Eu pensava que você tinha engravidado da Amanda e depois ficado bem!

— Tá doida? Na depressão que eu estava, nem queria saber de sexo! Isso foi depois. Aí veio a Amanda, que não esperávamos, para completar o time!

— Eu não sabia disso! Achava que ela tinha te salvado!

— A Amanda veio selar meu recomeço. Nosso recomeço, aliás, pois eu e seu pai viramos a página e seguimos em frente! Mas foi olhar para você que me fez

reagir.



169

E os abraços de bom dia do Lucas também! Coitado, deve ter sofrido muito com a

minha ausência.

— Mãe, por que não tivemos essa conversa antes? Passei os últimos meses remoendo essa dor. Passei a vida inteira querendo te dar o meu amor, mas sendo bloqueada pela mágoa!

— Ainda está em tempo, o que acha?

— Eu não desejo outra coisa! Vem cá, me dá um abraço!

— Seu apelido tinha que ser "Cat" mesmo. Acho o máximo esse seu jeito!

— Mãe, por que eu me chamo Catarina? Você vivia dizendo que Amanda significava "ser amada"...

— Por que eu ouvi a história de uma santa com seu nome. Não sei muito da vida nem dos milagres, mas soube que ela era à frente do tempo dela. E se metia nos assuntos políticos da Igreja, coisas que eram só para os homens... Senti que combinaria com você. Senti sua alma corajosa, forte. Acho que eu estava tão frágil

que desejei que minha filha fosse uma mulher forte!

— Ai, Dona Virgínia, que lindo! Adorei! Achei que tivesse me dado um nome sério, de velha. Tanto que tive que inventar um apelido mais para cima! Mas agora

eu adoro meu nome! Que chique!

— E aí, minha gatinha? Quer me contar dos namorados? Do trabalho, da vida aqui?

— Ah, mãe... Não tenho nada de namorado para te contar! E nem boas perspectivas no trabalho — e lá estava eu com meu famoso Muro das Lamentações.

Mas nem estava lamentando tanto. O que importava naquele momento era que eu

tinha a minha mãe.

Minha mãe foi embora depois do almoço, no dia seguinte. Deixou comida

pronta, cozinha arrumada e alguns panos de prato novos. Minha mãe era uma



170

bordadeira de primeira. Ela nunca tinha conseguido trabalhar fora por causa da casa e por não ter faculdade, mas descobriu que era talentosa para bordar.

Começou fazendo coisas para os familiares e vizinhos. Hoje, tinha noiva em

Divinópolis que a procurava meses antes de casar para bordar o enxoval. A lista de

clientes era enorme e ela deu um jeito de ter o seu dinheiro, ocupar a cabeça e se sentir útil. Minha mãe tinha dado um jeito de ser feliz. E eu deveria aprender isso

com ela.

Minha garganta já estava um pouco melhor, mas eu estava sem a mínima vontade de voltar ao trabalho. Assim que cheguei à empresa, soube que fariam, no dia seguinte, uma festa de despedida para o Ricardo, Raquel e o Fontes. Todos voltariam para São Paulo.

Eu queria uma explicação ou qualquer coisa que me confortasse sobre não ter sido escolhida para o novo setor e ainda ter sido colocada numa área tão burocrática! Sei que poderia ser antiético, mas eu realmente precisava conversar com alguém. E como já tinha perdido a chance mesmo, queimar meu filme naquela

altura não importaria muito. Aproximei-me da Raquel, no início da festa, e perguntei se ela estava ocupada. Ela, percebendo que eu queria conversar, me levou até a sala do senhor Ari e fechou a porta.

— Raquel, talvez não seja da minha conta e nem profissional o que vou fazer. Mas eu quero muito saber o porquê de não ter sido escolhida para as promoções. Considero-me muito dedicada, criei e executei projetos de destaque e tinha expectativas — minha voz começava a embargar.

— Catarina, acho bonita a forma como está inteira nas coisas. Agora, por exemplo. Você está sendo sincera, está abrindo seu coração e deixando sua emoção fluir. Colocar o coração no trabalho é para poucos, mas você ainda não consegue

usar isso a ser favor.



171

— A senhora pode continuar a falar que estou prestando atenção — eu dizia já nem tentando esconder as lágrimas.

— Todos acharam que tem talento e criatividade. Alguns são muitos bons para executar. Isso você faz bem. Mas penso que para criar você seja melhor. E pode melhorar ainda mais nisso. Você é muito intensa e, me permita dizer, ainda sentimos uma imaturidade em você. Essa intensidade é muito comum em pessoas criativas, mas você precisa ser lapidada.

— Mas eu posso aprender...

— Sem dúvida. Mas são coisas que só a vida ensina. Não tem livro ou curso disso. Achamos que se te colocássemos em um cargo de coordenação neste momento, você queimaria suas fichas, pois não está preparada ainda. Desculpe ser

tão invasiva, mas tenho a impressão de que quando suas relações pessoais estiverem mais resolvidas, sua vida profissional irá progredir muito.

— Fico agradecida pelas palavras. Vou tentar tirar o melhor proveito delas.

— Isso mesmo, Catarina! E fique tranquila: todos sabemos do seu potencial. Você pode ter outra chance dentro da empresa.

Levantei e fui embora. Aproveitei que estávamos sendo liberados mais cedo, em função da festa, e fui embora. Eu não queria mais confraternizar com nada da empresa. Poderia ser infantilidade, mas eu não me sentia mais parte do grupo. Respeitei meu momento e fui chorar em casa. Pensei no que a Raquel tinha se baseado para dizer tanta coisa certa a meu respeito. Eu sempre dava um jeito de aparecer e mostrar meu trabalho na frente dela. Ela deve ter percebido meu medo de ser esquecida e minha insegurança nos meus exageros.

Ainda que ela não tivesse visto muita coisa sobre mim, eu sabia dos shows que já tinha dado. Deixava a raiva tomar conta de mim e nortear as minhas relações no

trabalho, como fiz com a Carmem. Eu sabia que era persuasiva e usava isso para



172

incentivar as pessoas a antipatizarem com a Carmem. Lógico que ela ajudava muito

as pessoas se distanciarem, mas eu colaborava. Eu chorava no trabalho, deixava minhas mágoas me descontrolarem, alterando meu humor e comprometendo minha produtividade. Eu ainda era uma menina.

Sentia uma vontade enorme de mudar de vida. Parecia que eu estava vestindo uma roupa que não cabia mais em mim. Fiquei pensando se estaria feliz se tivesse

conseguido a promoção na empresa. Na verdade, eu ainda não tinha certeza do

que

queria fazer profissionalmente. Tinha noção do que eu gostava, do que eu realizava

bem e do que não tinha nenhuma aptidão. Contudo, ainda estava buscando um tra-

balho que me desse sentido.

Cheguei a pensar em fazer outra faculdade ou mestrado em outra área. Resolvi falar sobre isso com o Luiz.

— Catarina, a vida é dinâmica. Alguns dos nossos sonhos se transformam, algumas coisas perdem valor, outras ganham...

— E isso me assusta...

— Humm – dizia Luiz interessado.

— Ao mesmo tempo, por exemplo, que quero muito me casar, tenho medo. Vai que depois de uns cinco anos eu vejo que não é isso mais o que quero? Olha para meu trabalho: estudei quatro anos para ser uma coisa que não quero mais ser!

— Vamos com calma. Você passou por uma frustração na sua vida profissional, o que não pode comprometer toda a carreira. E sobre a vida... Não temos como prever nada. Só podemos viver. E, ao longo da vida, vamos nos reconstruindo. É dolorido, mas é um processo bonito.

Saí da sessão com a certeza de que pouco sabia sobre mim e aonde eu queria chegar. Aquilo me apavorava. Tinha medo de ser uma fracassada, sem dinheiro e frustrada. E solitária. Eu continuava a me sentir só, mas também não fazia ideia

da



173

relação que eu queria ter. Estava perdida. Talvez, como o Luiz havia dito, fosse um

momento de reconstruir a minha vida. Assumir isso era difícil para mim que

sempre me vangloriei de ter certeza do que queria, do meu jeito e de quem eu era.

Na minha fantasia, achava que tudo sairia conforme meus planos. Teria de aprender a desfazer essas ilusões e descobrir quem eu era de verdade.

Mon estava cada vez melhor: menos dependente do Vítor, animada e cheia e

ideias. Ela sabia que poderia ganhar mais dinheiro fazendo *freelancer* como design,

já que mandava muito bem. Ela estava preparando seu portfólio para fazer alguns

contatos.

Fabi estava namorando o Antônio. Ele foi até conhecer a família dela. Fabi estava feliz e deslumbrada com a história de princesa. Ele, que morava em São Paulo, e tinha uma casa em Portugal, vinha quase sempre em BH para ficar com ela. Fabi comentou que ele queria dar uma festa de *Réveillon* na cobertura dele, em

Sampa, e me convidou. Como ainda não tinha planos, aceitei.

Ia levando o trabalho como podia. O pior seria começar na minha nova função em janeiro. O novo cargo tinha um reajuste de salário e eu percebi que dinheiro não

comprava as coisas que eu queria. Preferiria devolver o reajuste e voltar às minhas

antigas atividades. O recesso de Natal estava próximo e eu estava animada para ficar em Divinópolis. Eu só voltaria para BH para pegar o voo com a Fabi para SP.

Ele tinha arrumado um táxi aéreo para nós! Eu estava chiquérrima!

Saí para jantar com o Fernando, que estava novamente solteiro. Eu sentia falta dele e das mil histórias que contava.

— Sabe quem perguntou por você?

— Ah, não começa! Para com a brincadeira! — eu me lembrava da furada que

ele havia me colocado.

— Cat, agora é sério!



174

— Fala!

— O Léo!

— Diz que eu mandei ele se ferrar!

— Sério! Ele perguntou se você tinha saído da academia, pois estava sumida. Eu disse que sim, porque estava cheia de coisas no trabalho.

— Obrigada por me poupar.

— Aí ele soltou que tinha ficado um clima ruim entre vocês.

— Ai, o tranqueira me esnobou para você? Não acredito que ele fez isso!

— Escuta, Cat! Ele disse que o Cássio, o amigo dele, te achava linda. E ele tinha até combinado de ir ao shopping com você, mas armando para encontrar com esse

Cássio do nada... Tentando aproximar vocês dois. Mas na última hora o Cássio não

pôde ir...

— Eu atirei num amigo e caiu no outro!

— Aí ele falou que teve que se afastar, para não chatear o Cássio.

— Mas o banana de pijama do Cássio nunca nem puxou assunto comigo.

— Amada, vai entender heterossexual! Eu te disse: as bichas são bem mais espertas!

E deviam ser mesmo, porque eu estava devagar. Não tinha conseguido estar com ninguém, intimamente, depois do Rubens. E ele já havia até voltado da lua de

mel. Participei da vaquinha que alguns colegas fizeram de um micro-ondas, assinei

o cartão e senti que minha missão estava cumprida. Nem quis saber onde seria a cerimônia.

Na última sessão do ano, deixei uma lembrancinha com Luiz. Talvez eu tenha feito isso porque estava sem namorado ou talvez porque estivesse somente grata. Como não o conhecia e não fazia ideia do seu gosto, acabei optando por uma

caixa



175

de bombons trufados, já que chocolate é unanimidade. Ele ficou surpreso e me agradeceu.

Eu não poderia ter tido um Natal melhor com a minha família. Ceiamos na casa da tia Candinha, como sempre. Perguntei para a minha prima Carla como estava a

terapia, já que ela foi uma das pessoas que me animou a procurar ajuda.

— Saí da terapia — ela disse de uma vez.

— Sério? Mas você estava gostando tanto!

— Minha terapeuta estava se intrometendo demais na minha vida. Cansei!

Se eu não estivesse na frente dela, deixaria meu riso disparar. Achei o máximo aquela explicação! Se o analista não se intrometer na sua vida, de que valeria ir para a terapia?

No dia 25, recebi uma ligação da Mon, contando que o namoro dela tinha ido para o espaço.

— Ele deve estar esperando eu ligar, mas eu já combinei com a minha irmã de irmos numa festa hoje! E eu que vou dirigindo! É meu presente de Natal para mim mesma!

A notícia me animou e acabei marcando de sair com a Bianca, que era cheia de histórias loucas e engraçadas.

No dia 30, embarquei com a Fabi para São Paulo. Pegamos nosso jatinho no aeroporto da Pampulha e estava parecendo que era nossa primeira vez num avião.

— Somos duas farofeiras, amiga! — eu disse para Fabi.

— Cat, nunca tive essa vida de rainha. Quero tirar foto de tudo! — Fabi estava exalando alegria. Nunca mais falou do Flávio, de culpa ou de remorso.

Fiquei hospedada na cobertura do Antônio. E que cobertura! Havia uma suíte enorme só para mim. Ele era sempre gentil comigo e me deixou muito à vontade.



176

— Fiz questão que você viesse. Fabiane fala muito bem de você! — ele disse para mim.

— Fico muito agradecida, Antônio. Ela é uma grande amiga.

Enfim, chegou o dia 31 de dezembro. Inevitavelmente, fiz aquele balanço da minha vida. Eu estava mais leve em relação aos meus pais e ao Luiz, o que era motivo de grande alegria, mas estava preocupada com o que faria da minha vida. Não estava feliz no trabalho. Eu queria alguma coisa que ainda não tinha conseguido entender. Meu maior projeto, para o próximo ano, seria descobrir

meu

caminho.

Minutos antes do brinde, Antônio pediu a palavra e agradeceu a presença de todos. Entre os convidados, havia alguns familiares e amigos dele. As filhas estavam em Paris, com a mãe.

— Fabiane, você quer começar o ano sendo minha noiva e, em um futuro próximo, a minha mulher? — disse Antônio na frente de todo mundo! Foi tão lindo

que chegou a doer de barango. Ele tirou uma aliança de brilhantes e entregou a ela,

que na hora disse sim. E eu fui logo mandando um torpedão no celular da Mônica,

que não pôde ir.

Assim que o anel entrou no dedo de Fabi e os noivos se beijaram, ela correu e me abraçou.

— Amiga, você quer ser a minha madrinha?

Obviamente, eu já estava pensando no que vestir para entrar na cerimônia de um casal tão chique!



177

CAPÍTULO 8

*"Quem traz na pele essa marca possui
a estranha mania de ter fé na vida."*

Milton Nascimento e Fernando Brant

A notícia do noivado e de minha presença na festa de Ano Novo do dono da empresa já estava circulando. Os comentários maldosos também. Chamavam Fabi

de interesseira e diziam que, quem traía um namorado tão bom, não merecida tanta

sorte. Acusaram-na de dar o golpe do baú se casando com um dos acionistas da empresa, vinte e cinco anos mais velho. Ainda bem que ela já havia pedido

demissão para não ouvir aquilo. Todas invejavam a beleza de Fabi, o fato de ela ter

traído o namorado e ainda ter se dado bem no fim da história.

Como Antônio tinha negócios fora do país, o casamento teria que ser rápido. Ele não aguentava ficar longe dela e não queria viajar sozinho. Para quem tem dinheiro, tudo parecia ser mais fácil. Eles marcaram o casamento para o final do mês, com um juiz de paz, em um lugar lindo, com um enorme jardim.

Aproveitando o horário de verão e o fato de estarmos solteiras, Mônica e eu

sempre saíamos para fazermos caminhada. Ela estava feliz sem o Vítor e fazendo

contato com algumas agências.



178

— Quero arrumar muito trabalho por fora e juntar uma grana para comprar meu carro! Quero dirigir para cima e para baixo agora! — Mon comemorava sua independência.

— Mon, você é outra pessoa!

— Aquele traste me deixava para baixo, Cat! Menosprezava tudo que eu criava e não se empolgava com as minhas coisas...

— Essa terapia te ajudou não só a dirigir carro, mas também a própria vida, né?

— filosofei.

— Com certeza, Cat! Estou até pensando em continuar a terapia depois do tratamento.

Eu apoiava a Mon, mas ficava pensando no que a terapia havia feito com a minha vida. Eu me sentia do avesso! Estava mais satisfeita com a pessoa que eu era

naquele momento do que antes da terapia, mas ainda não tinha me achado. A

Mônica tinha certeza de que era uma superpublicitária, com ideias incríveis. Eu sabia que era boa profissional, mas não estava entusiasmada com meu trabalho.

— O que é uma pessoa bem-sucedida para você? — perguntou-me Luiz quando expus minha insatisfação profissional.

— É uma pessoa feliz. E, claro, ninguém é feliz vivendo sem o mínimo de conforto, passando aperto. Quero morar num lugar bonito, bem frequentado, poder

viajar, ir a bons lugares, comprar livros e roupas sem preocupação. Não preciso de

luxo.

— Isso é o que todos merecem, Catarina, mas nem todos têm. Falando somente da Catarina, o que a faria se sentir feliz?

— Ai, Luiz, você faz muita pergunta difícil! — nós dois rimos e eu continuei. —

Eu dispensei os testes vocacionais da minha escola por ter certeza do que queria.

Agora, depois de formada, estou precisando deles!



179

— A gente já conversou sobre a vida ser dinâmica...

— E sobre não termos o controle de nada, de tudo mudar e termos que nos reconstruir! — completei. — Mas admitir que escolhi errado é dolorido, sabe?

— Talvez você não tenha escolhido errado. Só tenha mudado de ideia conforme o tempo foi passando. E sempre há tempo para recomeçar!

Fiquei com isso na cabeça e comecei a achar que mudar não fosse tão ruim.

Eu levava meu emprego como podia. O pior era que, na ânsia de me livrar do trabalho, fazia tudo rápido e o senhor Ari achava que era por eu estar me dando

bem na função. Eu não dizia nada sobre a minha insatisfação porque não queria me

deixar levar pela mágoa de não ter sido escolhida. Vai que com o passar do tempo

eu me adaptava e me descobria a melhor e mais feliz coordenadora de treinamentos?

Antônio e Fabi não quiseram fazer chá de panela, pois já tinham tudo, mas Fabi quis um chá de lingerie. Ajudei a organizar a festa, só para mulheres, na casa dela.

Eu sentia Fabi animada. Contudo, eu estava achando tudo meio rápido. Meu pai sempre me disse que navio que estava afundando atracava em qualquer porto.

Ficava me perguntando se Fabi estava fazendo aquilo porque ainda sentia falta do

Flávio, se estava iludida com a vida de madame ou apenas se sentindo só. Era um

assunto delicado de ser tratado, mas eu achava que ser amiga de verdade implicava

ter algumas conversas doloridas.

A festa estava ótima. As meninas estavam todas à vontade depois de algumas

bebidas e das brincadeiras para lá de picantes, típicas de despedida de solteira. Fabi

se sentou ao meu lado, como quem quer conversar e sair um pouco da agitação.

— E aí, Cat? Pegando muito?

— Nada, amiga... Depois do Phil, nada!

— Não acredito! Não conheceu ninguém ainda?



180

— Acho que não quis conhecer... Estava louca pelo meu terapeuta!

— Sério? E aí? Você deu em cima dele, fez alguma coisa?

— Até que eu dei, mas ele foi muito profissional. Nunca vou saber se ele quis algo ou não.

— Deve ser muito bom ter um homem só para ficar escutando a gente. Ele é gato?

— Depois que fiquei apaixonada, comecei a achá-lo o mais gato de todos! —

rimos. — Ele é alto, tem os olhos verdes, estava sempre bem vestido... Mas agora

não tem mais jeito. Ele está me curando dele mesmo! E logo ficarei boa... Para outro!

— Isso, logo essa gata aí sai à captura de novos gatos!

— Engraçado como a gente esconde algumas coisas nossas, né? Se eu tivesse dividido essa minha paixão com você antes, talvez tivesse sido menos angustiante para mim.

— Eu também gostaria de ter aberto o jogo sobre meu caso com o Bruno. Não que isso fosse me impedir, mas eu estava me sentindo tão mal por estar fazendo aquilo, que me isolei. Só busquei sua ajuda quando a bomba estourou.

— A gente sempre fica com medo de ser julgada, né? — eu disse.

— Sempre! Mas espero que isso não ocorra mais entre nós!

— Eu prometo, já que estamos em clima de casório! — brinquei e levantei a taça de vinho. — Estou muito feliz por tudo o que está vivendo, por ser sua madrinha,

mas só porque sou realmente sua amiga e gosto de você, tocarei nesse assunto.

Mesmo que você nem olhe mais na minha cara — tomei fôlego. — Fabi, você está

certa do que vai fazer? Por que há poucos meses você era louca pelo Flávio, ficou

afim do Bruno, chorou com o rompimento de um namoro, sofreu um acidente sério

e agora está aqui: com casamento marcado.



181

— Cat, você teve coragem de perguntar o que todos estão comentando nas minhas costas. Esta semana ouvi minhas primas me chamando de interesseira. Vamos para o meu quarto para gente conversar melhor.

— Amiga, eu adoro você e sabe disso! Eu não irei te repreender se você estiver fazendo isso por interesse. No entanto, espero que não esteja mentindo para você mesma — continuei o assunto.

— Cat, quando você era pequena e fazia de conta que era adulta, do que você

brincava?

— Eu era louca com filmes legendados, porque já ia aprendendo alguma coisa que eu pudesse usar nas minhas viagens imaginárias. Fingia que falava outras línguas e tinha um avião só para mim. Eu já quis ser astronauta, aeromoça, artista...

Qualquer profissão que me fizesse viajar, mesmo que para outro planeta!

— Eu sempre te achei despojada, corajosa, independente. Isso é realmente a sua cara! Rodar o mundo, conhecer pessoas e outras formas de viver. Até achar o seu jeito. — Fabi não sabia o quanto estava me marcando aquela conversa.

— Eu queria uma casa, Cat. E um marido que me sustentasse. Queria cuidar da casa, ler revista de decoração e andar com roupas bonitas. Sei que sou fútil, mas se

o mundo soubesse como me sinto bem andando linda, arrumada, bem-vestida...

—

ela começou a chorar. — Quando eu tinha uns cinco anos, conhecemos uma amiga

do meu pai. Ela estava bem-vestida e muito bonita. O estranho era que meu pai sempre avisava que ia sair com ela e, assim que fechava o portão, minha mãe nos

abraçava e começava a chorar. Ele só voltava no dia seguinte.

— Você nunca me contou isso, Fabi! Deve ter sido péssimo.

— Sim, foi. Minha mãe não tinha alternativa a não ser aguentar o caso do meu pai. Ela não tinha para onde ir. E ficou cada vez mais descuidada. Parecia que os



182

filhos, o trabalho de casa e a tristeza deixaram minha mãe acabada. E meu pai jogava isso na cara dela.

— Que crueldade! E como eles vivem hoje?

— Do mesmo jeito. Há anos sabemos da amante do meu pai. Ele tem outra casa com ela, viaja, sai... E na nossa casa ele vai para ter roupas limpas, comer, mostrar

para os outros os filhos criados... Mas paixão é com a outra! Ela pegou toda a parte

boa! Cat, eu nunca disse isso para ninguém, mas o que quero, desde pequena, é

ter

uma vida igual a da amante do meu pai e não como a da minha mãe!

— Você acha que a vida da amante do seu pai é boa, mas não conhece o dia a dia dela... Quantos natais, férias e momentos em família essa mulher não teve? Tudo tem seu lado bom e ruim...

— Eu amei o Flávio, mas pensava em como seria nossa rotina. Eu trabalharia o dia inteiro, chegaria em casa cansada, com contas para pagar, certamente no escritório dele teria uma estagiária novinha...

— Fabi, mas você é linda! E sabe disso! E um casamento não é mantido só por beleza!

— Cat, o casamento dos meus pais acabou por isso! Eu não quero outra separação na minha vida. Eu não aguento viver sozinha. Vou me casar e fazer o possível para dar certo! — Fabi chorava como eu nunca tinha visto.

Levantei para trancar a porta do quarto, para que ninguém a visse chorando.

Entendi que Fabi estava realizando o que ela tinha escolhido quando pequena. E talvez todos nós, mesmo quando crescidos, ainda façamos de tudo para manter nossas fantasias de criança. Se isso era certo ou errado, não importava; ela estava dando um jeito na própria vida: havia escolhido um homem mais velho, sem tanto

ânimo para casos extraconjugais, afastando a possibilidade de reviver a dor de uma

separação. Deixando de lado todo moralismo, achava que a escolha era

realmente



183

boa. Viver viajando e aproveitando a vida, com um marido apaixonado, não era má

ideia.

— Serei sua madrinha com muita alegria! Acreditando em você e nesse casamento — sentei na cama e a abracei. — Você é uma pessoa diferente de seus pais e sua história será outra. E ficará linda de noiva!

— Obrigada, Cat! Eu sei que você tem vários amigos e ainda vai conhecer outros

pelo mundo, mas você será sempre a minha melhor amiga!

— Ah, obrigada! Você estará sempre no meu coração! E será para sempre minha amiga mais parecida com a *Barbie*!

— Só você, Cat! Sabe quando você falou dos filmes que via quando pequena?

Lembrei-me daqueles casamentos em que a madrinha faz aquele discurso lindo antes do brinde! Faz igual no meu casamento?

— Ai, vou ficar com vergonha, mas faço, sim!

— Posso te contar mais um segredo?

— Manda!

— Eu não sou uma boa advogada! Cusei a passar na prova da Ordem e não gosto de trabalhar! Não sou talentosa como outros colegas e muito menos criativa, como você.

— Isso não é mais problema! Você vai se casar com um milionário! — nós duas rimos.

Eu tinha havia arrumado mais uma para cabeça: uma fala para anteceder o brinde. Contudo, Fabi merecia e ficaria especial, como nos filmes.

O que para algumas pessoas era sorte, para mim era uma tentativa desesperada de ter um lugar seguro. Fabi estava se casando por insegurança, por não confiar no seu potencial. Nunca quis crescer na profissão e achou que não conseguiria andar



184

com as próprias pernas. Via em Fabi o que vejo em mim e em dezenas de mulheres.

No fundo, todo mundo é igual.

Certo dia, voltando da caminhada, vi Paula saindo do prédio e entrando em um carrão. De longe, dava para perceber que era um homem que estava dirigindo. De

duas uma: ou Paula era danada e já tinha arrumado outro homem rico ou tinha voltado com o marido da Carmem. Não contendo minha curiosidade, fui à casa de

Paula no dia seguinte, puxar assunto, como quem não queria nada. Senti que ela não ia me contar nada e acabei abrindo o jogo com ela.

— Você me colocou na confusão e agora tenho o direito de saber! Vi você sair com um homem num carro chique ontem! É o Álvaro? Por que se já tiver arrumado

outro, vai ter que me mostrar como se faz!

— Cat, o Álvaro é o homem da minha vida! Dias depois daquele incidente horrível, nós voltamos! Ele me disse que precisou fazer aquilo porque a história tinha estourado, os filhos tinham ficado sabendo...

— Você não ligou de ele ter te deixado no meio daquele barraco?

— Eu compreendi, Catarina! Você não sabe como ele é comigo! Olha o meu quarto. Já está tudo embalado. Ele acha melhor eu não morar mais aqui, para me proteger da Carmem e dos vizinhos. Ele alugou um apartamento lindo para mim. Ele me deu uma aliança e todos do outro prédio saberão que sou casada!

— Ainda não entendi. Ele vai separar ou não?

— Ele não pode separar dela, mas será como se fôssemos casados. Combinamos de dizer no outro prédio que meu marido viaja muito, assim não vão estranhar de ele não dormir comigo todos os dias.

— Ele vai ficar com as duas?

— Ele me ama e é meu, só que não pode se separar por causa dos bens e dos filhos. Mas eu terei tudo, ele me prometeu. Não vai me faltar nada.



185

"Só vai faltar ele mesmo", pensei. Contudo, eu não tinha o que fazer — ela estava decidida. Não achava certo, mas quando pensava na grana que a Carmem estava ganhando e no quanto ela me perseguiu, eu ficava até feliz.

— A Carmem acha que acabou?

— Sim, acha. Mas eu não ligo se ela descobrir de novo.

— Não? — eu me assustei.

— Estou grávida, Cat! De cinco semanas! Terei um filho do Álvaro!

Eu não sabia se dizia parabéns ou se sentia pena da criança que nasceria no

meio daquela loucura. Paula parecia surtada em um mundo cor-de-rosa. Ela chegou até a dizer que diria aos pais que tinha se casado em BH e logo levaria o noivo para conhecê-los. Não sei como ela iria dobrá-los, mas certamente, só de saber que ele a sustentava e era um médico bem-sucedido, as coisas mudariam.

— Se a Carmem descobrir isso, vai ficar ainda mais insuportável do que já é.

— Não ligo! Agora eu tenho meus direitos! — Paula disse mostrando que não era só amor que a prendia naquela relação.

Os dias passavam lentamente no meu trabalho. Batia uma tristeza quando eu acordava e lembrava que tinha que ir trabalhar. O casamento da Fabi era uma das coisas que me animavam. Faltava pouco para o casamento e pouquíssimas pessoas

da empresa haviam sido convidadas. Fabi tinha me garantido que Carmem jamais

estaria no casamento.

O casamento era de manhã e tive de agendar o salão para bem cedo, o que me apavorava. Sempre tive hábitos noturnos e odiava sair da cama cedo. No dia anterior ao casório da Fabi, antes de dormir, chequei os e-mails e vi uma mensagem

da minha amiga Bianca. Ela respondia um e-mail meu, em que havia contado as últimas da minha vida, reclamado um bocado e falado de algumas tristezas. A resposta foi bem original. Dentre outras coisas, ela dizia que sexo ia me trazer um



186

pouco de alegria nessa fase difícil. E eu me sentia virgem de novo. Travada e com

medo da vida.

Deitei pensando num caminho para mim. A conversa que havia tido com Fabi não saía da minha cabeça. Ela deu um jeito de realizar o desejo dela. Eu ainda não

sabia qual era o meu. Minhas relações estavam norteadas pelas minhas mágoas.

Agora que eu me via um pouco livre delas, sentia que precisava de novas coisas.

Lembrava que, quando era criança, queria muito viajar pelo mundo. Aquela

vontade permanecia e talvez eu devesse tentar algum projeto fora do país. Não tinha ideia de como isso se daria, mas eu precisava começar a procurar. E Lucas poderia me ajudar.

Parecia que eu estava em um sonho. Mas era realidade mesmo. O jardim em que Fabi e Antônio iam se casar parecia cenário de filme. Tudo muito bem decorado, com milhões de flores importadas. O dia estava ensolarado e todos se refugiavam

sob as árvores e caramanchões do jardim. Uma pequena orquestra tocava algumas

músicas para entreter o pessoal e estava tudo bem romântico. A Marcha Nupcial anunciou a entrada da noiva, que desceu as escadas da casa que davam para o

jardim. Os olhos de Fabi pareciam ainda mais azuis. A maquiagem estava perfeita e

um coque segurava um enorme véu bordado. Valendo-se da boa forma, Fabi usou

um vestido sequinho, com poucos detalhes na barra. Foi emocionante. Minha

barriga gelava ao lembrar que, em poucos minutos, eu estaria falando aos

convidados. Não sabia por que havia aceitado aquela ideia da Fabi. Estava com vergonha e queria aproveitar a festa como qualquer outra pessoa.

Bebi duas tacinhas de champanhe, que não pareciam ter surtido efeito. Todos estavam no espaço onde iriam servir o almoço e fazer o brinde. O noivo pediu atenção de todos e um cara da banda me entregou um microfone. Naquela hora o champanhe subiu, mas não me deu confiança nenhuma. Estava com uma ligeira



187

vertigem. Olhei para Fabi, que me olhava com o jeito mais terno do mundo. Percebi

que a amiga mais linda que eu tinha e que estava tirando a sorte de casar com um ricoço, me admirava. Respirei fundo. Já que estava ferrada mesmo, comecei a falar.

— Certa vez, minha amiga Fabiane me contou que, desde pequena, sonhava se casar. Talvez esse seja o sonho de quase todas as mulheres — levantei a minha mão

e ouvi alguns risinhos. Fiquei mais calma. — Mas o sonho de Fabi não era só se

casar. Era encontrar alguém que pudesse se entregar e construir uma vida. Sei que

Fabi está feliz como nunca estive. Não somente por estar se casando com Antônio,

mas por estar realizando um sonho. Antônio, espero que você continue sendo o

sonho da Fabi, assim como ela continue sendo o seu sonho. Um brinde aos sonhos

do casal. E aos nossos!

Sentia que eu estava vermelha. Ou era vergonha ou cana nas ideias. Todos

brindaram, os noivos eram abraçados e eu relaxei. Senti uma mão nos meus

ombros. — Com licença, vim pegar o microfone.

— Ah, obrigada! — entreguei o microfone ao moço.

— Parabéns, foi bonito o que você disse.

— Ai, mas essas coisas românticas me fazem sentir meio idiota, sabe? Estou morrendo de vergonha — disse sem dar muita atenção.

— Mas, no fundo, todos gostamos de um romantismo, né?

— É, deve ser... — eu não estava dando muito bola. Minha adrenalina ainda estava alta.

— Bem, nos vemos depois. Até mais!

Depois reparei que o cara era bonitinho. Fui correndo atrás da Mônica, para ver

se ela dizia algo que passasse minha vergonha. Não sei se falavam a verdade ou se

mentiam para me tranquilizar, mas todos os meus conhecidos me elogiaram. Só

fiquei mais calma quando Fabi me chamou, depois da foto com todos os padrinhos,



188

para tirar uma foto comigo e com Antônio. Antônio me agradeceu muito e disse que eu seria muito bem recebida na casa deles, a qualquer momento. Depois da foto, Fabi me abraçou e nos emocionamos.

— Foi lindo o que disse. Obrigada por tudo, amiga! A vida te espera!

E como eu estava esperando por ela! Só esperava, porque viver mesmo, nada.

Pelo menos eu iria curtir a festa. Não bebi muito, mas estava dançando como quem

estivesse muito bêbada. Tirei muitas fotos, conheci muita gente e fui uma das últimas a sair da festa. Minha maquiagem tinha saído, estava toda suada, de chinelo nos pés e sandálias nas mãos. O carinha da banda, que tinha me dado o microfone, puxou assunto comigo, quando a festa já estava acabando.

— Fiquei vendo você dançar enquanto tocava. Era a mais animada...

— E olha que nem bebi muito!

— Estava impossível não reparar em você.

— Você deve dizer isso para todas que encontra nas festas que toca.

— E você deve ouvir a mesma coisa nas festas em que vai.

O cara tinha papo e estava me dobrando. Comecei achá-lo interessante, com aquele jeito para lá de seguro. Trocamos telefone, entrei no meu carro e fui embora.

No meio da tarde, o telefone toca. Era o Guto, o cara da banda. Achei que não fosse

dar em nada, mas o moço parecia ter ficado interessado. Estava sem a menor disposição para me arrumar e sair. Fiz a loucura de chamar um cara que havia acabado de conhecer para ir à minha casa. Mas eu precisava de uma emoção, sentir

que estava viva. Corri o risco.

Eu havia subestimado o rapaz. Ele tinha 26 anos, era formado em Música, dava aulas e estava estudando para entrar em alguma orquestra. Entendia muito de música, de livros e tinha um papo ótimo. Ele não tentou nada de cara, mas não

demoramos a nos beijar. Eu estava muito afim dele e tudo fluiu naturalmente, para



189

meu alívio. Depois de muito tempo sem sexo, sentia que minha fase de secura tinha

acabado e não iria se repetir nunca mais! Ele ficou comigo até anoitecer e deu a entender que queria dormir na minha casa. No entanto, naquela noite, não queria dormir com alguém. Tinha sido ótimo para mim, eu estava plena, nas nuvens e viva! E também cansada. Guto ficou de me ligar e eu queria mesmo que ligasse. Bati na cama e tive o melhor sono do ano. Estava tão inspirada que até o sonho

foi bom. Sonhei que estava indo viajar, mas, quando estava dentro do avião, descobri que não tinha mala. Comecei a ficar preocupada, apegada às minhas coisas, me perguntando aonde tinha ido parar minhas roupas. Contudo, depois veio o pensamento de que, no lugar para onde estava indo, eu poderia adquirir novas coisas. Acordei com uma sensação de alegria, pois estava muito certa de que

iria me aventurar pelo mundo. E sem me preocupar com mala. Comecei a pesquisar

inúmeros intercâmbios, mas tudo era caro demais. Pensei em ir como o Lucas, para

estudar, mas eu não tinha ideia do que gostaria de estudar. Não queria investir uma grana alta em um curso que não sabia se aproveitaria. Mas pensava que, assim

como o Lucas, poderia ir aos EUA, já que falava inglês com fluência. Se lá não desse

certo, eu poderia ir a outro lugar.

Mande e-mail ao Lucas, com minhas ideias. Esperava que ele me respondesse logo.

Comentei com Luiz sobre o Guto, o sonho e a minha crescente vontade de viajar.

— Então a Catarina está se desapegando das malas velhas e querendo ir conquistar outras...

— Sim, é como se fosse isso. Acho que eu fiz muitas escolhas sem me conhecer

como conheço agora. Estou me abrindo às mudanças. Não foi interessante eu ter sonhado com isso bem depois de ter ficado com o Guto?



190

— Por que você acha isso?

— Porque acho que eu voltei ao normal. Estava com medo de ter ficado frígida, chata, velha, sem vida...

– E agora consegue ter um novo olhar sobre as coisas porque realizou um ato cheio de vida.

— Já te disseram que você fala umas coisas muito bonitas? Por isso fiquei

caidinha por você.

Luiz não disse nada, mas eu percebi que ele riu.

— Sendo sincera como nunca... Comecei a gostar do meu terapeuta quando travei com o Phil. Ter conseguido ficar com o Guto deve ser um bom sinal de que

estou me curando de algumas neuras... E de você.

— Eu fico feliz por você, Catarina.

Se o Luiz me quisesse, eu toparia, claro, mas isso já não me trazia nenhum sofrimento.

Lucas respondeu meu e-mail. Pediu desculpas pela demora, pois ele estava realizando as últimas atividades do curso. Iria voltar definitivamente ao Brasil em

algumas semanas. Ele estava certo de que queria fazer carreira em uma grande empresa. Ele me passou o e-mail de uma moça chamada Sarah, que era professora

numa universidade de Nova York. Eu, obviamente, me empolguei com a possibilidade de morar na capital do mundo. Ela poderia me ajudar com alguma bolsa, alguma ocupação ou qualquer dica. Mandeí e-mail me apresentando e pedindo alguma oportunidade, uma vez que tinha um grande interesse em morar fora.

No dia seguinte recebi uma mensagem muito educada dela, porém fechando qualquer possibilidade. Ela tinha uma lista de espera para as bolsas da

Universidade e a próxima seleção seria no fim do próximo ano. Até lá eu estaria



191

podre de tão amarga e infeliz. Passei os outros dias trabalhando mais ou menos e me dedicando pouco na empresa. Não fazia nada além do necessário. Sabia que aquilo poderia queimar meu filme, mas era o que eu dava conta de fazer. Eu tinha

me dedicado e dado meu melhor e me mantiveram naquele carguinho. Eu ainda estava com muita raiva.

Procurei duas agências de intercâmbio. Eles tinham programas bem legais,

seguros, mas ainda não era o que eu queria. E também não queria sair do meu emprego para ser babá. Ficava ainda mais frustrada, sem encontrar algo e achando

que talvez eu estivesse escolhendo demais. À noite, fui surpreendida com a ligação

do Guto. Para mim, ele tinha me achado a mulher mais fácil do mundo e nem ia me

procurar. E não foi para ir lá me casa, querendo sexo de novo. Ele me convidou para uma pizza. Aceitei na hora!

Era estranho transar e depois falar um pouco sobre quem é você. Mas nosso papo foi bom e eu consegui me abrir. Falei da minha vontade de passar um tempo

no exterior, de tomar novos rumos e me redescobrir.

— É uma pena você querer viajar agora que te conheci — ele me deu um beijinho na testa. — Mas para mim, foi muito bom viajar. Acho que você tem que ir mesmo.

— Mesmo? Para onde você foi?

— Quando moleque, fiquei um ano nos Estados Unidos. Depois da faculdade, dei uma surtada e viajei de novo. Estava como você está agora.

— Então me entende, né?

— Completamente. Eu só consegui me resolver profissionalmente depois desse tempo perdido no mundo. Quero mesmo tocar em uma orquestra, mas, enquanto

não sai nenhum concurso bacana, me mantenho tocando em festas. O que acaba me

dando umas vantagens... — ele me deu um beijo depois de falar.



192

— Ah, você deve pegar muito... — brinquei e ele ficou em silêncio. Quis retomar

o assunto. — Para onde você foi?

— Cisme de ir para a Irlanda e para a Escócia.

— Também tenho vontade de ir lá. Gostou?

— Demais! Meus pais ficaram bem preocupados, mas foi muito importante para

mim. Sair da sua rotina faz você ver as coisas de outro ângulo, de outro jeito. Sair

do ninho é difícil, mas voar vale a pena demais!

Guto me deixava ainda mais animada. Parecia que ele havia entrado na minha vida no momento certo! Combinamos de nos vermos na sexta, pois já estava ficando tarde.

Estava cada vez pior ir trabalhar. Entretanto, eu tinha alguma esperança de aquela fase ruim passar. Quem sabe, como a Raquel disse, não apareceria uma nova oportunidade na empresa?

Encontrei com o Guto na sexta-feira e depois fomos para a minha casa. Dessa vez ele dormiu. No dia seguinte, foi sozinho para a padaria e comprou nosso café da manhã. Ele era um cara muito gentil. E sedutor. Sabia que aquele charme todo não atraía somente a mim. E nossa relação era completamente casual. Mas eu estava me permitindo viver aquilo.

Passei o sábado atualizando meu currículo e procurando vagas nos sites de outras empresas. Pirilampo me ligou, chamando para irmos ao cinema. Não podia

gastar muito, mas animei. Assim que saí da sala do cinema, o celular tocou.

— Cat, acho que tem uma boa oportunidade para você! — Guto me trazia uma novidade.

Ele me passou o e-mail de um cara chamado Thomas, casado com uma prima

distante dele. Thomas tinha uma produtora de filmes na Califórnia e estava fechando alguns contratos no Brasil. Precisava de alguém fluente em português e



193

inglês. Essa prima, chamada Bárbara, mandou e-mail aos amigos e parentes convidando alguém para trabalhar com eles. Desliguei o telefone achando que ficar

com Guto me dava sorte.

Mande um e-mail para Bárbara me apresentando. Conte sobre minha expectativa de morar fora, de tentar algo novo e abri o jogo, dizendo que não tinha

a menor noção de cinema, a não ser como espectadora.

No domingo, Bárbara me respondeu. Disse que a vaga não era para cinema, mas para auxiliar nos contatos com o Brasil, agendar locações, enviar roteiros, fazer comunicados à equipe... Era quase uma vaga de assistente administrativo.

Combinamos um horário no MSN para conversarmos. Na noite de domingo, estava

eu, com a câmera ligada, conversando com Thomas, em inglês, e com Bárbara. A

casa onde eles moravam era enorme e ficava num lugar incrível. O lote era enorme.

No primeiro andar funcionava a produtora e a casa, bem isolada, no segundo andar. E nos fundos havia um quarto com banheiro, uma pequena sala e cozinha.

Além do salário, eles ofereciam esse quarto, como moradia. Perguntei sobre a privacidade, e eles me disseram ter entrada independente e que, quando não estivesse na produtora, viveria do meu jeito. O salário não era muito alto e queriam

alguém com visto de trabalho temporário, já que seria um *freelancer* para a produtora. Combinamos de continuar nos falando. Pedi fotos da casa, algumas informações e escutinei a produtora na internet. Fucei tudo. Achei até alguns parceiros aqui no Brasil.

Mande um e-mail para Lucas, para ver o que ele achava. Comentava tudo com Luiz. Em um momento da sessão, cheguei a pensar que viajar seria bom para terminar a terapia. Luiz havia virado para mim um quase ex-amor. Era como se o

pior da crise tivesse passado, já que não me sentia mais angustiada ou triste por ele.

Contudo, eu queria virar logo essa página. E me ver livre dele.



194

— Se eu for morar fora, teremos que encerrar aqui — soltei.

— E é esse seu desejo?

— O que eu quero é recomeçar. Mas talvez seja mais fácil sair daqui do que conviver com você, como foi com as pessoas de quem gostei — eu tinha consciência

de que, embora tivesse avançado em muita coisa, mantinha alguma infantilidade.

Liguei para Guto para comentar da conversa com a prima dele. Ele me deu boas referências da prima e do marido. Eu estava animada. Lucas também me incentivou, mas me orientou a pegar mais firme nas pesquisas e pedir um pequeno contrato e algumas coisas registradas por e-mail. Eu ainda teria de saber o que eles tinham achado de mim. Troquei e-mail com Thomas e Bárbara o resto da semana. E cheguei até a fazer umas ligações para alguns clientes da produtora no Brasil e eles me deram boas referências do Thomas. Tinha a sensação de que não iria entrar em furada.

Mônica e eu saíamos sempre. Ela estava numa empolgação danada para dirigir. Eu aproveitava e deixava-a levar o carro na volta, já que ela dormia lá em casa. E eu aproveitava para tomar umas.

— Nunca estive tão confiante no meu trabalho. Passo horas criando, trabalhando nos meus projetos paralelos à empresa e fico no maior bom humor! Estou conhecendo gente nova, sentindo que vou crescer profissionalmente e ganhar mais dinheiro. Ai, Cat, pode ser piegas o que irei dizer, mas estou com sonhos novos... Tenho bons motivos para sair da cama.

— Não tem nada de piegas nisso. Eu acho o máximo você estar assim, porque eu

preciso de novos sonhos.

Queria mudar de vida de qualquer jeito. Estava tão louca que acabei agendando para tirar o visto em São Paulo antes mesmo de resolver tudo com o Thomas. Se não desse certo essa possibilidade, arrumaria outra. Eu chegava até a pensar que



195

ainda não tinha conhecido alguém especial porque tinha colocado na cabeça que iria ficar um tempo fora antes de isso acontecer. Eu estaria atrasando a minha vida

se eu não fizesse isso a mim mesma.

Em Divinópolis, comentei com meus pais sobre minha vontade de viajar.

— Catarina, você vai largar um emprego para viajar assim? — perguntava meu pai.

— É, pai, vou. E meu emprego nem é tão bom assim. Posso arrumar outra coisa depois.

O interrogatório adentrou a tarde. Perguntas de como me manteria lá, onde iria morar, como iria ficar lá legalmente e o que faria da vida depois foram feitas umas

cinco vezes. Meu pai foi o que mais se posicionou contra, afinal era servidor

público e o que mais gostava era de estabilidade. Eu também queria isso, mas não

exatamente naquela época.

— Acho muito arriscado você ir sem propósito! O Lucas foi para estudar, já está voltando e querendo fazer carreira. Você vai para trabalhar como *freelancer* numa

coisa que não tem a ver com o que você estudou...

— Pai, e se eu estiver estudado as coisas erradas? Não é sem propósito! Eu quero conhecer mais da vida, das pessoas, do mundo... Preciso conhecer mais sobre

mim mesma!

— Dá para fazer isso daqui, Catarina! Passa as férias lá e volta para o trabalho.

— Você não se arrepende de não ter vivido algumas coisas quando solteiro? Ou antes de estar preso num cargo público?

Ele ficou em silêncio. Senti que entrado em uma zona sensível. Mas foi o jeito que encontrei de ser ouvida pelo meu pai. Ele levantou e disse que teríamos o resto

do fim de semana para conversar. Eu sabia que meus pais carregavam algumas frustrações, como todo mundo leva. No entanto, não queria continuar a pessoa



196

amarga que estava me tornando. E se desse tudo errado depois, diria a mim mesma

que havia feito uma loucura na vida.

Minha mãe disse para eu deixar meu pai pensar um pouco, que logo ele se

acostumaria com a ideia. Na hora de ir embora, meu pai me deu um abraço e disse

para seguir meu coração, mas tomando cuidado. Ele sabia que, se eu quisesse mesmo, iria.

Durante a semana, recebi a ligação de um número estranho. Era Thomas me perguntando se eu tinha interesse no trabalho e quando eu poderia ir. Meu coração

disparou. Era a hora! Eu disse que tinha muito interesse e precisa de, no mínimo, um mês para acertar a minha ida.

Fiquei de ligar depois de uns dias, mas desliguei o telefone fazendo a lista das mil e uma coisas que deveria fazer. Desfazer do apartamento, dos móveis, do carro,

das contas e do emprego. Conversei com meus pais, mandei e-mail para o Lucas e a

Amanda e fiquei o resto do dia sem comentar nada com ninguém. Estava feliz e com medo. O que eu queria estava dando certo e isso me dava certo pânico. Mas eu

não ia amarelar!

Thomas mandou no meu e-mail um pequeno contrato de trabalho para eu revisar. Se estivesse de acordo, ele registraria e mandaria pelo correio ainda naquela semana. A demissão seria a última coisa que faria. Meu pai me ligou à noite. Perguntou se eu estava mesmo certa e se aguentaria viver com o salário que

me ofereceriam. Eu sabia que não era grande coisa, mas não gastaria com

moradia.

Amanda me mandou um e-mail bem fofo. Respondi agradecendo e dizendo que ainda tinha mil coisas para resolver, como o que fazer com os móveis e com o carro.

Amanda me ligou na mesma hora dizendo que tinha interesse em ficar com o carro.

Ela havia juntado um dinheiro, que ainda era bem pouco para dar entrada em um carro zero. A ideia dela era me passar esse dinheiro e assumir o restante das presta-



ções. Eu sabia que meus pais iriam ajudá-la a pagar as prestações, mas não me importei muito. Estava mais focada na minha vida. E a oferta era ótima. Aceitei, já

que o valor correspondia ao que já tinha pagado pelo carro. Era menos uma coisa para resolver.

Lucas fez a cabeça da minha mãe para pegar alguns dos meus móveis, como minha televisão e a cama. As miudezas eu iria deixar num topa-tudo, vender entre amigos ou doar mesmo.

Consegui uma autorização, na empresa, para resolver assuntos pessoais. Fui para São Paulo tirar o visto. Adorava a cidade, que parecia estar sempre 24 horas no ar. A entrevista foi rápida e pontual. Recebi o aviso de que em uma semana o visto chegaria no meu endereço. Já havia resolvido a metade do caminho e estava

realmente feliz.

Pensava na melhor forma de pedir demissão. Durante a minha caminhada na Praça da Liberdade, ia organizando algumas ideias e vi um rosto familiar no meio

das tantas pessoas que aproveitavam o ar fresco da praça para andar.

— Flávio?

— Oi, Catarina! Puxa, que incrível! Pensei em você há alguns dias — a receptividade dele estava bem diferente do que da última vez que nos falamos.

— Como vão as coisas? Está com uma cara boa...

— Desculpe não ter lhe dado muita atenção naquela ligação.

— Não precisa se desculpar, eu entendo. E acho que nem precisa voltar nesse assunto...

— Ah, Cat, graças a Deus, hoje sou outro. Foi tudo muito difícil, precisei até de terapia.

— Não brinca, mesmo? — disse com a cara mais lavada do mundo.



— Enfim, não quero atrapalhar a sua caminhada. Só digo que tudo melhorou depois que eu a perdoei.

— Você a procurou? — eu me espantava, pois Fabi não tinha comentado nada.

— Não preciso mais falar com ela. Soube por amigos em comum que ela se casou e espero que esteja bem. Aliás, o casamento dela só confirmou que temos visões distintas da vida. Eu perdoei dentro de mim. E sei que de alguma forma ela

recebeu meu perdão. Depois disso, minha vida fluiu. Tomei coragem e rompi uma

sociedade que estava me fazendo mal e corri atrás de um emprego, do jeito que eu

queria.

Acabamos sentando num banquinho e conversamos por muito tempo. Flávio

sempre quis trabalhar com Direito Ambiental, mas todos sempre o

desestimulavam. Diziam que era utopia e que não dava dinheiro. Ele acabou indo

por um caminho achando que teria mais retorno financeiro, mas estava infeliz e não

percebia. Ele me dizia, com alegria, que trabalhava em uma Secretaria do Estado e

tinha grandes possibilidades. E, para melhorar, tinha começado um namoro há pouco tempo.

— Foi muito bom revê-lo. Adorei a conversa. Eu sempre te achei caladão...

— É porque nunca tive coragem de dizer e fazer as coisas que realmente queria.

Agora me sinto mais livre.

Flávio passava uma sensação de liberdade interior incrível. Como eu queria

aquilo. Ele estava tão seguro de si que nem teve medo de que eu o achasse boboca

ao falar sobre perdão. E ele estava certo. Nós carregamos ressentimentos sozinhos.

Às vezes a outra pessoa nem sabe mais que a gente existe e ficamos ali, remoendo

as mágoas.



— Flávio, mande um abraço ao Phil. Eu tentei. Só que meu coração não estava ali... Mas adorei tê-lo conhecido — disse ao me despedir dele, que não esticou o

assunto.

Acordei com a coragem do Flávio e fui à sala do senhor Ari. Firme e calma. Falei

do quanto havia aprendido na empresa e do quanto o trabalho era importante para

mim. Mas que eu queria ir em busca de novas coisas.

— Catarina, diante do que me disse, vou te adiantar uma informação. Você seria promovida no próximo mês. O seu cargo deixaria de ser apenas uma organização interna da equipe e seria uma função institucionalizada. E achamos que se sai muito bem nisso.

— Senhor Ari, não sei se gosto muito do que eu faço. Não me sinto tão feliz, como me sentia antes, quando podia criar projetos.

— Será criado um pequeno setor, subordinado ao nosso, para cuidar de todos os treinamentos, que serão mais densos e constantes. Se você aceitar, irá para São

Paulo, na sede, cerca de duas vezes por mês para conhecer os novos treinamentos e

multiplicá-los aqui. Você seria a gestora desse setor, com sua própria equipe e um

novo salário.

Ele escreveu o salário num pedaço de papel e me deu. Era uma quantia considerável.

— Eu poderia criar novos projetos? Vou continuar dando treinamentos?

— Não, Catarina! Você vai ter uma equipe para treinar por você! Você será a

chefe deles — ele dizia como se dar palestras fosse algo ruim. — E você terá que se

ater às instruções recebidas da matriz. Os treinamentos virão de lá, sempre.

O senhor Ari me deu uma semana para pensar. O que estava tão certo para mim, naquela hora, balançou. Mesmo não sendo meu dia de ir à terapia, liguei para

o Luiz, que me encaixou na agenda.



— Tenho a possibilidade de ganhar bem mais, ser chefe, parar de bater cartão, ter vaga marcada no estacionamento, status e, quem sabe, ter uma carreira de

verdade na empresa.

— Isso é muito bom.

— É bom. Mas não sei se é o que eu queria.

— Por que você queria tanto a outra promoção e não quer essa agora?

— Boa pergunta! — fiquei alguns instantes pensando. — Eu sempre quis ganhar mais. E ter alguns privilégios, como já disse. Mas minha expectativa era de que eu

pudesse criar e gerir projetos que envolvessem os seres humanos da empresa. Não

as máquinas.

— Mas a parte de treinamentos é para as pessoas, não?

— Para as pessoas trabalharem mais e melhor, dando mais lucro para a empresa.

— Hum — Luiz com sua interjeição favorita.

— Além do mais, ficarei distante das pessoas. Não farei mais palestras.

Contratarão pessoas para fazer isso para mim. Se eu ficar longe das pessoas, não saberei quais são as demandas. Eles não querem ouvir os colaboradores. Querem que eu faça as reciclagens que a matriz mandar. Olhando desse ponto de vista, não

quero o cargo.

— E qual é o outro ponto de vista?

— Alguém vive só de luz e ar? O salário é bom, mas o trabalho é um saco.

Saí da terapia com a ideia de escrever ao senhor Ari um novo projeto para esse setor. Eu cumpriria as ordens da sede, mas acrescentaria a possibilidade de ouvir as demandas de nossa filial e adequar alguns treinamentos. Se eles aceitassem isso, eu ficaria em BH.



201

Escrevi o melhor que pude, como se minha vida dependesse daquilo. Passei o fim de semana tranquila, com esperança de que fosse aceito. Saí com Pirilampo e

Mônica, e me despedi da Paula, que mudou de vez.

Na segunda-feira, no final do dia, recebi uma ligação do RH da empresa. Quem me recebeu foi Roseli.

— Catarina, sempre gostei muito de você, mas tenho que ser bem profissional para o assunto que vamos tratar.

Meu estômago gelou. Será que eu havia feito alguma coisa errada?

— Você está insatisfeita com a empresa, Catarina?

— Roseli, eu não entendo o porquê da pergunta. O senhor Ari me chamou para coordenar um novo setor e dei algumas ideias. Que, aliás, acho bem pertinentes.

— Catarina, seu projeto foi enviado à direção da filial e da matriz, em São Paulo. Embora reconheçam seu talento, acham que você não tem o perfil da empresa.

Infelizmente, Catarina, você está sendo demitida.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Imaginei que pudesse

argumentar alguma coisa com o senhor Ari ou com a direção. Pensei até se a

Carmem tinha alguma coisa a ver com aquilo ou se o senhor Ari tinha agido de má-

fé comigo.

— Eu não fui chamada para uma conversa, né? Estou aqui apenas para ser informada de que estou sendo demitida. A empresa não considerou o meu histórico e o que construí. Não veem nem a mim nem aos outros colaboradores como pessoas, só como números — eu dizia entre lágrimas.

— Eu sinto muito, Catarina.

— Esse lugar não me merece! Agora está doendo, mas no fundo, sei que foi a melhor coisa que me aconteceu.



202

Fiquei no banheiro chorando até dar o horário de saída do pessoal. Não queria avisar nada a ninguém naquele momento. No dia em que fosse levar minha carteira

e receber meu acerto, eu me despediria das pessoas. Estava aliviada de a decisão ter

sido tomada. Eu iria para a Califórnia! No entanto, estava triste pela maneira

abrupta com que as coisas se resolviam. Pensava na reação das pessoas quando minha demissão se espalhasse. No Rubens e na Júnia, no Fábio... E aí, meu Deus, na

alegria da Carmem. Que vergonha. Não sabia qual versão da história iria rolar, mas

estava com medo do que pensariam. E pensar que dias antes eu estava com a possibilidade de todos comentarem: "A Catarina foi promovida". Agora o assunto

seria: "Coitada, ela foi demitida".

Só dei conta de mandar um e-mail aos meus pais avisando. Eles me ligariam quando lessem. Mônica foi à minha casa assim que mandei uma mensagem avisando. Assim que ela foi embora, mandei um dos e-mails mais importantes da minha vida: dei meu sim ao Thomas.

Acordei cedo na terça-feira e chorei mais um pouco. Demissão doía igual pé na bunda. Mas eu me consolaria na Califórnia. Lembrei que teria terapia naquele mesmo dia e chorei ainda mais. Como contaria aquilo ao Luiz? Se eu estava com vergonha do que o porteiro da empresa pensaria, imagina dele?

Passei o dia recebendo ligações de colegas da empresa. Minha demissão já era notícia. E ninguém sabia o porquê. Meus pais me ligaram na hora do almoço. Contei tudo ao meu pai, chorando, esperando que ele fosse me repreender por ter questionado demais.

— Filha, já que tem que voltar para a empresa só na outra semana para o acerto,

por que não vem ficar esses dias aqui com a gente?



203

Eu tinha para onde voltar. Por mais que eu berrasse que ali não era a minha casa, ali estava a minha família. Disse que iria, o mais breve possível, para Divinópolis. Guardei a reação do meu pai para comentar com Luiz o ocorrido.

— A mesma vergonha que eu estava de você, estava do meu pai. Freud explica, né? — brinquei.

— Que bom que compreende isso. E que bom que seu pai te surpreendeu na reação. Isso mostra que, talvez, você esteja com uma ideia errada sobre as

reações

masculinas.

— Mas dividir as nossas derrotas não é fácil.

— Principalmente quando as relações são baseadas somente nas conquistas.

Nem sempre voltamos para a casa com boas notícias.

— Se eu tivesse um namorado agora, sentiria vergonha de contar que fui demitida.

— Catarina, quando aceitar a você e a sua história, dependerá menos da opinião das pessoas. E escolherá alguém que te aceite, como você é.

Essa era a Catarina e aquela era a minha história. Eu tinha que aceitar isso. Para piorar um pouco mais, assim que estava chegando à minha casa, Guto me ligou.

Disse que eu estava sumida e que gostaria de me ver. Eu queria muito a companhia

dele, mas me sentia tão frágil que estava com medo de vê-lo. Ele percebeu que eu

estava triste e acabei falando o que havia acontecido. Em vinte minutos, ele estava

na porta da minha casa. Assim que ele entrou, chorei.

— Cat, se você tivesse sido demitida por incompetência você deveria estar triste mesmo. Mas você simplesmente questionou o jeito de a empresa tratar as pessoas.

E eles não querem gente que pensa, querem pessoas para obedecer. Você não se submeteu. Devia estar feliz!



204

Luiz estava certo. Eu estava condicionada aos jogos de conquista. Mostrar meu lado frágil não tinha sido tão ruim. E eu estava ganhando uns papéricos!

— Seu rosto fica lindo depois que você chora. Seus olhos ficam mais expressivos...

— Ah, para com isso!

— Sério! Sempre te achei gata. Já te vi arrumada em uma festa, acordando, dançando... Mas acho que agora é a vez que estou te vendo mais bonita.

Eu jamais pensaria em sexo nas condições em que eu estava. Contudo, o

comentário do Guto parecia afrodisíaco! Eu estava com os cabelos presos, a cara marcada de choro, uma blusa larga, daquelas que deixam um ombro amostra, um short jeans velho e chinelos.

— Ah, não! Não falei isso para você chorar mais, Cat! — ele disse limpando uma

lágrima.

— Nunca chorei na frente de um cara com quem eu ficasse. E é por isso que estou chorando de novo – eu ria e chorava ao mesmo tempo.

— Hum... Então eu sou o primeiro a te ver linda assim?

Ele colocou para eu escutar uma música instrumental bem bonita, que estava no iPod dele.

— Nunca ouvi essa música! É bonita! — nós já estávamos no meu quarto.

— Achei bonitinho você dizer que sou o primeiro a vê-la chorando e quis retribuir. Você é a primeira a ouvir uma música que eu compus.

— Imagina se eu tivesse dito que era feia!

— Ia quebrar meu embalo! Mas eu tive que correr o risco...

— Quer dizer que não sou a única medrosa aqui?



205

Nós apenas rimos. Beijos com gostinho de sal das minhas lágrimas, ao som da linda melodia do Guto embalaram a noite. Já não tínhamos mais tanto medo de saber — e mostrar — quem éramos.

Fui para Divinópolis curtir minha família. Pensei muito no Guto enquanto estava na estrada, em como seria namorá-lo. Mas eu estava mesmo de partida para

os EUA e ele em busca do próprio caminho. E Guto nunca havia dito que queria algo sério. Não era nosso momento, mas eu sabia que ele tinha sido uma

importante pessoa na minha vida. Esperava ter, pelo menos, um pouco daquela importância na vida dele.

Passei o dia fofocando com a Amanda. Eu estava às boas com a minha mãe, que, às vezes, participava de algumas conversas.

— Eu sabia que esse nome era o certo para você. Minha Catarina foi lá e disse o que pensava aos idiotas daquela empresa! Eles não sabem o que perderam.

Era o máximo estar ali, livre das mágoas. Conversei muito com meu pai quando ele chegou do trabalho. Dormi as melhores noites que já tinha passado em Divinópolis.

Fiz um levantamento do custo da viagem e fiquei um pouco desanimada. Mas daria um jeito de levantar uma grana para viajar e ainda manter uma pequena reserva.

Voltei a BH para entregar o apartamento e fazer meu acerto. Chorei ao me despedir das pessoas, que foram bem gentis comigo. Quando já estava dentro do carro, pronta para ir embora, meu celular tocou. Era o Rubens. Avisei que eu estava

no estacionamento. Ele pediu para que eu esperasse, para nos despedirmos.

— Como vai a vida de casado?

— Está indo bem, obrigado! O bebê já está quase chegando — ele passava a mão

na cabeça. — Catarina, como você está? Tomei um susto com sua demissão.



206

— Eu também! Eles devem ter achado desaforo me promoverem e eu ter sugerido mudanças no setor. Mas agora já foi.

— Era para você ser promovida? A história que chegou para nós foi outra...

Se o Rubens não tivesse me segurado, eu teria ido com um pedaço de pau pegar a Carmem. Achei que o chifre tivesse baixado aquele topete, mas a danada ainda não tinha me esquecido. Ela tinha comentando que eu havia sido demitida por ser

uma péssima profissional e um erro na programação de um treinamento tinha sido

a gota d'água. contei toda a história ao Rubens e pedi que ele me defendesse.

— É o mínimo que posso fazer. Pode deixar que vou desmentir tudo.

— Beleza. Bem, meu tempo de visitante está esgotando. Preciso sair daqui ou a segurança vem me tirar!

— Cat, seja muito feliz. Eu sempre gostei muito de você e nunca quis te fazer mal — ele disse me dando um abraço. E eu tive certeza de que Fábio tinha falado

do e-mail. — Sua vida sempre esteve muito além daqui. Você vai se dar muito bem,

eu tenho certeza!

Pensei em perguntar do e-mail ou por que ele havia terminado comigo, mas não fazia a menor diferença. Eu tinha que agradecer a Rubens pelo desconforto que ele

me gerou: só assim me inquietei a ponto de ir buscar terapia.

Dizem que vingança é um prato que se come frio. O meu seria gelado. Carmem que me esperasse.

No mesmo dia, mandei um e-mail aos meus antigos colegas, agradecendo o carinho e detalhando o motivo de minha saída, em virtude dos boatos que tinha ouvido. Não falei mal de ninguém. O e-mail foi, inclusive, com cópia para o senhor

Ari e toda a direção. Mandeí a mesma mensagem para a Fabi, que ainda não sabia

da minha demissão.



207

Ela estava em São Paulo e me ligou assim que leu o e-mail. Disse que Antônio lamentou muito minha saída e perguntava se eu queria que ele interviesse. Recusei

e disse que não queria voltar mais àquela empresa. Antônio era só um dos acionistas, assim como era em outras empresas. Ele não sabia o que acontecia em cada um delas.

O dinheiro do acerto foi bom, já que eu tinha um grande banco de horas. E ainda tinha o dinheiro da venda dos móveis e do carro. Eu poderia comprar a

passagem e ainda teria uma quantia guardada para qualquer emergência que houvesse nos EUA.

Na volta, passei na padaria em frente ao meu prédio. Eles estavam mudando de ponto.

— Nem a câmera inibiu os assaltantes, Catarina. Por isso vou para o prédio comercial da rua de cima. Lá tem mais segurança — disse Rui, o dono da padaria.

— As imagens são boas? — eu estava tendo uma ideia.

— Sim, já passamos para a Polícia, mas nada.

— O senhor se importa de me mostrar? Meu pai quer colocar lá em casa... Se não for incômodo.

— Nenhum, pode olhar. Fica tudo armazenado na internet.

— De todos os dias? — perguntei enquanto ele abria a página.

— Sim, todos. Só me dá um minuto, Catarina. Vou orientar o pessoal da mudança.

Era a chance que eu precisava. Saquei meu pen drive da bolsa e acessei os vídeos de um dos melhores domingos do ano. Na pressa de copiar, nem vi as imagens, mas esperava que alguma coisa dali me ajudasse. Desejei boa sorte ao senhor Rui e avisei que também iria mudar.



208

Subi e terminei de empacotar as minhas coisas. No dia seguinte, um carroto iria levar tudo para Divinópolis. Já tinha agendando minha última sessão com o Luiz para o dia seguinte e iria me despedir do Guto naquela mesma noite. Durante a tarde, fui surpreendida com a visita do Pirilampo, que me deu uma camiseta e um short de ginástica.

— Para você não deixar de malhar, amada!

— Depois desse incentivo! Mas aqui... Acho que nunca vi uma roupa de

ginástica assim! É linda e parece ser bem confortável! Que marca é essa?

— Fui eu quem fiz, Cat! Eu escolho a malha e desenho. Um colega meu trabalha numa fábrica e faz essa costura industrial para mim.

— Não acredito! Pirilampo, você é estilista! Arrasou!

— Amada, eu sou atento. Essa camiseta é ideal para o seu o corpo. Acho terrível as marcas venderem roupas como se todas as mulheres tivessem o mesmo tamanho.

Concordei com Pirilampo e disse o quanto ele era talentoso. O modelo, as cores, o corte e a escolha do tecido foram ótimos. Para completar, ainda havia um pequeno bordado na parte inferior da blusa, em uma linha rosa metalizada, com os

dizeres "Cat". Eu amei!

— Pode até arrumar um amigo gay americano, mas Pirilampo serei somente eu, hein?

— Está prometido! E o senhor pode até arrumar mais mamíferas, mas somente eu serei a gatinha!

— Combinado, felina! E olha que eu junto uma grana e vou parar nos Estados Unidos, hein?

Pirilampo era o máximo. Embora tivesse me aprontado, sempre o levaria em meu coração. Mônica também passou no meu apartamento depois do trabalho.



209

Contei para ela da minha conversa com Rubens e de como estava com raiva da fofoqueira da Carmem.

— Aguarde, Mon. O que é daquela vaca está guardado — eu ameaçava.

Guto me deu um CD com aquela composição e mais algumas outras. Eu tinha certeza de que ele entraria em uma orquestra ou faria sucesso com melodias que criava. A companhia dele foi incrível.

— Obrigada por tudo, viu? Vou para os Estados Unidos por sua causa.

— Ah, seu eu soubesse que seria tão ruim me despedir de você nem teria te

falado nada...

— Você já pensou em me levar a sério? — era a primeira vez que eu abria o jogo com um homem e eu estava me sentindo a pessoa mais corajosa do mundo!

— Você é incrível, Cat! Eu gostaria de namorá-la, mas eu ainda não tenho nada a oferecer. E você tem que trilhar seu caminho. Desde o início já sabíamos que seria

assim. Mas nós vamos nos falar muito ainda.

— É, vamos, sim. Quem sabe em outro momento, né?

— Independentemente do que acontecer, esse momento para mim foi ótimo!

Adorei conhecê-la!

Não sei se Guto tinha noção do quanto havia me ajudado. Estava um pouco triste de deixá-lo, mas sentia que talvez pudéssemos nos reencontrar. Não era uma

separação definitiva.

O pessoal da mudança chegou bem cedo. Despachei as coisas e entreguei o apartamento. Meu último compromisso em BH era me despedir do Luiz. Falei dos

últimos acontecimentos, da minha expectativa pela viagem e da vontade de ter sonhos novos.

— E pensar que eu estava morrendo de amores por você há alguns meses! Até li um pouco de Freud para ver se entendia o que tinha me acontecido.



210

— Para você ver como vale a pena nos conhecermos. Ainda que seja dolorido...

— Sei que estou no começo. Preciso rever algumas coisas da minha relação com meu pai e ainda algumas coisas com a minha mãe. Mas me sinto mais... Livre. Pronta para voar.

Acho que deixei Luiz constrangido quando dei um abraço de despedida. Sem malícia nenhuma. Apenas quis expressar minha gratidão.

— Eu não juntei dinheiro, não tenho uma carreira e ainda continuo sem um namorado! Mas juro: saio daqui diferente! Pelo menos consigo rir de mim

mesma!

Luiz apenas sorriu. Ele era sempre muito contido e profissional. Desejou-me sucesso e disse que eu poderia fazer contato quando precisasse.

Voltei para Divinópolis dando gargalhadas das confusões que tinha arrumado.

Quantos rompantes de raiva e choro por coisa boba. O que me fazia chorar tinha se

tornado motivo de riso.

Parei em uma cidade pequena no meio do caminho. Entrei na primeira lan house que vi. Coisa simples, de cidade pequena, sem câmera para me registrar.

Abri os vídeos que havia baixado e me divertia com as cenas: Carmem chorava, apertava os cabelos, batia a porta do carro, disparava o interfone e abordava como

louca as pessoas que saiam do meu prédio.

Tinha uma câmera que era bem voltada para o caixa da padaria. Para meu deleite, o vídeo estava com o áudio perfeito. Ela foi comprar uma água e acabou explodindo com a moça do caixa.

— Você sabe quem é Paula, que mora naquele prédio? Uma piranha que dorme com meu marido. Todo mundo precisa saber que ela é cachorra.

Criei um e-mail falso. Anexei o vídeo e enviei à pessoa que mais gostava de e-mails secretos. Já que o Fábio havia me detonado, contando o que tinha escrito no

e-mail para Rubens, e eu já tinha sido demitida mesmo, o que teria a perder? Para



211

todos os efeitos, estaria em Divinópolis, de mudança para a Califórnia. Ninguém saberia que era eu. Além do mais, eu tinha sido ótima: não destratei Carmem nenhuma vez publicamente. Ninguém iria imaginar que eu faria aquilo.

— Doutor Freud, sei que tenho problemas — disse em voz baixa —, mas já estou

melhorando. Não começarei nenhuma briga. Mas se chamarem para o ringue, a gata aqui não vai sair nocauteada! — e apertei "enviar".

E que se danasse a maturidade e a evolução. Naquele momento, eu queria meu

prato frio! Era até bom me sentir má!

Cheguei à casa dos meus pais com a boa notícia de que Lucas iria se encontrar comigo em Miami. Como o voo tinha uma escala lá, eu ficaria uns dois dias na casa

de um colega dele e, depois, seguiria para Los Angeles.

Curti muito a companhia dos meus pais e da Amanda. Conteí as últimas para a Bianca e saímos com alguns amigos nossos.

Quando fui à agência de viagens, emitir meus bilhetes, a moça que me atendia, muito simpática, falava do quanto era bom conhecer outras culturas, outra língua e

novos lugares. Mas eu só pensava em conhecer a mim mesma e desejava que a Califórnia me inspirasse.

Um dia antes de partir, quis visitar o túmulo da tia Fátima. Mesmo sabendo que ela não estava lá, imaginava que, em algum lugar alcançado pela minha mente, ela

seria capaz de receber minha gratidão. Pensei até no Freud, com quem eu até batia

algum papo. Talvez ele não fizesse ideia de que, em outro lugar do mundo, anos após sua morte, uma simples garota iria tentar aprender alguma coisa com ele. De

certa forma, ele me inspirava a me conhecer!

No lugar das lamentações que entoava, agradei a Deus a vida e as várias pessoas que haviam me ajudado. Parecia que aquela sensação de abandono e

mágoa cedia lugar a uma mulher que estava começando a vida, às vezes meio má,



212

mas com boas intenções. Eu estava com medo, mas também com coragem. Prometi

a tia Fátima que honraria a sua memória vivendo da melhor forma que pudesse.

— Obrigada por ter me tirado dessa e de algumas outras, doutor Freud — eu conversava sozinha, enquanto saía dali. — Se um dia eu precisar, procurarei o consultório de algum dos seus amigos. Mas que fique bem claro: de agora em diante, só aceito terapeuta mulher.



Formatado pelo Grupo:

Esta obra foi formatada pelo grupo Menina Veneno para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos, por favor,

que não hospede o livro em nenhum outro lugar

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.